

# Desenvolvimento de Base

Revista da Fundação Interamericana

Receptividade: Dos anos de Dyal para frente



VOLUME 26

NÚMERO 1

2 0 0 5

# Índice

Carta de nossos leitores

## AS RAÍZES DE UM APOIO RECEPTIVO

**Bill Dyal rememora**

*Paula Durbin*

**Os colombianos mais vulneráveis**

**Examinando a Boscônia**

*Marion Ritchey Vance*

**As ruas de Bogotá: uma travessia pessoal**

*Leonardo Escobar*

**Manos del Uruguay: O resultado final**

*Paula Durbin*

## SOLUÇÕES E ESTRATÉGIAS

**Sonhos entre as ruínas: uma nova geração de guaranis  
reconsidera o desenvolvimento**

*Patrick Breslin*

**As mulheres e o microcrédito em uma comunidade  
equatoriana**

*Marnie Schilken e Maria Eugenia Lima*

**Aceitar o desafio do HIV/AIDS**

*Oscar Ruíz*

**Serviços de água para as comunidades de Copán**

*Fabiola Palma e Sean Sprague*

## NA IAF

**A marcha do desenvolvimento**

**Os donatários nas notícias**

**Recursos**

**In Memoriam**

A Fundação Interamericana (IAF) é um organismo independente do governo dos Estados Unidos, criado em 1969 como um programa experimental de ajuda externa. Mediante doações diretas a organizações locais da América Latina e do Caribe, a IAF trabalha para promover a auto-ajuda. Além disso, faz parcerias com entidades dos setores público e privado a fim de mobilizar recursos locais, nacionais e internacionais para o desenvolvimento de base. O orçamento operacional da Fundação consiste de fundos provenientes de alocações do Congresso dos Estados Unidos e do Fundo Fiduciário de Progresso Social.

O Escritório de Relações Exteriores da IAF publica a revista *Desenvolvimento de Base* em inglês e espanhol. Pode também ser lida no website da Fundação na Internet —[ww.iaf.gov](http://ww.iaf.gov)— em inglês, espanhol e português em formato de gráficos ou texto. O material original produzido pela IAF e publicado na revista é de domínio público e pode ser livremente reproduzido. No entanto, certos materiais foram proporcionados por outras fontes e poderão ter direitos autorais. A reprodução desse material poderá requerer autorização prévia do detentor de direitos autorais. Solicita-se menção da fonte e cópia de qualquer reprodução. *Desenvolvimento de Base* aparece no catálogo do Standard Periodical Directory, no Public Affairs Information Service Bulletin, no Hispanic American Periodical Index (HAPI) e no banco de dados de Agricultural Online Access (WORLD). Números anteriores, em microfilme, podem ser obtidos da University Microfilms International, 300 N. Zeeb Road, Ann Arbor, Michigan 48106, USA. Para receber a revista, favor enviar e-mail a [publications@iaf.gov](mailto:publications@iaf.gov) ou carta ao seguinte endereço:

*Desenvolvimento de Base*  
Inter-American Foundation  
901 North Stuart St. 10th Floor  
Arlington, VA 22203

O propósito da revista é compartilhar experiências em desenvolvimento de base com uma variedade de leitores. A redatora incentiva o envio de artigos sobre temas relevantes que tratem, embora sem exclusividade, dos seguintes temas:

- como a população de baixa renda da América Latina e do Caribe se organiza e trabalha para melhorar as suas condições de vida;
- problemas e tendências no mundo em desenvolvimento; e
- como as instituições colaboram para promover o desenvolvimento da região.

Para obter informações mais detalhadas, favor dirigir-se por correio a Paula Durbin ao endereço acima indicado ou por e-mail a [pdurbin@iaf.gov](mailto:pdurbin@iaf.gov).



### **A Fundação Interamericana**

Roger Wallace, Presidente do Conselho Diretor  
Nadine Hogan, Vice-Presidente do Conselho Diretor  
Linda Borst Kolko, Presidente Interina da IAF

### ***Desenvolvimento de Base***

Revista da Fundação Interamericana

*Editora da publicação:* Paula Durbin

*Editor de fotografias:* Mark Caicedo

*Edições traduzidas:* Darío Elías

*Desenho e impressão:* Workshops Gráficos do  
Governo de EUA (GPO)

*Fotos da capa:* Sean Sprague. Antonio desfruta de um banho. Leia este artigo na página 40.

Impressão em papel reciclado com tinta derivada da soia.

# Desenvolvimento de Base

Revista da Fundação Interamericana

VOLUME 26

NÚMERO 1

2 0 0 5



## Índice

Carta de nossos leitores ..... ii

### As raízes de um apoio receptivo

Bill Dyal rememora

*Paula Durbin* ..... 1

Os colombianos mais vulneráveis

Examinando a Boscônia

*Marion Ritchey Vance* ..... 8

As ruas de Bogotá: uma travessia pessoal

*Leonardo Escobar* ..... 12

Manos del Uruguay: O Resultado final

*Paula Durbin* ..... 18

### Soluções e estratégias

Sonhos entre as ruínas: uma nova geração de guaranis reconsidera o desenvolvimento

*Patrick Breslin* ..... 26

As mulheres e o microcrédito em uma comunidade equatoriana

*Marnie Schilken e Maria Eugenia Lima* ..... 32

Aceitar o desafio do HIV/AIDS

*Oscar Ruiz* ..... 36

Serviços de água para as comunidades de Copán

*Fabiola Palma e Sean Sprague* ..... 40

### At the IAF

A marcha do desenvolvimento ..... 48

Os donatários nas notícias ..... 53

Recursos ..... 57

In Memoriam ..... 63

# Cartas de nossos leitores

*Para nós é sempre um prazer receber cartas de nossos leitores e foi uma satisfação especial constatar os comentários provocados por nosso número de 2004, especialmente as respostas ao artigo “Pensando fora da caixa de Newton”, de Patrick Breslin, e a nossa entrevista com David Valenzuela. Em vez da carta do redator, freqüentemente aqui publicada, dedicaremos este espaço às mensagens de nossos leitores:*

Atualmente sou instrutor de um grupo de administradores e dirigentes de cooperativas agrícolas da América Central, inclusive da República Dominicana. Um de meus objetivos é apresentar a este grupo dedicado e sofisticado de homens e mulheres novas formas de ver seu trabalho, de refletir sobre ele e de realizá-lo.

Recebo Desenvolvimento de Base há décadas e tenho em grande apreço sua contribuição para o desenvolvimento na América Latina. (Fui voluntário do Corpo de Paz na Colômbia na década de 1960, pelo que é de esperar uma coincidência de critérios). Impressionou-me de modo especial a temática do último número, questionando suposições e sugerindo a aplicação de novas metáforas. Eu gostaria de compartilhar esse exemplar com meu grupo e estou pedindo 22 exemplares em espanhol para serem usados nas minhas aulas.

## **Richard Harris**

*California State Polytechnic University  
Pomona, Califórnia*

Li o seu artigo “Pensando fora da caixa de Newton: Metáforas para o desenvolvimento de base” que me pareceu fascinante. As idéias expostas aproximam-se muito do que eu venho tentando desenvolver como enfoque e metodologia para promover a administração e o desenvolvimento participativos dos recursos naturais na Índia, com ênfase no estado de Gujarat. Fui alto funcionário do Governo de Índia, mas nas duas últimas décadas trabalho como dirigente de uma ONG e posso assim superar as limitações de trabalhar de maneira vertical. De fato, pudemos partir dos problemas das pessoas, em seguida passar ao que elas percebem como possíveis soluções e a ajudá-las a interagir com as aldeias e seus moradores que enfrentam problemas semelhantes

com bastante êxito. E quando o terreno está assim preparado iniciamos um diálogo sobre como a aldeia onde estamos trabalhando pode colaborar com nossa entidade de desenvolvimento para alcançar as metas para as quais podemos oferecer algum apoio. É neste contexto que me pareceram tão fascinantes os pontos expostos em seu artigo. Se a IAF trabalhasse também em países asiáticos, eu buscaria o seu apoio e colaboração para alguns dos programas que desenvolvemos e que podemos ampliar.

## **Anil C. Shah**

*Presidente, Centro de Apoio ao Desenvolvimento  
Ahmedabad, Índia*

Há vários anos venho lendo sua excelente revista e tenho em grande apreço o enfoque da IAF no fortalecimento das organizações de base e apoio às estruturas dos governos locais. Trabalho desde 1978 no desenvolvimento rural não-governamental do Sul de Ásia e experimento uma situação semelhante às idéias expressas na mencionada publicação no artigo “Desenvolvimento local: uma entrevista com David Valenzuela”. É incentivador saber que a IAF trabalha na direção que parece fundamental para sair da pobreza.

Também tenho alguns comentários e uma sugestão com relação a outro artigo do mesmo exemplar: “Pensando fora da caixa de Newton: Metáforas para o desenvolvimento de base”. Para mim é uma satisfação saber que o Senhor Breslin mostrou a relação entre o avanço que o mundo conseguiu na área das ciências e como isso se relaciona com nossas realidades sociais e formas de pensar sobre o mundo. Ao ler o artigo, esperava que fosse além do que observou, abordando algumas novidades recentes da teoria social e das organizações decorrentes do progresso científico na compreensão da vida e aplicando-as às organizações de desenvolvimento e a seu

trabalho. Neste sentido, o artigo me decepcionou. Talvez um artigo de acompanhamento em um exemplar futuro de Desenvolvimento de Base considere esses novos conhecimentos sobre as realidades sociais e das organizações.

Indico, a seguir, algumas fontes valiosas que podem ajudar a pôr em prática a minha sugestão: a obra mes-tra, em três volumes, de Manuel Castells *The Information Age; Global Capitalism (A era da Informática; o capitalismo mundial)*, publicada por Will Hutton e Anthony Giddens; e talvez um trabalho excelente, que une muitas fontes: *The Hidden Connections (As conexões ocultas)*, de Fritjof Capra.

Muito obrigado por seu linda publicação e desejo a todo o pessoal da IAF os melhores votos em seus empreendimentos em prol do desenvolvimento!

**William Christensen**  
*Instituto de Desenvolvimento Rural Integrado*  
*Bangladesh*

Patrick, o seu artigo realmente me IMPRESSIONOU! Além de estar muito bem escrito, é um dos textos mais provocativos que li nos últimos tempos. Também se assemelha muito a um livro de Peter Senge e outros autores intitulado *Presence*. Se você ainda não o leu, recomendo que o faça. Gosto muito de descobrir todos pensamentos e conversações em circulação que reforçam e alimentam um diálogo que ocorre em muitos setores.

**Traer Sunley**  
*PACT, Washington, D.C.*

O artigo [de Patrick Breslin] proporciona outra ponte para entender o desenvolvimento de base de baixo para acima para as pessoas que se sentem mais cômodas se estiverem apoiadas na ciência e incentiva aqueles que já crêem nos princípios do desenvolvimento de base a compreenderem talvez quanto poderiam aproveitar dos modelos lineares. Uma vez superados os imperativos administrativos, todo o conceito de “projeto” baseia-se no pensamento linear. Tenho refletido muito sobre o conceito de um ambiente capacitante e de estratégias de financiamento que possam aumentar a probabilidade de êxito. Entre as minhas inspirações está Fritjof Capra e especialmente o seu livro *Hidden Connections (As conexões ocultas)*. Ele também parte da complexidade e indica as semelhanças entre as ciências naturais e as sociais.

**Steven D. Pierce**  
*American University*  
*Washington, D.C.*

Fiquei muito interessado no artigo “Pensando fora da caixa de Newton: Metáforas para o desenvolvimento de base”, de Patrick Breslin, e na entrevista com David Valenzuela, feita por Paula Durbin e Patrick Breslin, os quais, de pontos de vista diferentes nos oferecem uma visão clara do significado do desenvolvimento de base e das linhas a serem seguidas para avaliar seus resultados.

**Carlos Criollo**  
*Verificador de Dados da IAF*  
*Quito, Ecuador*

O excelente artigo de Patrick Breslin me faz lembrar um que escrevi em 1969 e que incentivou Dante Fascell a criar a IAF.

**George C. Lodge**  
*Harvard University*  
*Cambridge, Massachusetts*

[Nota da editora: George Lodge foi membro do primeiro Conselho Diretor da IAF. Seu artigo “Revolução na América Latina” instou um compromisso oficial para melhorar as condições de vida dos cidadãos mais indigentes do Hemisfério por meio de uma “Fundação Americana” que “identifique e financie os motores da mudança que se empenham diretamente em revolucionar as estruturas sociais e políticas da América Latina”.]





# As raízes do financiamento receptivo

*“Uma instituição é a sombra prolongada de um homem”.*

— Ralph Waldo Emerson, *Self-Reliance* (Autoconfiança)

O ano passado, 2004, assinalou o 35º aniversário da criação da Fundação Interamericana por parte do Congresso dos Estados Unidos, um marco que Desenvolvimento de Base reconhece nesta edição dedicando espaço para lembrar nossos inícios, refletir sobre alguns êxitos cujas origens se remontam a essa época e depois examinar rumos mais recentes.

Como o Corpo de Paz, alguns anos anterior a nós, a IAF surgiu em 1969 em um contexto de decepção e esperança —decepção diante da incapacidade da ajuda externa tradicional de atingir as pessoas de baixa renda e a esperança de que as pessoas pudessem introduzir mudanças a partir da base. Tal com o Corpo de Paz que evoluiu como a projeção de Sargent Shriver, seu Diretor fundador, a IAF continua a testemunhar a visão de Bill Dyal, seu Presidente fundador. Esta retrospectiva reconhece sua influência indelével. Começamos com um diálogo com Dyal sobre o período de formação de 1969 a 1979 quando ele dirigiu a IAF e, em seguida, incluímos os perfis de dois donatários da era de Dyal: Bosconia, que trabalha com crianças abandonadas e vítimas do abuso na Colômbia, e Manos del Uruguay, o sistema de cooperativas rurais de tecelãs. Ambos estão ainda conosco, muito tempo depois de cessar o apoio financeiro da IAF.

Os anos de Dyal estenderam-se de fato a mais de três décadas, durante as quais sua insistência original na receptividade às idéias das pessoas de baixa renda organizadas orientou o trabalho da IAF para a meta de desenvolvimento que demonstrara ser tão difícil: melhorar as condições de vida das comunidades marginalizadas. Ao longo do tempo, essa orientação, agora uma política, tem produzido um destacado histórico de investimento nas pessoas e tem confirmado a convicção absoluta de

Dyal, a saber, elas de fato sabem atuar. Esta sabedoria domina o restante desta publicação, inclusive nossos perfis de soluções e estratégias contemporâneas que abordam o HIV/AIDS e o acesso ao crédito e ao serviço de água potável. E isso se estenderá a nosso próximo número que focará o fenômeno transnacional do desenvolvimento e a participação da IAF. Na IAF, a receptividade sempre foi a chave para apoiar as oportunidades que surgem e para avançar na única direção aceitável: para frente.



*Da esquerda para a direita: Gus Hart, Presidente do Conselho; a Senhora Dyal; e Bill Dyal em 1971.*

## Bill Dyal relembra

*De Paula Durbin*

# P & R



PATRICK BRESLIN

*Bill Dyal com Cynthia Ferrin, ex-Representante da IAF, em dezembro de 2004.*

Funcionários atuais e ex-funcionários da IAF reuniram-se em Arlington para comemorar o 35º aniversário da entidade e prestar homenagem a Bill Dyal, cuja confiança inquebrantável nas pessoas de baixa renda e em suas idéias configurou o enfoque receptivo da IAF no desenvolvimento de base. Em reconhecimento a seus serviços de 1969 a 1979, década em que ergueu a IAF desde seus fundamentos, Patrick Breslin, Vice-Presidente de Relações Externas da IAF, fez entrega de um exemplar do livro de fotografias da IAF *Passo a passo*, com a inscrição da citação de Emerson e com a assinatura de todos os presentes. Antes das comemorações, Dyal nos falou de suas impressões sobre os primeiros anos na IAF e suas reflexões sobre seu compromisso de toda uma vida com a justiça social.

**P** O que preparou o senhor para seu trabalho na IAF?

**R** Creio que foi uma combinação de minha experiência como missionário na América Central e do Sul e minha passagem pelo Corpo de Paz. Trabalhei com os setores baixos, social e economicamente, e isso mudou minha forma de atuar. Comecei a perceber que eles não tinham sido ajudados, que não tinham recebido o tipo certo de oportunidade. Além disso, tinha certeza de que eles tinham boas idéias sobre como resolver os seus problemas. Comecei assim com o conceito de receptividade. Não dizíamos o que eles deviam fazer; eles nos diziam o que queriam fazer.

**P** O que levou o senhor a trabalhar com os setores marginalizados?

**R** Não estou bem certo. Talvez pelo fato de ter sido um deles. Nasci em Austin, Texas, em 1928 e fui criado em uma família de operários. Meu pai e minha mãe me ensinaram muito sobre valores. Não me refiro aos valores políticos de hoje, mas ao que meu pai costumava dizer: “Só pelo fato de ser pobre não significa que você mereça que lhe dêem coisas”. Meus pais não foram à escola secundária, mas insistiram em que seus três filhos —eu sou o mais velho— fossem à universidade e tornaram isso possível.

**P** De que lhe serviu sua experiência como missionário?

**R** Aprendi muito sobre o amor e a justiça. Também aprendi a ser um rebelde, porque não concordava com a maior parte dos ensinamentos da Convenção Batista do Sul. A perspectiva era muito estreita.

**P** Como começou a trabalhar no Corpo de Paz?

**R** Bill Moyers, que foi Subdiretor do Corpo de Paz por algum tempo e depois Secretário de Imprensa de Lyndon Johnson, era um velho amigo meu. Ele me chamou um dia, no final de 1966, e me disse: “Vão lhe telefonar para marcar uma entrevista para trabalhar com o Corpo de Paz”. Ele tinha proposto meu nome ao então Diretor, Jack Vaughan. Quando me reuni com Vaughan e seu pessoal de alto nível e conversamos sobre a possibilidade de ser Diretor do Corpo de Paz na Colômbia, pude perceber que todos os presentes me olhavam com frieza: quem é esse missionário batista do sul? E Jack Vaughan pôs fim a isso dizendo: “É batista, como Bill Moyers”. Esse foi o começo de uma relação maravilhosa com o Corpo de Paz. Naquela época, a Colômbia tinha o maior

programa em todo o mundo com 800 jovens voluntários incríveis espalhados por todas as partes e eu aprendi muito. Posteriormente fui Diretor Regional do Corpo de Paz para o Norte da África, Oriente Próximo e o Sul da Ásia por cerca de um ano e meio. Isso me ensinou sobre outros países que na realidade eu não conhecia.

**P** O que trouxe o senhor para a IAF?

**R** O Conselho Diretor da Fundação Interamericana estava procurando um presidente e meu nome apareceu no fim da lista. Todos eram republicanos moderados e tinham contratado uma firma de caçadores de talentos. Eu creio que o Conselho me escolheu porque estava buscando alguém que não fosse do tipo dos profissionais do desenvolvimento e porque eu não formava parte do complexo político do Leste do país.

**P** Como era esse primeiro Conselho?

**R** O fato de a IAF ter sido criada no Governo Nixon tinha trazido ao Conselho dirigentes empresariais republicanos com uma visão da responsabilidade social corporativa. Fiquei entusiasmado com essas pessoas desde a primeira reunião do Conselho. O Presidente, Gus Hart, da Quaker Oats, era um homem fantástico. Todos os membros do Conselho formavam um grupo notável de pessoas dispostas a aprender. Escutavam o que propúnhamos e não procuravam dizer a nós, jovens funcionários ainda verdes, o que devíamos fazer. Acho que éramos um grupo um tanto imperfeito e rebelde, mas eles nos apoiaram.

**P** Qual sua opinião sobre o conceito original em que se baseou a IAF?

**R** Eu gostava da idéia de que seríamos independentes. Agradava-me o conceito de apoiar organizações não-governamentais e de que as doações não precisavam passar pela aprovação do Departamento de Estado ou do Congresso.

**P** Mas o senhor tinha de responder ao Congresso.

**R** Sim e quando compareci às minhas audiências, o Deputado Otto Passman me advertiu que não seria enterrado sem primeiro eliminar a Fundação Interamericana. Assim me disse: “Meu jovem, por que você não procura um trabalho decente?” Eu creio que um dos momentos cruciais surgiu mais tarde, quando compareci perante o Senador Proxmire, da Comissão de Alocações Orçamentárias; ele me perguntou sobre um projeto e eu lhe disse que realmente tínhamos dado uma mancada. Ele desceu do pódio, apertou a minha mão e me disse: “É

a primeira vez em minha experiência que ouço um burocrata dizer a verdade". Desde então tivemos uma relação excepcional com o Senado.

**P** Como a comunidade de desenvolvimento reagiu perante a recém-criada Fundação Interamericana?

**R** Quando o Congresso tirou os primeiros US\$50 milhões da USAID para que nós os distribuíssemos, todas as ONGs da América do Norte pareciam dizer: "Esse dinheiro é nosso. Sabemos gastá-lo melhor que os senhores. Podemos lhes facilitar as coisas. Sabemos a quem devemos financiar e conhecemos as pessoas certas. Simplesmente nos passem o dinheiro e não terão que preocupar-se, não terão de reunir pessoal, etc., etc. Eu lhes respondi "obrigado" e "não, obrigado" e mostrei o caminho da porta.

Eu não tinha poder em Washington, mas nos saímos bem, porque o representante Dante Fascell, o criador do conceito da Fundação, me convidou a ir a seu escritório. Ele era descendente de italianos, de baixa estatura, e me inspirou um medo atroz. Nós nos sentamos a uma mesinha de centro e ele me disse: "O que vai fazer quando eu o chamar e lhe disser que há pessoas aqui na minha porta dizendo que sabem mais do que você sobre como gastar o dinheiro?" Eu lhe respondi: "Eu sei que o senhor nunca me pediria para fazer algo que não fosse correto e que teríamos de estudá-lo com cuidado". E em seguida ele me perguntou: "O que você vai a fazer quando eu o chamar para lhe dizer que tenho algumas pessoas que precisam fazer parte do seu quadro de pessoal?" E eu lhe disse: "Bem, estamos reunindo um bom pessoal e se o senhor tiver boas recomendações, vamos examiná-las". Ele me olhou com um amplo sorriso e disse: "Caramba! Creio que já encontramos essa pessoa." E esse era o tipo de apoio que ele ofereceu.

**P** Qual foi o maior desafio?

**R** A total falta de compreensão sobre o que na realidade é o desenvolvimento.

**P** E o que é?

**R** Eu creio que é atender às necessidades das pessoas. Elas conhecem a sua situação muitíssimo melhor do que qualquer pessoa de fora. Assim, pode-se responder ao que elas pensam e sentem e ao que crêem que podem fazer. A meu ver, isso é desenvolvimento, embora não seja algo aceito de forma generalizada. O problema é que estar em posição de decidir e dizer às pessoas como trabalhar é a única razão de ser da maioria daqueles que concedem fundos, nos setores tanto público como

privado. No entanto, creio saber mais sobre o que não é o desenvolvimento. Não se trata das organizações de damas e cavalheiros generosos. E não é o que eu vi as entidades de desenvolvimento fazer na Colômbia, ou seja, pagar enormes salários a expatriados quando havia pessoas no país capazes de fazer o trabalho.

**P** Como o senhor conseguiu imprimir credibilidade à IAF no contexto do início da década de 1970, quando Washington a considerava como radical e em outros países era identificada como a CIA?

**R** Eu procurei criar um nicho em uma cidade que não entendia o que era este tipo de desenvolvimento, que não conseguia enxergar o que procurávamos estabelecer, que, além dos programas bilaterais de governo a governo, há uma forma de trabalhar de pessoa a pessoa, que as melhores soluções com freqüência se baseiam na comunidade e que é preciso uma organização flexível e de mente ampla para explorá-las. Senti que a tarefa estava muito acima de mim. O nosso maior desafio em outros países eram os embaixadores dos Estados Unidos que estavam nervosos. Quanto à população local, eu sabia que não podia convencer ninguém que não éramos a CIA e decidi adotar o provérbio bíblico: "Serão conhecidos por suas obras" e assim ficaríamos conhecidos.

**P** Como o senhor visualizava a operação?

**R** Eu era de opinião que não devíamos ter funcionários no campo, pois correriam o risco de transformar-se em pequenos capitalistas ignorando as possibilidades. E creio que isso fez uma grande diferença. Decidimos não fazer empréstimos nem esperar reembolsos. Segundo estabelecemos desde o início, as pessoas não precisavam de grandes doações, mas de US\$10.000 ou US\$50.000 que lhes permitissem dar um grande passo à frente. Queríamos manter os custos administrativos abaixo de 15%, algo impensável naquele tempo e provavelmente ainda hoje. Creio que algumas pessoas, inclusive alguns dos nossos funcionários, pensavam que a Fundação deveria transformar-se em algo muito grande. Eu nunca fui de opinião que fosse nem pudesse ser muito grande.

**P** O que o senhor aprendeu de sua experiência na IAF?

**R** Aprendi que era possível fazer o que estávamos fazendo. Sempre achei que se podia, mas não tinha provas até fazermos.

**P** Na sua opinião, qual foi a sua maior realização na IAF?

**R** O ponto de que mais me orgulho é a seleção do pessoal. Creio que escolhi as pessoas certas. A meu ver, ser líder significa designar o trabalho ao pessoal e sair da frente para que o realize.

**P** O que o senhor procurava?

**R** Eu procurava pessoas capazes de sentir empatia e que tivessem cultura, compreensão, sensibilidade e o idioma da América Latina e do Caribe; que fossem capazes de reunir-se com embaixadores e cativá-los e na mesma tarde pudessem montar numa mula, ir à caixa prego e reunir-se com os camponeses. A expressão “capacidade de sentir empatia” —não simpatia— é fundamental, porque eu não precisava de pessoas que achassem que iam distribuir muito dinheiro, mas de pessoas que ouvissem e pudessem discernir, com base no que ouviam, se eram essas as organizações a serem apoiadas. E tínhamos pessoas notáveis, capazes de fazer isso. Eu creio que os meus anos de trabalho como missionário e como membro do Corpo de Paz me sensibilizaram para identificar o tipo certo de estadunidenses, por assim dizer. Cultivamos uma forte camaradagem com esse pessoal inicial e espero que ainda continue porque é fundamental para a vida da Fundação.

**P** Há algo que o senhor teria feito de outra maneira?

**R** Creio que não teria cometido alguns dos erros que cometi em termos de pessoal. Não houve tantos, mas houve alguns. E creio que devia ter feito um trabalho melhor para que os congressistas e o Governo dos Estados Unidos entendessem o que realmente éramos. Creio que o meu temperamento tinha muito pouca paciência com as pessoas de mente estreita. Para que perder tempo?

**P** Por que saiu quando o fez?

**R** Ninguém estava me empurrando, mas eu sentia que se me estava identificando demasiado com a Fundação e que era chegada a hora de injetar sangue novo. Ainda me lembro que me sentei junto ao leito de morte de meu pai e lhe disse que tinha renunciado. Ele me disse: “Meu filho, o que você vai fazer?” Eu respondi que não sabia e ele me disse: “Acho que você perdeu o juízo”. Creio que ele tinha razão. Eu tinha duas filhas na universidade.

Mas de novo Bill Moyers veio salvar-me. Ele me chamou e me disse: “Frank Thomas assumiu há relativamente pouco tempo a direção da Fundação Ford e eu mencionei a ele o seu nome de uma maneira discreta”. Eu me reuni com Frank Thomas e ele me pediu que desse uma olhada no que estavam fazendo. Visitei então todos os escritórios da Fundação Ford em outros países e muitos de seus projetos aqui nos Estados Unidos e lhe mencionei o que pensava. Ele aproveitou muito do que falei. Depois recebi um telefonema da AFS, fui seu presidente e aprendi muito. E logo depois disso o St. John’s College me pediu para ser seu presidente. Tentei dizer-lhes que eu não era acadêmico, mas um dos membros da diretoria me disse: “Não estamos procurando um acadêmico. Temos muitos. Estamos procurando um líder”. E assim passei lá quatro anos, ajudando a criar um sentido de harmonia. Quando me diagnosticaram um tumor cerebral, a comunidade universitária se uniu a meu redor. Depois disso, tive de passar alguns anos em recuperação. Um dia, recebi um telefonema do Corpo de Paz com uma oferta de trabalho. E em 1995 acabei sendo Diretor do Corpo de Paz no Panamá, por dois anos. Este foi meu último grito de vitória.

**P** O senhor continua mantendo contato com a IAF?

**R** Nem tanto quanto deveria. Esta é uma das razões pelas quais este dia é especial para mim.

**P** O que o senhor aconselharia ao novo Presidente?

**R** Precisamos de alguém que chegue e diga: “Eu não sei o suficiente. Estou aqui para aprender e ouvir. Quero ouvir tudo o que tenham a dizer. Vou chefia-los em termos do que aprendi e continuarei aprendendo com vocês”.

**P** Há algo mais que o senhor gostaria de dizer-nos?

**R** Provavelmente há muito. Não é com frequência que se tem a oportunidade de criar algo a partir do zero e esta é a parte de que mais gostei do meu trabalho. A experiência que obtive aqui me ensinou muito sobre a capacidade das pessoas às quais se dá uma oportunidade. *Andando se faz o caminho*”. Nós ajudamos a abrir esses caminhos com os donatários. Não poderíamos ter feito isso sem eles. Eles são a verdadeira história da Fundação.

# A longa sombra de Bill Dyal

De Steve Vetter

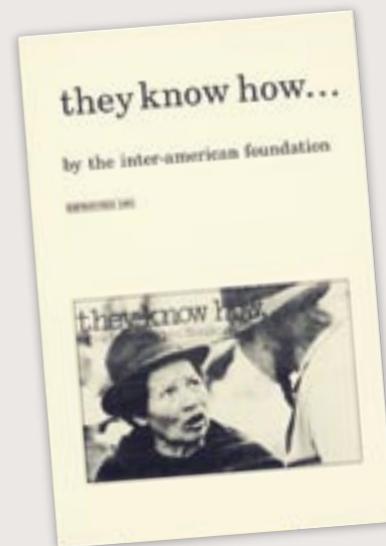
Quando Bill Dyal foi homenageado no St. John's College, um dos oradores observou que ele “possui as qualidades da verdadeira autoridade: o tipo de liderança sem pretensões, proveniente unicamente da estatura moral e pessoal”. Nossa sociedade vê-se invadida pelo fato de quase tudo estar inflado artificialmente: há atletas que tomam esteróides, práticas contábeis fraudulentas, e afirmações de organizações que dizem ser sem fins lucrativos quando estão ganhando enormes quantias de dinheiro. Mas tivemos três décadas e meia para pensar sobre o trabalho de Bill Dyal e verificar seus resultados e hoje estamos aqui para certificar que se trata do artigo autêntico e verdadeiro.

A Fundação foi criada com base na suposição de que o velho modelo de assistência para o desenvolvimento, de governo a governo, não estava funcionando muito bem. A visão original de Bill como Presidente fundador da IAF sempre foi clara: ajudar as pessoas a se ajudarem a si mesmas; não estorvá-las, mas apoiá-las. Seus três “erres” eram Responsabilidade, Receptividade e Risco. Investir nas pessoas. Ouvir as suas necessidades e os seus planos para resolver os seus problemas; não ser o perito. Tom Ramey, um dos primeiros Vice-Presidentes da IAF, falava com frequência em termos náuticos sobre os ventos dominantes da ajuda externa (que sopravam do norte e estavam vinculados a peritos bem pagos cujas soluções raramente funcionavam) e por que tinham de ser corrigidos. Nossa meta era um novo rumo.

Alguns afirmam que a maior contribuição de Bill foi conseguir mudar a atitude relativa ao que as pessoas de baixa renda podiam fazer por si

mesmas: a incredulidade a respeito da existência de pobres organizados e capazes de encontrar os meios de criar uma vida melhor para si mesmos. Constantemente tínhamos de enfrentar esse tema. A publicação de *Eles sabem* provocou um forte debate se os pobres realmente sabiam atuar. Algumas pessoas ainda afirmam que os pobres não sabem. Certas pessoas que nos apoiavam e muitos críticos nos asseguravam que não havia organizações locais para apoiar e que deveríamos investir os nossos fundos somente em ONGs dos Estados Unidos com muito dinheiro; que não havia ninguém mais a quem dar dinheiro. Ao observarmos agora o tremendo crescimento da sociedade civil em todo o Hemisfério e a sua poderosa voz, precisamos elogiar Bill —e o seu pessoal inicial que não tinha e-mail, nem fax, nem computadores e nem sequer telefones dos quais depender.

Uma dos testes do tempo é simplesmente ver como uma organização se está saindo depois de sua criação. Algo notável da IAF é o fato de ter perdurado 35 anos e ter mantido a sua visão de apoiar organizações não-governamentais sem fins lucrativos. Os últimos 15 anos têm constituído um desafio especial, mas a IAF tem sobrevivido e prosperado. Não me vem à mente outro programa governamental que tenha sido capaz de concentrar-se no alvo por tanto tempo e manter seu orçamento e apoio político. A maioria das principais fundações falam muito em apoiar o desenvolvimento de base e comunitário, mas poucas chegam a trabalhar de forma parecida à que Bill concebeu para a IAF.



A mim me intriga a importância de começar de forma correta. Todos nós vemos pessoas e instituições começarem mal e nunca conseguir apurar-se. O nosso reconhecimento por Bill é ainda mais profundo quando refletimos sobre o seu papel como Presidente fundador. Ele captou o espírito da exploração aberta de novas soluções como expressou o poeta Antonio Machado: “Caminhante, não há caminho, andando se faz o caminho”. Dyal nos assegurava que “andando se faz o caminho”. Andar muito —e voar — nos assegurou um bom começo.

---

*Este artigo foi tirado de um discurso pronunciado por Vetter por ocasião de 35º aniversário da IAF. A carreira de Vetter na IAF, de 1975 a 1996, incluiu cargos de Representante a Vice-Presidente de Programas e Presidente Interino.*



O padre Javier passa o dia com crianças no Pátio onde os recém-chegados se vão acostumando ao programa de Boscônia.

## Os colombianos mais vulneráveis

Fotos de Patrick Breslin

São chamados crianças, garotos, meninos de rua. São considerados delinquentes, inúteis, uma praga, uma ameaça ao comércio nos centros urbanos. Têm sido recolhidos e lançados na prisão, assassinados por policiais fora de serviço, explorados por depravados e internados em asilos. Segundo estimativa da UNICEF, 100 milhões de crianças e adolescentes vivem nas ruas do mundo, geralmente impelidos por uma combinação de pobreza e abuso. Há cerca de 40 anos, no intuito de abordar este problema na Colômbia, um jovem sacerdote salesiano de origem italiana, Javier de Nicolás, lançou um programa para os meninos de rua de Bogotá. Ele ainda dirige o programa, conhecido comumente como Boscônia, nome de um de seus primeiros centros. Atualmente, o programa conta com 76 instalações em toda a Colômbia e tem influenciado dezenas de programas semelhantes no mundo inteiro. *Desenvolvimento de Base* apresenta aqui duas perspectivas do programa do Padre Javier, a avaliação de uma ex-Representante da Fundação Interamericana, entidade que proporcionou fundos pela primeira vez durante a presidência de Bill Dyal e a experiência pessoal de um ex-menino de rua cuja vida mudou de rumo ao encontrar o programa.



## Os colombianos mais vulneráveis

Cristián Mendieta e Ronald Guerrero.

# Examinando Boscônia

De Marion Ritchey Vance

*Como representante da IAF para a Colômbia de 1974 a 1979 e posteriormente como diretora da região andina, Marion Ritchey Vance obteve a aprovação de duas importantes doações e três subsídios menores canalizados por meio da Fundación Orientación Juvenil para apoiar o programa de Boscônia. Apesar de Ritchey ter se aposentado em 1995, continua sendo perita da IAF nesta alternativa para crianças que defendem a si mesmas nas ruas de Bogotá. Ela compartilha aqui seus conhecimentos sobre o êxito do donatário e seu potencial.*

Nas três décadas desde que conheço o programa Boscônia, ele não somente tem sobrevivido mas tem crescido, uma realização ainda mais impressionante quando se considera o contexto de assassinatos, caos e crises na Colômbia. Os problemas logísticos para manter o programa funcionando são inconcebíveis. Então por que funciona? Minhas suposições serão anátemas às pessoas que preferem contar números. Não podem ser pesadas, medidas ou quantificadas e seria difícil “comprová-las”.

A primeira é tão simples e tão difícil quanto preocupar-se sinceramente por estes clientes pequenos e durões. O padre Javier de Nicoló tem conseguido através dos anos contratar pessoal —professores em particular— que realmente consideram essas crianças como seres humanos de grande valor, não prontuários de expedientes ou delinquentes a serem reformados. O respeito e o afeto dominam o programa. As crianças o percebem e começam a comportar-se conforme esperado —desde o garoto de nariz arrebitado com atitude hostil recentemente recolhido das ruas, até o estudante limpo de La Florida. Este último agrada à maioria. É preciso um tipo especial de pessoa para querer e aceitar o primeiro, que possivelmente

acaba de jogar o prato de comida na sua direção.

Quando Javier explica o programa, quase sempre se refere a Jean Piaget e a outros gurus de sua pedagogia implícita. Mas para mim, o genial é *como* seus princípios educacionais são aplicados, o que me leva ao segundo ponto: *opção*. A criança tem que esforçar-se muito para ingressar em Boscônia. Não chega aí por ordem judicial, nem por ter sido pressionado. Quando Javier e os seus colegas organizaram o programa no final da década de 1960, o propósito era torná-lo mais atraente para as crianças do que a vida do menino de rua.

E que era o que o tornava mais atraente? O *ambiente*, o espírito e os valores que sustentam tudo. Javier parece ter atingido o espírito que caracteriza a juventude e tirado proveito dele. A vida é interessante e estimulante; trabalhar é um jogo. Você pode conseguir! O programa apela para o sentido de aventura, algo que muitos garotos têm em abundância. Instituições dos Estados Unidos não se atreveriam a pôr a crianças em situações de risco como faz Javier com certas iniciativas, por exemplo construir salas de aula e dormitórios em terrenos desmatados nas selvas remotas do Darién ou na bacia do Orinoco —algo

que para a maioria pareceria uma loucura, mas que para os garotos significa uma aventura que justifica viajar dias inteiros em um caminhão de carga aberto.

A *diversão* é um componente do *ambiente*. Sempre há uma atividade que desperta a energia ou a imaginação da criança. A *música* é fundamental, parte do equilíbrio delicado entre estrutura e espontaneidade e uma chave para o êxito do programa. Desenvolve não só o talento específico da criança, mas também a disciplina, a concentração, o trabalho em equipe e a responsabilidade. Da mesma forma, a *arte* é enfatizada como essencial para a educação das crianças e sua inserção na sociedade. A *beleza* também contribui para o *ambiente*. Enquanto a maioria dos programas juvenis supõe que um edifício funcional (ou seja, o alicerce) e três refeições diárias, típicas de uma escola, é tudo o que uma criança necessita, Javier insiste no melhor, convencido de que o comportamento das crianças se porá à altura do seu meio ambiente. O edifício principal, La Florida, nos arredores de Bogotá, destaca-se pela arquitetura, uso do espaço e canteiros exuberantes. O *asseio* pessoal assenta as bases para o desenvolvimento da criança desde o momento em que decide ingressar no programa. O calendário de *festas* trimestrais realizadas para assinalar importantes marcos durante o ano ajuda além disso a imprimir um sentido de ordem e previsão para crianças acostumadas ao caos e à incerteza. A participação contribui para compartilhar valores e criar um sentido de comunidade.

Não quero dizer que tudo seja diversão e jogos. Desde o princípio, incentivam-se os garotos a escolher um programa acadêmico tão rigoroso como o de qualquer outra escola privada ou pública, a fim de preparar-se para os exames necessários para o bacharelado, muito respeitado na Colômbia, o qual inclui biologia, química, física, trigonometria, cálculo, inglês, linguagem, educação cívica, filosofia —além de teatro, para melhorar a capacidade dos estudantes de relacionar-se com outros, falar em público e decidir por si sós. Os estudantes absorvem o material a seu próprio ritmo e se mantêm assiduamente em dia com os acontecimentos da atualidade. Os visitantes sempre ficam impressionados com os conhecimentos que as crianças demonstram de história, geografia e cultura, bem como por sua curiosidade insaciável para aprender mais. Os garotos também participam de workshops práticos focados em técnicas básicas —desde o domínio de sistemas de computação até a fabricação de móveis, vitrais ou tecidos — escolhendo o que combina melhor com suas aptidões. As crianças recém-chegadas da rua começam fazendo algo para si mesmos —um brinquedo ou uma escova de dentes — e em seguida para seu grupo; mais tarde, para o restante da comunidade e depois, talvez, para vender.



A orquestra das meninas.

Para tornar agradável esta estrutura de trabalho e estudo, os fundadores de Boscônia intencionalmente incorporaram aspectos da vida arriscada e audaz destes garotos nas ruas:

- Para conseguir a participação plena dos jovens, o programa concentra-se em *mobilidade* em vez de confinamento. Quando visitei e observei o projeto pela primeira vez em meados de 1970, os jovens estavam em constante movimento. Viviam em um lugar, estudavam em outro; em seguida trabalhavam em outra parte e

continuamente passavam daqui para lá, tal como eles mesmos faziam quando viviam nas ruas e viajavam de ônibus sem pagar. No final, a zona geográfica que cobriam estendeu-se além de Bogotá para incluir todo o país, desde Acandí, na fronteira com Panamá ao norte até a bacia do Orinoco no leste.

- A forma de viver imita a *camada* ou *gallada*, pequenos grupos que se formam na rua para proteção mútua durante a noite. Primeiramente, os meninos vivem em casas pequenas no centro da cidade e depois passam para o nível seguinte, em casas geminadas em La Florida. Os residentes de uma determinada casa formam um clã, algo ao qual pertencem, que lhes dá uma identidade e permite exercer responsabilidades coletivas. Escolhem os líderes do grupo, muitos dos quais avançam por meio do sistema de autogoverno. Embora o autogoverno não esteja completamente livre da influência adulta, incentiva o desenvolvimento de aptidões de liderança e é um modo eficaz de controlar comportamentos indisciplinados. Além disso, muda de forma positiva o papel do *largo* ou garoto mais velho que manda na rua. Os garotos aprendem de fato os requisitos para ganhar a confiança de seus iguais, inspirar sua participação em atividades da comunidade e disciplinar quando necessário.
- Existe *liberdade*. Em momento algum o jovem é obrigado a ficar. Há uma grande tolerância para os que primeiro querem ingressar, depois querem voltar à rua e depois querem regressar. Acho que sair e voltar é mais

a regra do que a exceção e são poucos os garotos que “triunfam” sem ziguezaguear pelo caminho.

- A *irreverência*, ou uma atitude saudavelmente irônica com relação à sociedade, religião e política, aumenta a credibilidade do programa para garotos que aprendem a reconhecer a hipocrisia em idade muito precoce.
- O programa apresenta *desafios*. Por mais miserável que seja a vida nas ruas, é ao mesmo tempo uma incubadora de engenhosidade e aprendizado da sobrevivência. Metas difíceis de conseguir não desanimam os garotos acostumados a enfrentar problemas impossíveis na rua.
- O programa adota a *gíria*, formas populares e convenções da rua e as transforma em aforismos que pegam.
- O programa é *adaptável*. Um aspecto novo e interessante são as atividades de extensão, sob a forma de contratos como o celebrado com o governo local, mediante o qual os jovens trabalham com organismos municipais para limpar os parques, plantar árvores e manejar a reciclagem. Uma mudança maior foi a inclusão de meninas no programa, decisão devida principalmente à pressão dos garotos sobre Javier para fazer alguma coisa a fim de ajudar as suas irmãs que ainda andavam pela rua. Em minha última visita, tomei conhecimento de que Javier tinha chegado à conclusão de que seu sonho original de que toda criança saída do programa tivesse o bacharelado não seria uma realidade. O mercado de trabalho na Colômbia é tão restrito que ele estava incorporando uma educação mais orientada para ofícios, proporcionando diversas aptidões comercializáveis, tanto manuais como administrativas, que levassem ao emprego ou auto-emprego em vez de aumentar o número de estudantes com nível secundário que dirigem táxis.

Mencionei o alcance do programa como uma vantagem, mas às vezes me perguntei sobre as desvantagens. A expansão desde as três sedes originais até as 76 instalações atualmente distribuídas em todo o país significa vitalidade. Mas a expansão precipitada não poderia ser definida como um efeito Ponzi que mantém o programa ativo abrindo constantemente novas fronteiras? Como representante da IAF, com frequência percebi que enquanto eu procurava focar o projeto do ano anterior, repentinamente alguém me levava para admirar a casa mais recente e o último estratagema. E os “fracassos” não diminuem o ritmo de Javier. Ele pode terminar coisas, abandonar idéias muito queridas e superar tragédias sem quase perder o ritmo.

A preocupação de maior importância é a sucessão de seu cargo: os princípios, estratégias e procedimentos podem continuar e repetir-se, mas não se pode clonar Javier. O que vai acontecer quando ele não estiver mais



Padre Javier com outro grupo no pátio.

aqui? Como ser humano excepcional, ele se tornou indispensável para todos. É a figura do pai, educador, planejador e arquiteto, arrecadador de fundos, negociador, solucionador de problemas e inspiração espiritual que motiva tanto os garotos quanto o pessoal. Nunca consegui imaginar um indivíduo que pudesse ocupar o seu lugar. Surgiram candidatos promissores, mas se afastaram em seguida porque o poder não é compartilhado de forma eficiente ou porque as exigências do programa os esgotam ou ambas as coisas.

A sucessão está de fato complicada pelo prestígio do programa e pelo tamanho de seu orçamento, o que torna Boscônia um programa cobiçado por vários políticos ou burocratas. Javier tem mantido um apoio assombroso para o programa nos altos níveis do governo, inclusive uma série de Prefeitos de Bogotá e primeiras damas da Colômbia. Manter essas relações é uma batalha constante cujas regras do jogo mudam com os governos, mas Javier vem manejando esta situação com êxito há 25 anos. Ninguém realmente desafia Javier, mas seu sucessor talvez seja mais vulnerável. Talvez a solução venha por meio de uma estrutura nova, mais descentralizada com um administrador de muita capacidade no nível superior e um segundo nível de diretores de departamentos com especializações, autoridade e responsabilidade reais e com os graduados que agora ocupam a linha de educadores com a incumbência de preservar a mística do programa.

Se ser um modelo fôr indício de êxito, Boscônia deve receber uma nota alta. Uma diáspora de ex-professores e estudantes estabeleceram seus princípios em um número incontável de outras instituições. Não obstante, precisamos documentar de um modo mais eficaz a réplica de Boscônia e também seus resultados. Que aconteceu com os garotos que concluíram o programa? A natureza do programa e o caos na Colômbia tornam praticamente impossível a tarefa de acompanhamento. Arrisco um palpite: cerca de 25% dos jovens que se beneficiam do programa de educação de três a cinco anos (ou mais) realmente conseguem triunfar, ou seja, obtêm empregos estáveis e uma moradia decente para viver e manter a família sem problemas; outros 50% se capacitam o suficiente para sobreviver no dia a dia como a maioria dos colombianos e evitar terminar nas ruas; e os 25% restantes têm dificuldade de conseguir emprego e moradia, sair das drogas ou resistir as tentações do submundo de Bogotá.

Talvez a pergunta mais importante seja a seguinte: a experiência do programa rompe o ciclo de violência doméstica e abuso, a razão principal por que tantas crianças terminam nas ruas? A visão tão querida de Javier foi a de que proporcionar suficiente amor, segurança e a imersão



*Um participante do programa de Boscônia repara as ruas sob um contrato entre Boscônia e a cidade de Bogotá.*

em um modo de vida diverso levaria os jovens (e agora as jovens) a se relacionarem com outros seres humanos, especialmente cônjuges e filhos, com o respeito e a compaixão tão tragicamente ausentes na própria vida. Leonardo Escobar é um ex-aluno que personaliza o sonho de Javier. Com diploma universitário, ex-bolsista dos programas Fulbright e da IAF, profissional, esposo e pai, Leo, com sua esposa, criou um lar diametralmente oposto ao de sua infância. Em uma cerimônia realizada em 17 de dezembro em honra de Bill Dyal, Leo falou sobre o que o investimento da IAF significou para o povo da América Latina. Quando terminou, seu filho de três anos, com o rosto feliz, disse à sua mãe radiante: “O papai sabe falar bem, a senhora não acha?”



## Os colombianos mais vulneráveis

# As ruas de Bogotá: uma travessia pessoal

De Leonardo Escobar

Em 1968 eu ainda não tinha oito anos e vivia em La Dorada, Caldas, a uns 300 quilômetros ao noroeste de Bogotá. Meu pai bebia demais e constantemente maltratava minha mãe, que me castigava com frequência. Minhas notas no primeiro semestre foram baixas e minha mãe me deixou sozinho, trancado em casa, enquanto a família ia passar um mês com meu avô. Foi um golpe duro para mim porque meu avô Juanito me dava a segurança e o amor que eu não recebia de meus pais.

Felizmente, a casa tinha um terraço a três metros de altura de onde eu podia subir nas árvores e descer até a rua. Esse foi o início de minha experiência como criança de rua. Nossa *gallada* (gangue) se divertia muito brincando e nadando no rio Magdalena. Quando saíamos da água, fumávamos cigarros e tomávamos aguardente. Eu voltava para casa somente para dormir; e quando minha família regressou de Medellín, minha mãe me castigou até fazer com que todo o meu corpo doesse. Decidi fugir. Com camisa de manga curta e sem um centavo nos bolsos da calça curta, entrei num ônibus com destino a Bogotá. Quando cheguei, a noite caía, fazia frio e chovia. Com a autorização do motorista, passei a noite no ônibus, embora não pudesse dormir por não ter com que me cobrir e por não ter comido o dia todo.

Na manhã seguinte, comecei a explorar um panorama desolador; ruas cheias de lixo, gente dormindo nas calçadas, casas abandonadas, terrenos baldios e lenha queimada da noite anterior. Em volta da estação, as lojas começavam a abrir e a avenida encheu-se de vida com o barulho ensurdecedor das buzinas e o tumulto das pessoas. Tudo parecia confuso. Aquela manhã e muitas

outras, tive de suportar o frio que congelava os ossos; em poucos dias, a pele do meu rosto, braços e pernas rachou a ponto de sangrar. Depois de passar dois dias sem comer, finalmente me aproximei de uma senhora com um carrinho de compras que me deu algo para comer.

Não me dava conta do perigo que corria. Andava por San Victorino, perto do Parque de los Mártires, no centro de Bogotá, uma das zonas mais perigosas e temidas da cidade. Aos oito anos, transformei-me num pequeno adulto, enfrentando cada dia do jeito que viesse, tendo as drogas e o álcool como companhia bem-vinda nas noites de frio quando dormia na rua. Uma de minhas primeiras lições foi reconhecer o valor de um amigo que se transformou em meu irmão mais velho. Tote, de 11 anos de idade, tinha um vocabulário de palavras grosseiras, que aprendi, e estava armado até os dentes com armas caseiras. Conhecê-lo significou minha iniciação como *gamín*, moleque de rua que tinha que roubar para sobreviver, participar dos ritos de minha *gallada* e aprender a defender-me contra os adultos que tentavam aproveitar-se de minha falta de experiência.

Vivia aterrorizado pela ameaça de abuso sexual por parte de adultos e mesmo de outros membros da *gallada*. Eu era o menor da *gallada*. Tote, meu protetor durante três anos, me ensinou a lutar e a ganhar o respeito dos demais. Descobri que tinha algo de valor para compartilhar: sabia ler, escrever e conhecia aritmética, ao contrário de meus companheiros, e podia criar estratégias. Sabia quando era o momento de roubar e podia detectar o perigo, inclusive de policiais secretos. Um dia —Tote tinha 14 anos e eu, 11— meu amigo não regres-

sou à entrada do edifício onde um guarda nos permitia dormir e sua esposa, às vezes, nos dava de comer. Semanas depois soube que Tote havia entrado numa briga de acerto de contas. Nunca mais o vi. Foi uma perda tremenda para mim.

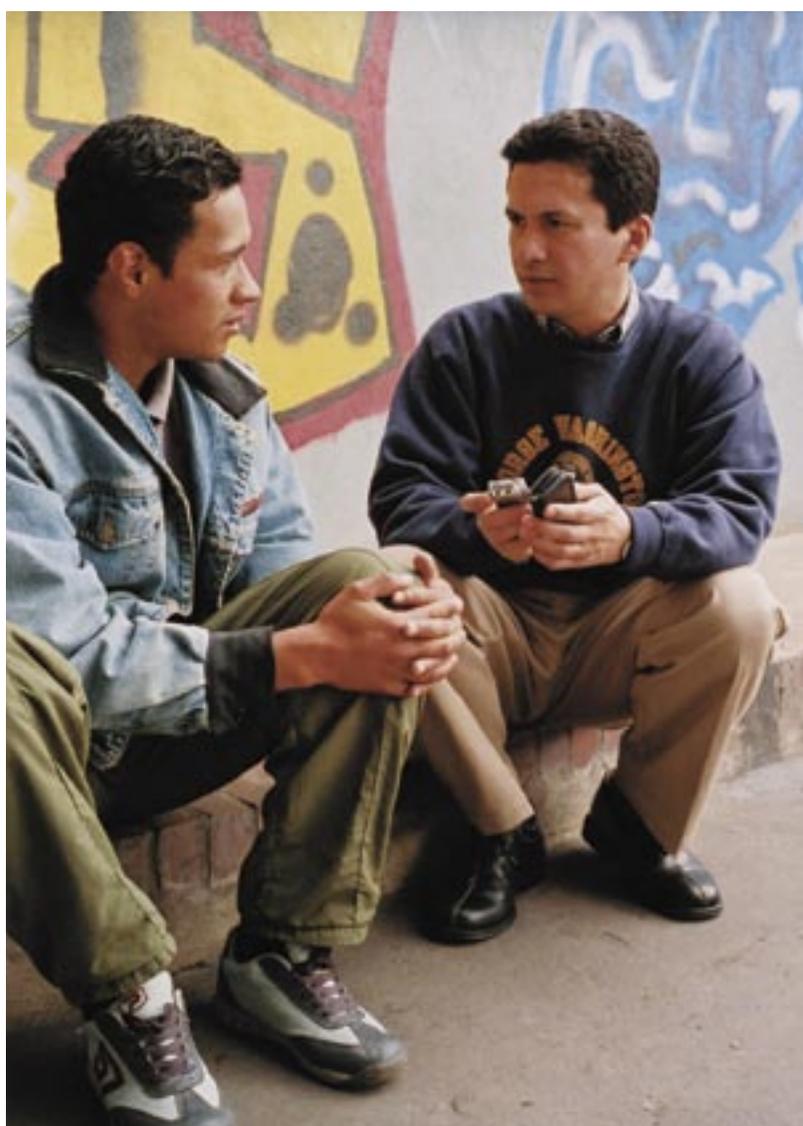
Alguns dias depois, debilitado pela gripe, tornei-me o alvo perfeito de um “samaritano” que me levou para sua casa e tentou abusar sexualmente de mim. Consegui fugir e fui parar num hospital. Os médicos disseram que eu tinha broncopneumonia, uma palavra que não entendi, mas que nunca mais esqueci. Transformei-me no queridinho do hospital e o pessoal decidiu mandar-me para um internato. Ao me dar conta de que ia perder minha liberdade, voltei para o Parque de los Mártires. Um mês depois de ter fugido, no final de 1971, estava perambulando perto de uma escola dirigida pela Comunidad de Hermanas de la Presentación. Faminto, bati na porta e as irmãs me receberam com comida, uma ducha quente, roupa e brinquedos. Depois disso, a irmã María de Sales mandou-me para a Casa Boscônia. Sem saber, havia dado o primeiro passo para uma nova vida.

Boscônia foi originalmente idealizada por um sacerdote italiano, Padre Javier de Nicoló, que chegou à Colômbia em 1949. Em meados de 1960, como capelão do Centro de Detenção Juvenil de Bogotá, convenceu-se de que o sistema penitenciário não estava educando meninos, mas tirando sua dignidade e sua liberdade, aumentando seu ressentimento e agressividade quando voltavam às ruas. Por que não trabalhar com os meninos de rua de Bogotá antes que fossem detidos, perguntou a si próprio. Padre Javier desenvolveu uma filosofia que mais tarde se concretizou nas etapas do Programa Boscônia, com a ajuda do qual os meninos, e mais tarde, as meninas, avançam passo a passo.

A primeira etapa estabelece laços emocionais com as crianças convidadas a participar das atividades realizadas nos Patios de Externos ou centros de contato. É explicado para eles que o programa não é uma extensão da vida de rua, que não podem vir drogados, armados ou procurando briga. A segunda etapa, ou etapa motivacional, com uma ampla oferta de esportes e jogos, desafia-os a escolher entre a rua e o programa. Alguns, para os quais as drogas e a vida nas ruas são mais atraentes que o programa, têm de fazer a escolha diversas vezes. Como eu tinha ingressado no programa por intermédio da Irmã María de Sales, meu anjo da guarda, pulei as duas primeiras etapas e comecei na terceira, o programa residencial. Minha primeira impressão foi de limpeza e

ordem, campos de futebol e quadras de basquetebol e o barulho alegre de crianças brincando. Fui recebido com grande afeto e designado para Taironas que, como os outros dormitórios, tinha o nome de uma tribo indígena.

O fim de minha vida de rua marcou uma enorme mudança psicológica e física. As defesas que tinha adquirido nas ruas começaram a desaparecer e durante algum tempo me senti debilitado. As lembranças de maus tratos me perseguiram. O apoio e a paciência da Irmã María e do Padre Alfredo foram fundamentais para dominar minhas reações de agressividade, isolamento e mesmo de doença. Além disso, estava entrando na adolescência e não entendia tudo que acontecia comigo. Felizmente,



*Leonardo Escobar entrevistando Gustavo Alonso Garcés, esquerda, na página oposta e Alexander Gaitão Murillo, acima.*

conheci o Padre Javier de Nicoló, que tinha a capacidade de cuidar de todos nós e ao mesmo tempo dar atenção individual quando mais se precisava. Ele se tornou meu pai, meu mentor e meu amigo incondicional.

Aprendi a interagir com meu grupo. Como nas ruas, entre os novos companheiros de minha idade, ainda era o “burguesinho”, o menino rico que podia ler e escrever e teve de ganhar seu respeito e a confiança de meus professores. Finalmente, fui eleito “chefe da tribo” de nosso dormitório e tornei-me membro do Conselho de Chefes de Boscônia, com 32 membros que representavam cada dormitório. Liderei o grupo de ginástica da manhã, a inspeção da aparência pessoal e da limpeza do dormitório e áreas comuns. Depois da escola, trabalhava com os professores em atividades de recreação e da casa. Na hora de dormir, tinha a responsabilidade de assegurar que todos estivessem acomodados, pois os dias de semana começavam muito cedo. Mantínhamos muito ocupados, com pouco tempo para o ócio e maus hábitos. Como chefe de minha tribo, era muitas vezes desafiado a brigar até que um dia decidi enfrentar



Adriana Jiménez.

o temido “Aramba”. Não tínhamos o mesmo tamanho nem a mesma força e, portanto, levei a pior, mas ganhei seu respeito e o dos outros. Tinha que ser criativo para sobreviver. Sempre tinha os bolsos cheios de guloseimas e, como havia me tornado um ás nas bolas de gude, ganhava dinheiro vendendo essas *garvinches* (bolas de vidro) que eu inevitavelmente voltava a ganhar e vendia de novo. Complementava minhas finanças com pequenos bônus que recebia dos professores e diretores. Tudo isto atraía um grupo de meninos mais velhos e maiores que me defendiam.

Aos 14 anos, decidi voltar para minha família em La Dorada. Quando cheguei, encontrei minha mãe e meus irmãos do lado de fora da casa esperando que meu pai os deixasse entrar depois de ingerir sua dose regular de álcool. O encontro me permitiu refazer meu relacionamento com minha mãe, mas tive que desistir de ajudar a minha família. Voltei para Boscônia e me integrei à República de los Muchachos, mais conhecida como La Florida por sua localização no Parque La Florida. Essa quarta e última etapa do programa, para os jovens que estavam prontos para a auto-suficiência, tinha, em 1976, uma infra-estrutura comparável a qualquer das melhores instituições de ensino da Colômbia. Reuníamos-nos no El Cabildo, uma cabana circular com capacidade para 400 pessoas, para tomar decisões e realizar eventos. Elegíamos um conselho de governo composto por um prefeito, secretários de governo, finanças, educação e saúde. A autonomia significava punir as infrações. Uma ocasião, após discutirmos o assunto, obrigamos um dos rapazes que sempre fingia estar doente a ficar o dia inteiro na cama enquanto os demais o serviam e faziam seu trabalho. Sentiu-se tão envergonhado que se desculpou e pediu que suspendessem o castigo.

A parte residencial de La Florida tinha 32 casas que acomodavam 15 pessoas cada. Cada oito casas formavam um bairro, com praça e jardins. A seção administrativa tinha uma cozinha ampla, uma sala de jantar geral, um salão com múltiplas finalidades, uma cooperativa de vestuário, biblioteca e banco para nossa própria moeda, o florín. Nossa escola tinha salas de aula e oficinas para treinamento profissionalizante, além de música, dança e teatro. Descobri que tinha ouvido para a música e estudei flauta transversa por um tempo. Quer continuássemos ou não, todos os que se aventuravam na música, teatro ou dança adquiriam disciplina, perseverança e paciência. No final da década de 1970, La Florida formou sua primeira banda, que tem feito apresentações no exterior. Hoje em dia, o programa tem diversas bandas, bem como grupos



*Julián Acevedo e Juan Esteban Sepúlveda.*

de teatro, dança e corais, que proporcionam alegria e orgulho indescritíveis.

Em 1980, fui um dos 15 primeiros estudantes de La Florida a completar a escola secundária. Pouco depois, Padre Javier me avisou que eu havia sido designado para ensinar na Escuela Autoactiva la Arcadia, uma unidade educacional com escola primária e oficinas profissionalizantes para 250 crianças na etapa anterior à República de los Muchachos. La Arcadia é uma fazenda na periferia de Bogotá. Da estrada pode-se ver uma grande casa branca da época das grandes fazendas, cercada por campos férteis, onde nós e nossos estudantes plantávamos rosas e outros cultivos, cuidávamos de jardins e dos animais.

Como educador, descobri que tinha sob minha responsabilidade uma manada de touros rebeldes, um grupo de 30 crianças que me faziam lembrar como tínhamos feito nossos professores sofrerem. Meu colega era Ramiro Rivero, um líder nato, educador, músico e amigo. (Seu passado trágico, que incluía a perda de toda sua família, o atormentava. Nas ruas, queimou quase o corpo todo ao cometer o freqüente erro de muitos meninos de

acender maconha após inalar gases de gasolina, sem se dar conta de que sua roupa estava impregnada dos gases. Depois de deixar o ensino, decidiu dar fim à própria vida). La Arcadia foi a melhor oportunidade para Ramiro e eu aprendermos a ser professores. Tínhamos que ser criativos para evitar usar a força com as crianças, porque tocá-los era motivo de demissão. Em um caso, tentamos diversas técnicas para evitar que dois meninos brigassem, mas sem resultado. Um dia, tivemos a idéia de obrigá-los a passar um dia inteiro juntos, sempre a menos de um metro um do outro. Eles conseguiram fazê-lo sem uma só briga. Nunca se tornaram grandes amigos, mas aprenderam a conviver em paz.

Em 1983, o Padre Javier nomeou-me diretor da Casa Camarín, no Barrio la Candelaria, centro histórico de Bogotá. Foi uma mudança drástica, em comparação com a fazenda. Camarín era um espaço fechado, um grande dormitório com uma fileira de banheiros e chuveiros e uma cozinha pequena. Fazia parte da etapa motivacional, com um programa intensivo de desintoxicação, onde a cada 45 dias entrava um novo grupo de 30 crianças



Coro de meninas.

usuárias de cola, pasta de coca, gasolina e o álcool. Uma ou duas vezes por semana, eu acompanhava Majito, Manuel Ospina, nas visitas às camadas, onde as crianças de rua dormiam, para convidá-las a participar das atividades do Pátio. Majito era um professor excepcional, ex-menino da rua dedicado ao programa até o dia de sua morte. Uma vez em que reunimos um grupo interessado no programa, Majito encarregou-me de levá-los do Pátio até Camarín. Os jovens, maltrapilhos e cheirando mal, aproveitaram-se da caminhada de 15 minutos para portar-se mal. Quando chegamos ao Camarín, mencionei as coisas que não poderiam continuar fazendo. Uma vez, depois de perceber que vários meninos fumavam maconha, tive com eles uma de minhas conversas habituais e os deixei sozinhos para que decidissem o que queriam fazer. Depois de algum tempo, por própria vontade, um deles aproximou-se e deu-me o restante da maconha; outro me deu suas navalhas porque eles queriam passar para a próxima etapa.

Alguns jovens nunca puderam superar seus maus hábitos. Apesar de eu ter experimentado tudo – gasolina, cola e *pepas*, uma bomba feita de bebidas carbonadas, álcool e um sedativo forte – nunca fui viciado. Além disso, em comparação com outros, tinha-me beneficiado de certa educação e queria mais. Ao longo de meus anos como educador e diretor, tive que utilizar tudo que aprendi com o programa. Várias vezes pensei em renunciar, mas as mudanças operadas em cada criança que passava por La Arcadia, Camarín e Boscônia, fruto da dedicação,

perseverança e paciência, me motivaram a continuar.

Em 1986, uma bolsa de estudos Fulbright me permitiu estudar a teoria e a prática do desenvolvimento moral com Lawrence Kohlberg, da Universidade de Harvard. Ao regressar à Colômbia, reassumi a direção de Camarín e assumi a responsabilidade por outras casas, pela capacitação de novos professores e por representar o programa em seminários e outros eventos. A partir de 1989, graças a duas doações da Fundação Interamericana, fiz um estágio nos EUA que me levou a 12 cidades. Em seguida, obtive um mestrado da School for International Training em Brattleboro, Vermont. No início de 1993 iniciei uma carreira de dez anos na De Waal Foundation da Holanda, coordenando centros de capacitação para educadores de rua em 10 países da América Latina.

Para escrever este artigo, regressei às ruas de Bogotá após quase duas décadas e constatei que o programa tinha crescido das três casas do início da década de 1970 para 76 instalações, abrangendo desde abrigos até magníficas escolas profissionalizantes. Além disso, há projetos em toda a Colômbia atendendo a crianças e adultos que representam os 31,1% dos colombianos que vivem atualmente na pobreza. Embora as ruas sejam agora mais violentas, observei que a pasta de coca e a cola de sapateiro, que eram usadas antigamente, continuam a ser as drogas mais utilizadas devido a seu baixo custo. Elas causam lesões cerebrais irreparáveis em crianças que a sociedade considera descartáveis. Entre os 14 e 22 anos, esses jovens tornam-se membros de quadrilhas pelas mesmas razões que nós nos integrávamos às *galladas*: problemas familiares, pobreza, falta de oportunidades de emprego. Uma ficha criminal e a falta de um documento de identidade associam-se para deixar os membros das quadrilhas sem outra alternativa que não o consumo de drogas e mais delitos.

Trapeceistas é a palavra usada em Boscônia para referir-se aos membros de quadrilhas que buscam um modo de vida diferente por meio do programa. Este os ajuda a obter carteira de identidade e lhes oferece capacitação para o trabalho. A oportunidade de visitar esses trapeceistas me recordou a preocupação do Padre Javier com a falta de oportunidade de emprego que enfrentaram os primeiros a completar a capacitação. Uma doação da IAF em 1976 proporcionou apoio à primeira tentativa de tratar do problema e o Padre Javier investiu os recursos em novas oportunidades educacionais e em uma fazenda em Acandí. A colocação no mercado de trabalho continua a ser um desafio. As empresas

que o Padre Javier procura contribuem prontamente, mas a princípio resistem em contratar os formados por temerem seus antecedentes. Não obstante, o Padre Javier tem persistido e o programa agora coloca mais de 2.000 jovens em projetos de urbanização, limpeza de bueiros, calhas e canos de águas residuais; manutenção de parques, operação de banheiros públicos, pintura de fachadas e consertos de ruas e calçadas.

Durante minha visita, falei com Jorge Iván Gonzáles Bermúdez, de 24 anos, sobre como os trapezistas de hoje estão se preparando para o mercado de trabalho. Gonzáles está no programa há seis anos e atualmente estuda litografia e mecânica. Contou-me que começou a acreditar em si próprio quando começou a freqüentar aulas de eletricidade e hidráulica. Jimmy Alexander Niño, também de 24, está no programa há quatro anos e estuda desenho gráfico, mecânica de automóveis e eletricidade. Disse que soube que havia mudado “quando comecei a trabalhar e as pessoas começaram a olhar-me e tratar-me de forma diferente porque já não me viam parado na esquina criando problemas”.

Preocupados com suas irmãs, os rapazes alertaram o Padre Javier para um fenômeno alarmante nas ruas desde 1980 —a crescente presença de meninas. Auxiliado por sua irmã, a carismática freira Dora de Nicolás, criou a Juventude Unida, mais conhecida como Casa de la 78 para um pequeno grupo de meninas que precisavam ser resgatadas urgentemente. Em meados de 2004, quando fiz minha visita, 40% dos beneficiários do programa eram meninas e mulheres jovens de 8 a 22 anos, entre as quais Alba Castillo, de 16 anos, Catherine Manrique, de 15, e Johana García, 16, todas agora em La Florida, que dizem que a experiência de seus irmãos as motivaram. “Pude ver o quanto ele mudou”, explicou Catherine. Além disso, o programa agora oferece diariamente a adolescentes e adultos que moram nas ruas duchas quentes, comida e recreação, além de capacitação e colocação no emprego, em instalações adaptadas à população a que atendem. Cada uma dispõe também de restaurante, escola, centro técnico e profissionalizante, lavanderia,



*Manuel Rubio (com óculos de proteção).*

centro recreativo e um espaço dedicado à cultura.

Este depoimento me trouxe lembranças que suscitaram emoções conflituosas de grande tristeza e grande alegria. O que me afeta mais profundamente é que meu pai e minha mãe já não estão vivos e que meu filho Nicholas nunca desfrutará de sua companhia. Embora não tenham sido os melhores modelos de pais, tenho certeza de que seriam excelentes avós. Meu retorno no ano passado significou o reencontro com professores que estudaram comigo ou que acolhi em Camarín como estudantes. Agradeço a eles, ao Padre Javier e ao resto do pessoal por seu apoio durante minha visita. Cada um deles tem motivos para sentir orgulho do exemplo que está dando, pessoal e profissionalmente. São eles que imprimem força e vitalidade a esse excelente programa para meninos e meninas.

---

*Leonardo Escobar vive nos Estados Unidos com sua esposa e filho. Trabalha para a firma de consultoria Resolutions Dynamics, Inc.*

# Manos del Uruguay: o resultado final

*De Paula Durbin*

Quase três décadas depois de receber sua primeira doação da IAF, a cooperativa Manos del Uruguay é hoje a principal produtora de fios e peças de vestuário do país. Suas oficinas em todo o Uruguai e a central de serviços de Montevideu, que as coordena, mantêm um nível constante de atividade com a fição e o tingimento do algodão e da lã que, em seguida, se convertem em uma variedade ilimitada de cachecóis, ponchos, suéteres, xales, gorros, bolsas, tapetes, mantas, tapeçaria, saias e, mais recentemente, biquínis, que enfeitam as vitrines de lojas até na Quinta Avenida de Nova Iorque e mais longe ainda. No Uruguai, como indica Rodolfo Gioscia, gerente-geral da Manos, a marca não desfruta apenas do reconhecimento: em uma pesquisa nacional sobre as marcas mais queridas do Uruguai ficou em segundo lugar, superada apenas pela cooperativa nacional de leite.

Segundo todos os entrevistados para este artigo, o êxito da Manos e mesmo sua sobrevivência dependem menos dos produtos do que das pessoas. “Defendemos este projeto, cremos nele e por isso ele continua a existir”, diz Norma Carugno, fazendo referência aos desafios dos últimos 36 anos. Norma integrou-se à Manos em 1983; tornou-se Presidente de sua cooperativa de tricoteiras em Totoral del Sauce, na periferia de Montevideu; foi Presidente da diretoria da Manos durante dois mandatos e atualmente exerce o cargo de secretária da diretoria. “Se isso aqui tivesse um dono —acrescentou— não existiria”. Pertencer, mais do que ter, descreve o que as trabalhadoras sentem pela Manos. O nível de compromisso do pessoal levou a empresa a enfrentar um sem número de dificuldades que outras não conseguiram superar, insiste Cecilia Zaffaroni, que desenvolveu os recursos humanos da Manos na década de 1980.

Para começar, a Manos del Uruguay foi lançada em 1968 em circunstâncias pouco animadoras. O Uruguai

*Conjunto da Manos del Uruguay da coleção inverno 2004-2005 da Peruvian Connection.*



estava em pleno declínio econômico que só pioraria com o tempo. Havia sido declarada a lei marcial e a situação se agravaria até o ponto de ser imposto o estado de sítio, seguido de uma década e meia de ditadura militar. A força de trabalho consistia em 17 grupos informais dispersos desde os arredores da capital até a fronteira com o Brasil, cada grupo contando basicamente com apenas um telefone público. As tricoteiras eram principalmente donas de casa da zona rural. Embora o artesanato fosse uma tradição antiga na maioria de suas comunidades, a idéia de que pudesse transformar-se em uma fonte estável de receita para as mulheres era algo inusitado. E, embora fossem muito talentosas, seu artesanato apenas começava a refletir as cores vibrantes e os encantadores desenhos que acabaram por caracterizar o estilo da Manos. Elizabeth Sosa, a tecelã que atualmente é Presidente da Diretoria da Manos, ainda freqüentava a escola em San José, a 90 quilômetros de Montevidéu, quando o pequeno grupo, que incluía sua mãe, recebeu a primeira encomenda de toalhas de mesa de um metro quadrado. “A lã com que essas mulheres trabalhavam nos assustaria hoje em dia porque era realmente rústica – lembrava, enquanto o restante da diretoria ria —lavada a mão, toscamente fiada e sem tingimento”.

Mas a fundadora da Manos, Olga Artagaveytia, conseguiu ver além de tudo isso quando imaginou uma indústria que ofereceria às artesãs não só emprego, mas uma oportunidade para receber capacitação profissional e dirigir o negócio. Artagaveytia, cuja origem aristocrática é evidente, define sua visão como simples questão de bom senso. “Eu vivia no país”, explica. “Sabia que havia mulheres que produziam artesanato e que existia um enorme abismo entre elas e o mercado. Enquanto pensava em como organizar sua produção e levá-la adiante, procurei aliados e descobri que minha idéia não era nova”. Após investigar as tentativas que haviam fracassado, ela e mais quatro pessoas que compartilhavam sua visão definiram a própria estratégia. Primeiro, identificaram os lugares com tradições bem enraizadas de trabalhos de tricô e tecelagem e mulheres ansiosas para trabalhar. Em seguida, criaram um pequeno estoque de tapetes, ponchos e mantas para cadeiras para testar em dois mercados que abasteciam alguns dos consumidores de mais alto poder aquisitivo do Cone Sul: Punta del Este em alta temporada e a exposição anual da Sociedad Rural de Montevideo. Com preços mais de 10 vezes superiores ao custo, venderam quase todos os artigos. “Era claramente algo em que valia a pena investir”, recorda Artagaveytia ao concluir.

A fim de melhorar a qualidade, a diretoria contratou Beatriz de María, antiga freira já falecida, venerada até

hoje pelas artesãs, cuja técnica aperfeiçoou. Também vinculou os grupos ao Centro Cooperativista Uruguaya, que as ajudou a se estabelecerem legalmente como cooperativas. Os 17 grupos se organizaram rapidamente embora, sob o regime militar uruguaio, todas as reuniões tivessem de ser previamente autorizadas e supervisionadas por um policial. Cristina López, Vice-Presidente da diretoria, recorda-se de um policial que se contagiou com o entusiasmo de seu grupo a tal ponto que pediu para incorporar-se a ele. O mais estranho foi que, durante muitos anos, as conversas telefônicas foram interceptadas: Carugno lembra-se de que, em um determinado momento, se suspeitou que o sistema de numeração das peças de roupa da Manos fosse um código subversivo.

Miriam Hernández, segundo grau completo e casada com o padeiro da cidade, fundou a cooperativa à qual Carugno se filiou em Totoral del Sauce e durante muitos anos as mulheres trabalharam em sua garagem. Sob sua direção, o grupo economizou o suficiente para comprar a própria oficina em 1980. Os proprietários estavam em processo de divórcio e o marido queria sua parte do



*Membros de uma cooperativa desembaraçando lã em 1980.*



PAULA DURBIN

*Fios estriados matizados.*

pagamento em dólares. “Eu não sabia nada sobre dólares —explica Hernández— mas fui ao banco e aprendi”. Em 1976, um empréstimo com condições especiais no valor de US\$ 500.000 do Banco Interamericano de Desenvolvimento permitiu que as outras cooperativas adquirissem balanças e instrumentos e levassem suas atividades para locais de sua propriedade.

Também em 1976, Manos solicitou sua primeira doação à Fundação Interamericana e utilizou os fundos para a capacitação e aperfeiçoamento técnico. Uma segunda doação, em 1980, facilitou a transferência da administração para as artesãs. Patrick Breslin, fotógrafo independente, que na época realizava seu primeiro trabalho para a IAF e atualmente é Vice-Presidente de Relações Externas da IAF, fez uma reportagem sobre a donatária para a publicação *Desenvolvimento de Base* de 1980 (vol. 4, n.º 2). Breslin informava que, com 1.022 artesãs associadas, Manos se tinha transformado em um dos 10 maiores empregadores do Uruguai; as vendas tinham alcançado US\$ 1,3 milhão. “Com sua base econômica aparentemente definida, comentou, Manos está agora caminhando para gradualmente aumentar a participação das artesãs na direção e administração da organização. O objetivo é que as artesãs controlem a diretoria”.

Artagaveytia começou a preparar o terreno naquele ano, ao convidar as artesãs para assistirem como ouvintes das reuniões da diretoria. Em 1988, a transferência completa de autoridade era um fato. Os estatutos da Manos foram reformulados a fim de limitar a participação na diretoria somente às artesãs: uma Presidente, Vice-Presidente, Secretária e um membro com direito a voto indicadas e eleitas pelas presidentes e secretárias que representam cada uma das cooperativas. Esse procedimento parece ter resolvido o problema de sucessão que afeta tantas organizações de base cujo fundador é a força propulsora e ninguém parece mais satisfeito que Artagaveytia. “Sempre disse que Manos tem duas linhas de produtos. Uma está nos ponchos e outros artigos”, disse. “A outra —acrescentou com um gesto para a diretoria que pareceu abranger toda a Manos— são estas senhoras”.

Mais que nunca, o êxito de um projeto de base se determina a partir dos resultados observáveis. E Cecilia Zaffaroni, ex-integrante da Manos e atualmente decana da Faculdade de Ciências Sociais e Comunicação da Universidade Católica, escreveu um livro sobre como medi-los intitulado *Quadro do Desenvolvimento de Base*, que se baseia em uma versão anterior do Contexto do Desenvolvimento de Base da IAF. No caso da Manos,

Zaffaroni afirma que os resultados por ela denominados de “sociais” são inequívocos: alcançou-se o objetivo de formar líderes. “Manos demonstrou que mulheres com família e sem experiência administrativa podiam aprender a preparar um orçamento e um balanço e assumir a responsabilidade de um negócio”, afirma. O que tornou essa conquista possível, insiste, é a educação sólida que o sistema escolar uruguaio ainda oferece.

Outros o atribuem também a uma forte ética profissional individual e a um desejo de independência, quando o movimento de emancipação da mulher apenas começava. “Todas estavam felizes por ter uma renda que vinha de produtos feitos com as próprias mãos, mas também passaram por mudanças importantes”, explica Elizabeth Sosa. “Andavam contra o vento e a maré. Não parece ter sido há tanto tempo, mas a época precisa ser levada em conta. As mulheres não tinham renda própria; era o marido quem trazia o dinheiro para casa. Esse trabalho tirou as mulheres de seus lares e tornou possível que trabalhassem como autônomas. Além disso, aprenderam realmente a participar de reuniões, a administrar dinheiro, a tomar decisões, a organizar os pedidos, as entregas e o armazenamento, a encarregar-se de todas as necessidades da cooperativa que estavam formando e a serem responsáveis por ela. Amadureceram como pessoas e descobriram aptidões que não sabiam que tinham. Foi uma revolução”.

Desde o primeiro momento, os produtos da Manos apareceram na Europa, levados por viajantes que tinham visitado o Uruguai a negócios. Quando um agasalho da Manos apareceu na capa de *Elle*, a revista francesa de modas, “quase morremos —disse Artagaveytia— e começamos a pensar seriamente em vender para o exterior”. A diretoria contratou um consultor de negócios britânico de grande experiência que incentivou as diretoras a abrir um ponto de vendas nos Estados Unidos. Embora o pessoal dos Estados Unidos tivesse conseguido que John Lennon usasse uma suéter da Manos e que as fotos fossem publicadas em todo o mundo, a loja novaiorquina não sobreviveu por muito tempo. Seu encerramento coincidiu com o início de graves problemas no Uruguai.

No início da década de 1980, Manos afundava à medida que o Uruguai caía em uma recessão cada vez mais profunda. Uma última doação da IAF, em 1983, criada para resolver obrigações de crédito, salvou-a, segundo Gladis Quintana, gerente financeira que trabalha para a Manos há 34 anos. A empresa não recebeu mais nenhuma doação desde então, a não ser um empréstimo do BID de US\$ 90.000 em 1997, afirmou ela, e sua única subvenção do governo consiste na isenção de impostos (imposto de valor agregado e o pagamento da parcela



JUDITH SHANGOLD

*Tingimento de fios estriados.*

CORTESIA DE JUDITH SHANGOLD

*Um desenho de Judith Shangold para os fios da Manos del Uruguay.*



Elizabeth Sosa, Presidente da diretoria da Manos del Uruguay, com uma tapeçaria.

PAULA DURBIN

do empregador da seguridade social) aplicável a qualquer organização constituída de forma semelhante. Mas sem investidores nem bens —já que todos os bens são legalmente propriedade de cada cooperativa— “Manos não tem acesso a capital como um supermercado”, explica Rodolfo Gioscia. “Se tivermos um ano ruim, afundamos”. E tem havido anos maus; destacando-se de forma espetacular em 1992, quando o Brasil desvalorizou o real e o período de 1998 a 2002, que culminou com a crise argentina e o brusco declínio da economia uruguaia que alcançou níveis nunca vistos. Os tempos difíceis não só reduziram o consumo local, mas colocaram em risco as fontes de matéria-prima, uma vez que os pequenos produtores se viram obrigados a efetuar cortes de pessoal, vender máquinas e abandonar a criação de animais. Empresas maiores e aparentemente solventes fecharam.

A Manos conseguiu sair do vermelho, em parte com cortes de pessoal e terceirização. A cooperativa conta hoje com 450 membros, número que representa um aumento em comparação com as 300 associadas de 1998 —o número mais baixo— mas uma redução em comparação com as 1.200 de 1983 —o número mais elevado. O pessoal da central de serviços caiu de 120 para 40 e hoje se eleva a 85 empregados. Uma rodada de aposentadorias tornou menos dolorosa a redução de pessoal e, segundo Gioscia e Sosa, neste período de 22 anos, milhares de mulheres encontraram outros empregos graças às aptidões adquiridas por meio da capacitação na Manos. A dotação atual é mais produtiva do que nunca, afirma Carugno, graças a uma melhor tecnologia. A globalização, ao menos no início, trouxe grandes pedidos e, durante a alta temporada, são contratadas de 300 a 600 trabalhadoras adicionais para cumprir os curtos prazos de entrega.

As receitas de toda a produção da Manos no ano passado totalizaram US\$4,2 milhões, mais do que o dobro da gerada em 1998, e as exportações representaram 70%. Dessas vendas, US\$600.000 correspondem ao pedido da J. Crew de 87.000 luvas, gorros e xales, que exigiu que cidades inteiras trabalhassem para ser atendido. Outros clientes dos Estados Unidos incluem Vitoria's Secret, Dona Karan, Nordstrom's, Saks Fifth Avenue, Bloomingdale's, Ralph Lauren e Peruvian Connection. Quando *Desenvolvi-*



PAULA DURBIN

Sebastián Romero, 18 anos, recebeu recentemente as boas-vindas à Cooperativa Artesanal Totoral Fray Marcos de Mirian Hernández, à direita, sua avó e fundadora da CATFRAY, e de Maria Medina, sua mãe, uma tricoteira da CATFRAY. “Sou o primeiro homem a executar este trabalho na cooperativa”, disse Romero, que opera uma máquina de tricô e está aprendendo a cortar.



PAULA DURBIN

María Inés Payssé, desenhista.

mento de Base visitou Manos em março, a cooperativa ia tingir 11.000 quilos de fios para a Banana Republic. “Atualmente estamos trabalhando para empresas de primeira linha nos Estados Unidos”, diz Carugno. “Isso requer uma qualidade significativa e capacidade para adaptar-se a todos os requisitos do cliente”. Um contrato com um cliente no exterior geralmente implica propor um desenho e incorporar as modificações do cliente —antes de selecionar a cooperativa que se encarregará de atender ao pedido, preparar os moldes para cada tamanho (indicando inclusive detalhes como o comprimento da franja), redigir as instruções que indicam a quantidade de fio e quanta entretela usar, assegurar-se do fornecimento de matéria-prima, negociar a entrega dos produtos acabados à sede, realizar o controle de qualidade e enviá-los— geralmente em um prazo de 90 dias. Em seguida, os materiais que sobram devem ser recolhidos para serem armazenados em Montevidéu ou reciclados e as máquinas devem ser reparadas.

“Tem sido um esforço constante para, de um lado, identificar o mercado, conseguir clientes e conservá-los; do outro, coordenar toda a produção à distância”, afirma Sosa. Muito menos estressante é preparar a linha de vestuário e artigos de decoração para o lar que é comercializada sob a marca Manos del Uruguay, geralmente nas butiques da Manos em Montevidéu e Punta del Este. (Anos atrás, Artagaveytia acrescentou artesanatos feitos por artesãos independentes que vendiam em consignação, com a idéia de que os clientes que entrassem nas lojas para comprar um jarro de cerâmica talvez comprassem também um poncho). Originalmente, a linha estava des-



JUDITH SHANGOLD

Fiando.

tinada à mulher uruguaia madura e abastada, interessada em qualidade, comodidade, agasalho e cor: uma espécie de fusão de Eileen Fisher e Missioni. Manos contratou recentemente novos desenhistas, como Maria Inés Payssé, de 23 anos, para atrair também os compradores mais jovens. Mesmo assim, explica Sosa, “simplesmente não temos volume no Uruguai, salvo para a lã. Por isso é tão importante exportar”.

Lamentavelmente, as condições para produzir grande parte do volume impulsionado pela exportação estão sendo ditadas cada vez mais pelos baixos salários pagos em outras partes do mundo, o que reduz a margem da Manos para despesas gerais e quem sai perdendo são as artesãs. Desde que começou suas atividades, a Manos tem se comprometido a pagar o salário mínimo, que se calcula de acordo com o tempo que é normalmente necessário para fabricar um artigo; uma trabalhadora rápida pode ganhar mais e uma trabalhadora lenta ganha menos. Negociar agora um preço que permita que a Manos pague o salário mínimo ameaça o contrato. “Fazemos todo o possível para atender a esses clientes, diz Sosa, mas quando o preço é demasiadamente baixo, damos às cooperativas a opção de não aceitar o trabalho. Com freqüência realizamos o trabalho de qualquer forma, para não perder o cliente”. Mas, isso é suficiente?

“As grandes empresas não se importam se dão trabalho às mulheres rurais”, responde rapidamente Gioscia. “As artesãs entendem que precisam fornecer exatamente o que os clientes querem, ao preço que eles estão dispostos a pagar. A China não é uma possibilidade, é uma realidade e é a maior concorrente, não só da Manos del Uruguay, mas do mundo inteiro. Já estamos perdendo clientes e a situação continuará a piorar. Nossa única opção é melhorar a qualidade, melhorar o cumprimento das especificações, acostumar-nos a trabalhar com margens ainda



MARK CAICEDO



mais reduzidas e oferecer o que o Extremo Oriente não pode oferecer”. Gioscia também espera estabelecer uma presença mais forte na Europa onde, segundo um artigo de Fareed Zakariah na revista *Newsweek* de 9 de maio de 2005, as vendas de suéteres por parte da China já aumentaram mais de 534% desde 1º de janeiro.

“Obviamente, devemos destinar produtos específicos a mercados específicos”, diz Carugno. A Manos está considerando seriamente o que talvez tenha sido o melhor conselho de seu consultor britânico há 20 anos: fabricar e comercializar um produto básico que, segundo ele, devia ser os fios estriados em cores matizadas. Enrolados e tingidos a mão para produzir sutis gradações de cor que dão à peça acabada um brilho suave, esses fios são produzidos desde a década de 1970. Recentemente alcançaram um nível de popularidade que o website da WoolWinders descreve como “quase absurdo”. Judith Shangold, proprietária da Design Source, diz que as vendas nos Estados Unidos já se multiplicaram por 10 desde que ela se tornou a distribuidora para os EUA em 2000. “Os fios são atraentes para quem trabalha com eles por muitos motivos: a suavidade, a variedade de 95 cores, a modalidade estriada, o tingimento artesanal, que produz cores matizadas e o apoio que desenvolvemos aqui nos EUA aos padrões”, afirma, fazendo referência aos próprios desenhos que abrangem desde suéteres até agasalhos para pernas e mantas tecidas. “E a interessante história da Manos tem demonstrado ser uma valiosa ferramenta de marketing”, acrescenta. “As pessoas gostam da idéia de que a compra de um produto apóia o desenvolvimento econômico da mulher”.

Por enquanto, diz Shangold, a Ásia não representa uma ameaça para os fios da Manos. “Outros produtores do Uruguai estão tentando estabelecer-se com um produto semelhante”, acrescentou, “mas creio que estão tendo dificuldade de competir com a marca Manos”. Um cliente leal da Manos é a Peruvian Connection, especializada em vendas por catálogo da moda sul-americana de primeira linha. “Desde pelo menos a década de 1970, as roupas produzidas por essa maravilhosa cooperativa desfrutaram de grande êxito”, assegura Annie Hurlbut, Diretora Executiva, que compra fios e peças de vestuário desenhadas pela Manos. “Quanto à concorrência, a Manos del Uruguay produz qualidade artesanal em quantidades limitadas, o que não seria adequado para as lojas que vendem grandes volumes espalhadas pelo mundo. A China é mais adequada para esse tipo de produção”. Ampliar o nicho restrito de consumidores exigentes é um problema que atormenta as empresas em todas as partes do mundo à medida que a próxima fase da globalização se aproxima. A Manos conseguirá manter sua vantagem competitiva? “Vendemos moda!”, disse Carugno, “e se continuamos a existir depois de 36 anos, é porque estamos constantemente nos adaptando”.



*Leticia Pérez, 21 anos, aprendeu a tricotar há um ano e demonstrou tanto talento que é hoje instrutora da CATFRAI.*

# SONHOS ENTRE AS RUÍNAS

## Uma nova geração de guaranis reconsidera o desenvolvimento

De Patrick Breslin

Fotos de Patrick Breslin

Talvez a história tenha sido um fardo excessivo. Desde sua fundação na década de 1970, as pequenas comunidades guaranis de Fracrán e Perutí, na província argentina de *Misiones*, trabalharam à sombra intimidadora das ruínas das missões do século XVII que se espalham pela vasta bacia do rio Paraná.

Da mesma forma que as antigas missões, Fracrán e Perutí resultaram da união de religiosos de língua espanhola e grupos nômades de guaranis que habitavam a floresta. Ambas foram repostas a ameaças. Os jesuítas, conforme retrata o premiado filme de 1986, *A Missão*, criaram cerca de 30 reducciones (reduções), grandes fazendas erguidas ao redor de escolas, oficinas e igrejas, em parte para proteger os guaranis contra os traficantes de escravos. Em situação paralela moderna, Fracrán e Perutí foram erguidas em terras doadas pelo bispo católico de Posadas, Misiones, para abrigar dois pequenos grupos de guaranis —cerca de 66 famílias— que, devido ao desmatamento por parte dos colonos, ficaram sem a antiga floresta que havia sido seu lar. Embora em escala imensamente diferente e separados por séculos, os dois experimentos foram microcosmos da transição crítica na história da humanidade, da caça e da coleta nômades para a agricultura sedentária.

Foi neste contexto que, há quase 25 anos, a Fundação Interamericana fez uma doação para ajudar as duas comunidades que nasciam a desenvolverem uma base econômica. Recentemente fui a Misiones para ver os resultados de longo prazo. O que encontrei foram estranhas coincidências com a trajetória das missões jesuítas, inclusive a participação em *A Missão* por parte de uns

50 habitantes do Perutí e Fracrán, juntamente com uma discussão brutalmente franca sobre as lições aprendidas com o desenvolvimento. Ambas as tentativas de ajudar os guaranis prosperaram durante certo tempo. Em uma época caracterizada pela destruição em massa das sociedades indígenas nas Américas, os jesuítas e os guaranis construíram um modelo de cooperação pacífica e produtiva que durou 160 anos. Voltaire, um dos críticos mais violentos da Igreja Católica, comentou sobre as missões jesuítas: “Houve alguma vez na história uma época de tanto bem e tão pouco mal?” Mas a política do poder internacional e as divisões dentro da Igreja com o tempo condenaram as missões ao fracasso. Os jesuítas foram expulsos, as reduções, desmanteladas. Hoje em dia, as que estão em melhor estado de conservação atraem turistas contemplativos como alternativa às ensurdecedoras Cataratas do Iguazu, ali perto. Outras, tornaram-se apenas paredes em decomposição que evocam o passado, vítimas do abraço dos sinuosos troncos das árvores e da intrusa vegetação.

A ascensão e queda dos experimentos mais recentes em Fracrán e Perutí duraram menos tempo. A partir de fins de 1978, as comunidades começaram a tomar forma e estabeleceram-se as primeiras escolas bilíngües de Misiones. Em 1982, com uma doação da IAF, acrescentaram ambiciosas atividades econômicas com a criação de frangos e porcos para a venda. Mas 13 anos depois, mudanças na hierarquia eclesiástica local provocaram a retirada dos conselheiros do projeto; a comercialização, por parte do Brasil de frangos congelados a baixo preço, abalou um dos pilares da emergente economia das alde-



ias; e um desastroso incêndio em Perutí destruiu o projeto porcino. No entanto, as modernas comunidades guaranis, ao contrário das históricas, sobreviveram, mantendo muitos de seus avanços intactos. Agora, uma nova geração de líderes, moldados e abrandados pelas experiências de seus pais e avós, está examinando o passado e redefinindo os objetivos comunitários.

O reexame começa pelo sonho original dos líderes guaranis que solicitaram a assistência do Monsenhor Jorge Kemerer, bispo de Posadas, em 1978. Um deles, Pa'i Antonio Martínez, resumiu para o bispo a difícil situação de sua gente: "A floresta já não é livre, não podemos continuar vivendo da caça, pesca e cultivo de milho. A floresta está desaparecendo à medida que os colonos a derrubam. Para viver, temos que trabalhar para eles. Só peço uma coisa: uma escola onde nossos filhos possam aprender o próprio idioma, o guarani, mas também o idioma dos brancos, o espanhol, para que não seriam mais de nós, e matemática, para que não nos enganem quando pedirmos o que nos é devido".

Outro líder, Cansio Benítez, fez uma solicitação adicional: "Não temos onde morar; vivemos na beira da estrada. Não queremos mais ser explorados pelos colonos e turistas. Queremos a própria terra, a própria casa, as próprias ferramentas, para trabalhar a terra e viver de seus frutos" [pág 144, Selim Abou em *La "República" jesuítica de los Guaranies 1609-1768 y su herencia*. Manrique Zago ediciones, 1995]. Nessa época, os dois grupos de guaranis ocupavam terra de má qualidade e viviam de algumas peças de artesanato vendidas aos turistas. "Sofriam de tuberculose e sífilis", recorda Marisa Micolis, nascida em Misiones, de ascendência italiana e formada pela Sorbonne, que se tornou diretora do projeto Bispo Kemerer, criado para os guaranis. "Eles simplesmente viviam sob as árvores ou se deslocavam de um lugar para outro. Mas o que queriam estava claro: continuar sendo guaranis, mas também aproveitar algumas das vantagens do mundo branco para desfrutar de uma vida melhor".

A resposta de Kemerer foi dar um grande pedaço de terra a cada um dos dois grupos e criar uma equipe chefiada por Micolis para elaborar e pôr em prática um plano de desenvolvimento integrado para os guaranis enquanto formavam suas novas comunidades. Com o financiamento recebido da igreja e de doadores internacionais, entre eles a IAF, as comunidades logo tiveram suas escolas bilíngües, além de terra arada para os empreendimentos familiares e da comunidade, pomares, fornos para pão, oficinas de carpintaria, máquinas de costura e uma cooperativa para a produção de artesanato. Os recursos da IAF proporcionaram instalações de cimento e sistemas de abastecimento de água para a criação de frangos e porcos que seriam vendidos nas vilas vizinhas.



*A student at the bilingual school in Fracrán.*

No parecer geral, a equipe de Micolis estabeleceu um forte vínculo com os guaranis. “Passei 15 anos indo e vindo das comunidades”, recorda Micolis. “Formamos um grupo de homens e mulheres que podem continuar este trabalho. Estão em contato constante conosco. Criou-se um vínculo entre nós”. Maria Rojas, que atualmente trabalha para o governo da província, trabalhou em Perutí e Fracrán, além de muitas outras comunidades guaranis de Misiones. “Passei quinze anos de minha vida lá, mas eu gostava. Tenho tantas lembranças daqueles anos. Foi como um sonho”. Beatriz Acosta, professora do ensino básico, é agora diretora da escola de Fracrán. Em 1985, foi convidada a trabalhar lá por dois meses. “Apaixonei-me pela comunidade”, disse, e está lá desde então, exceto por três anos que passou em Perutí.

Os laços pessoais entre os guaranis e os membros da equipe de Micolis, indubitavelmente continuam estreitos. Mas Acosta indica um problema fundamental do projeto: “A terra e tudo mais lhes foi dado. Eles têm uma cultura forte, mas são muito dependentes”. Muitos dos que trabalham para o projeto acreditam que os guaranis participaram plenamente. Mas ficou evidente em minha recente visita que os guaranis compartilham o sentimento de Acosta de que foi uma relação que criou dependência.

Meu companheiro nas viagens às duas comunidades foi Javier Villalba, 27 anos, nascido em Perutí e secretário da Asociación de Comunidades del Pueblo Guarani. En-

contramo-nos em Posadas e fomos de carro em direção ao norte até Perutí, localizada junto à Rota 12, a estrada principal entre Posadas, capital da província de Misiones, e Porto Iguazu e as cataratas. O sinuoso caminho de terra, quase intransitável em época de chuva, passa por um depósito de madeira abandonado e modestas casas feitas de blocos de cimento, bifurcando-se diante do prédio comprido e baixo que abriga a escola. Em frente à escola há uma área de recreação e um abrigo com telhado de palha para atividades e reuniões comunitárias. Cerca de 76 famílias vivem em Perutí e alguns minutos após nossa chegada no meio da tarde, o abrigo estava repleto de moradores de todas as idades, ansiosos para falar sobre a breve história de sua aldeia.

Mário Muñoz iniciou a conversa em guarani e Villalba traduzia para o espanhol. Muñoz é o xamã, ou chefe religioso, de Perutí, após ter sido o *cacique*, ou chefe político. “De modo geral, o projeto obteve êxito”, disse. “Os dois objetivos, terra e escolas, foram alcançados. Queríamos a terra para proteger nosso idioma e nossa cultura e agora temos um sentimento de segurança porque temos nossa própria terra”. Mas Muñoz também recordou que muita coisa não estava nas mãos dos índios. “As pessoas que nos ajudaram comportaram-se como pais. Os diretores do projeto encarregavam-se de tudo. Todos os projetos foram idealizados e administrados de fora, não pelos membros da comunidade”.

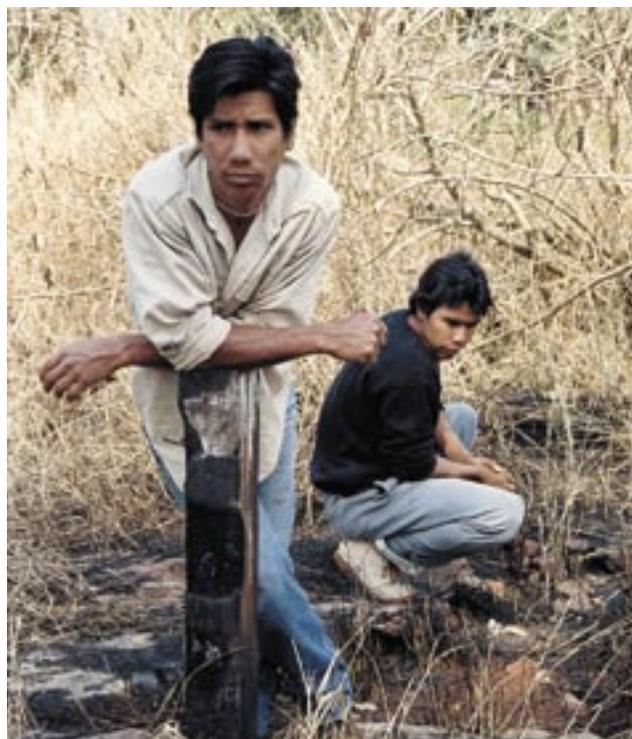
Os peritos externos encarregaram-se da infra-estrutura financiada pela IAF para a criação de frango e porcos, o que agravou a situação de dependência. “Não houve capacitação suficiente”, comentou Javier Villalba. “As pessoas vieram aqui para administrar, para ensinar. Mas não viviam aqui e não tinham paciência para ensinar às pessoas o suficiente para que pudessem prosseguir por sua própria conta. Os frangos foram vendidos sem que a comunidade soubesse exatamente o que estava acontecendo. Nunca tivemos o controle das vendas”. Com Villalba de tradutor, diversos aldeões me levaram para uma caminhada que me lembrou o passeio do dia anterior pelas ruínas de San Ignacio Miní, onde os muros caídos e os contornos das fundações dão uma idéia da magnitude da economia que prosperou ali com os jesuítas. Paramos primeiro em Perutí onde havia duas grandes lajes de cimento que tinham fornecido espaço para 600 frangos cada uma, juntamente com um sistema de calefação para as aves. “Havia frangos novos todas as semanas”, contou-me Villalba. “Matavam e limpavam os frangos aqui e vendiam a carne nos supermercados próximos. Tudo chegava e saía em um caminhão, mas não administrávamos o empreendimento”.



*Cacique Ricardo González, Javier Villalba e seu pai, Mártires, todos em Perutí, examinando um livro sobre sua comunidade, escrito por um jesuíta libanês.*

As observações continuaram no local da antiga pocilga. Tudo o que sobrou são restos queimados da cabana, um piso de concreto e alguns canos retorcidos. “Um incêndio, provavelmente causado por um curto circuito, destruiu tudo há cerca de 10 anos”, explicou Villalba. “Mas o projeto porcino fracassou, na realidade, porque as pessoas não receberam capacitação. Era grande, demasiadamente grande. Instalações para 100 porcos, com 150 quilos cada um. Havia um sistema de abastecimento de água, com torneiras de onde os porcos podiam sugar. Enquanto isso, o povo continuava a buscar água nas fontes. Os animais tinham uma infra-estrutura melhor que a comunidade”. Essa imagem dos porcos alegremente bebendo água dos canos enquanto as pessoas se arrastavam com baldes pesados, ainda arrancava risos dos aldeões que nos acompanhavam, inclusive os que eram jovens demais para lembrar-se claramente do projeto.

Progredindo na caminhada pelas ruínas do projeto, há a oficina de carpintaria doada por europeus. Essa oficina produziu os arcos e flechas e até uma harpa, que foi usada na filmagem de *A Missão*. No apogeu do projeto, os professores ensinavam carpintaria aos meninos guaranis, mas também se encarregavam dos negócios da oficina —comprando madeira e vendendo portas, janelas, camas, mesas e cadeiras encomendadas pelos povos vizinhos. Agora o prédio está deserto; as serras, máquinas de furar e plainas estão enferrujando e sólidas bancadas equipadas com tornos de carpinteiro estão cobertas de pó. Do outro lado da aldeia, uma serraria de dimensões industriais também foi abandonada. Várias vezes, como nas ruínas jesuítas, há um sentido de perda, de devastação, de ter sucumbido diante da história.



*González no local do incêndio do projeto porcino financiado pela IAF em Perutí.*

A história de Fracrán, conforme descobri uns dois dias depois, foi menos dramática porque a escala do projeto em Fracrán tinha sido menos ambiciosa. Os porcos e frangos não foram comercializados na mesma escala que em Perutí. Em compensação, as 55 famílias que agora vivem na aldeia criam animais para consumo doméstico. Como indica Beatriz Acosta, “qualquer outro elemento os teria prendido à terra e eles não querem ficar presos”. Fracrán conserva mais da tradição nômade. Uma família pode subitamente decidir partir em viagem e levar seus filhos, o que —reclama Acosta— arruína o calendário escolar. Houve uma época em que Fracrán produzia tabaco, mas os moradores foram abandonando paulatinamente esse cultivo, devido à sua preocupação com os pesticidas necessários e os inerentes problemas de saúde que afetavam as crianças das comunidades próximas. A costura continua sendo uma fonte de receita para as mulheres de Fracrán e as máquinas de costura do projeto ainda estão em uso. A bem equipada oficina de carpintaria ainda é utilizada, embora de forma reduzida. O professor é um mestre em carpintaria que trabalha com seus alunos-assistentes, produzindo armários sob medida para clientes das redondezas.

Como em Perutí, há uma forte percepção de que as comunidades ganharam. O elo com o passado é a diminuta, porém dinâmica, figura de Ángela Martínez,

filha de Pa'i Antonio, que se lembra dos anos nômades. “Antes de termos a terra, vivíamos sem segurança”, afirma. “Sofríamos, caminhando quilômetros e mais quilômetros, carregando tudo nas costas. Desse sofrimento e de nosso medo dos brancos, surgiu a idéia de pedir terra. Agora, com nossa própria terra, já não tememos os brancos”. As melhorias em matéria de saúde também continuam. Com as minúsculas enfermarias que ainda são mantidas o projeto elevou o nível de saúde das comunidades. “São sadios e fortes —disse Maria Rojas— em comparação com outras comunidades que nunca receberam este tipo de assistência e onde a tuberculose continua sendo uma ameaça”.

As escolas bilíngües são outra realização do projeto que perdura. Maria Rojas recorda que os chefes guaranis “queriam as escolas para que seus filhos não fossem explorados pelas pessoas para quem trabalhavam. Isso foi alcançado. Agora eles são proprietários dos lotes e de suas casas e, se trabalham para alguém, sabem como defender-se”. Tanto em Perutí quanto em Fracrán, as escolas primárias são o centro da vida da aldeia, cheias de atividade e muito valorizadas. As reuniões da aldeia acontecem nos prédios das escolas. Em Fracrán há 128 alunos que se matriculam aos 4 anos de idade após um programa pré-escolar e podem continuar até finalizar a nona série. As crianças começam a escola falando só o dialeto Mbyá dos guaranis; ao chegar à sétima série, estão lendo e escrevendo em guarani e em espanhol. A escola de Perutí tem cinco computadores, o que confere aos alunos certo status frente às crianças dos povos vizinhos. Todos os professores, agora remunerados pelo Ministério Provincial da Educação, demonstram igual entusiasmo por seus alunos. “São inteligentes e sérios”, sentenciam um deles. “Aprendem rápido, gostam da escola. É um prazer ensinar-lhes”. Em uma aula, tive dificuldade em acompanhar o ritmo mental de um aluno da quinta série que lançava respostas para problemas de matemática como se fossem bolas de tênis.

Perutí e Fracrán tornaram viável a idéia do ensino bilíngüe em Misiones. Quando Marisa Micolis deixou a direção do projeto, foi nomeada ministra provincial da Educação. Durante os quatro anos em que exerceu o cargo realizou assembléias de que participaram várias das 52 comunidades guaranis de Misiones e pôde promover mais de uma dúzia de escolas bilíngües. Muitos professores foram contratados no vizinho Paraguai, onde se fala normalmente o guarani. Em Perutí e Fracrán, alguns dos primeiros graduados ensinam agora nas escolas onde anteriormente foram alunos.

Quase 15 anos se passaram desde que o projeto apoiado pela igreja terminou, deixando os guaranis desnorteados. Com a retirada da equipe do projeto, um novo sacerdote veio viver em Perutí. Pôs fim à política do Bispo Kemerer de respeito às tradições religiosas guaranis e começou a fazer proselitismo. Os guaranis recuaram. Depois de alguns anos, o sacerdote partiu abruptamente e, alegando que pertencia ao projeto da Igreja, levou o trator da comunidade. As ambiciosas atividades econômicas —financiadas pela IAF e outros doadores— já haviam arrefecido. Os europeus que haviam fornecido as oficinas de carpintaria, nunca mais voltaram. A IAF não se deu conta de que a criação e comercialização de animais que apoiava não se tornariam sustentáveis em um contexto que privilegiava o assistencialismo sobre o empoderamento.

Desde então, Perutí e Fracrán parecem ter vivido em uma espécie de letargia. As escolas continuaram a funcionar, ficando os ministérios provinciais da educação responsáveis pelo pagamento dos professores. As freiras continuaram trabalhando nos postos de saúde. Mas não havia programas do governo disponíveis para ajudar a manter as atividades agrícolas iniciadas durante o projeto. As receitas vinham do trabalho que os homens adultos e seus filhos homens podiam encontrar, principalmente nas plantações de mate próximas, onde ganham salário mínimo colhendo as folhas para o chá apreciado em toda a bacia dos rios Paraná e Uruguai.

Recentemente, surgiu nas duas comunidades uma nova geração de líderes —a primeira educada nas escolas bilíngües. Todos dominam totalmente ambos os idiomas, embora seja evidente sua preferência pelo guarani, bem como sua insistência em preservar a cultura guarani. O cacique de Fracrán, Juancito Martínez, que ensina guarani na escola, gosta muito de guiar os jovens em celebrações de canções e danças guaranis no centro espiritual da comunidade. Ricardo González, cacique de Perutí, estava planejando dias de trabalho comunitário para construir um centro semelhante em sua aldeia. Villalba está estudando as medidas legais necessárias para mudar seu nome, Javier, pelo nome guarani que recebeu do xamã de Perutí após seu primeiro ano de vida —uma tradição segundo a qual o nome se baseia no caráter da criança e expressa esperanças para seu futuro. Javier é o terceiro em importância entre os líderes de Perutí e, como secretário da Associação de Comunidades Guaranis, enfatiza os três requisitos para a filiação: etnia guarani, participação nas atividades da comunidade e interesse em defender a cultura guarani. Todos concordam totalmente com Ángela



Martínez, matriarca de Fracrán: “Se nos respeitarmos entre nós, os brancos também nos respeitarão”.

A Associação também tem objetivos econômicos. Defende as reivindicações das comunidades relativas à terra e procura ser a ponte entre as comunidades e o governo para os programas agrícolas. Apóia os alunos que partem para o segundo grau e busca mercados para o artesanato. Mas Villalba e os caciques acreditam que os esforços renovados de desenvolvimento econômico devem originar-se nas comunidades individuais. “Há tantas idéias diferentes nas comunidades”, sustenta Villalba. “Seria difícil demais chegar a um acordo sobre um projeto dentro da Associação”.

Para Juancito Martínez, de Fracrán, o objetivo é encontrar mais fontes de trabalho na comunidade para a próxima geração. “Temos que pensar em seu futuro. O mundo está mudando agora. Tudo está computadorizado. Há gente jovem que não quer deixar a comunidade para continuar seus estudos, mas devemos ter alguma maneira de ensinar-lhes um ofício, algo que lhes permita trabalhar e ganhar seu sustento. Temos escolas agrícolas, podemos cultivar mate para vender. Poderíamos fazer mais com a oficina de carpintaria, ampliar a oficina de costura”.

Em Perutí, Villalba tira algumas de suas idéias do exemplo de sua avó, uma mulher incrivelmente pequena com o rosto cheio de rugas, que roçou pessoalmente mais de três hectares atrás de sua casa, onde cultivava frutas em abundância. Ela reforça a crença de Villalba de que as comunidades nunca mais devem iniciar um projeto que elas próprias não possam administrar e que a auto-suficiência agrícola é o objetivo primeiro e fundamental.

Minha última conversa em Perutí foi com o cacique Ricardo González. Emocionou-se ao descrever como ele e Javier sempre falavam de seus sonhos para o futuro. Mencionou as discussões com a participação de toda a comunidade dos dias anteriores. “Foi doloroso voltar a falar dessa experiência”, disse. “Recordar o que a comunidade teve em uma época e o que se perdeu. Mas aprendi com a experiência — que precisamos trabalhar unidos, que o trabalho tem valor, que só se aprende trabalhando. Nossa geração sente que temos de começar a construir novamente e que desta vez temos de fazê-lo nós mesmos”.

---

*Patrick Breslin é Vice-Presidente de Relações Externas da IAF.*

# AS MULHERES E O MICROCRÉDITO em uma comunidade equatoriana

De Marnie Schilken e María Eugenia Lima

Fotos de Dana Hill



Katy Cornejo em sua loja de computadores montada com um crédito da FUNDAMYF.

Huaquillas, cidade fronteiriça no sul do Equador, não é um destino turístico popular. Derek Davies e Dominic Hamilton a descrevem em seu guia *Traveler's Ecuador Companion* (2001) como “um lugar deprimente e descuidado, de má reputação pelo contrabando e seus batedores de carteira”. O guia *The Rough Guide to Ecuador* adverte

que “Huaquillas é uma caótica cidade fronteiriça, com edificações mal construídas, infestada de mosquitos, onde a maioria das pessoas procura passar o menor tempo possível”. Huaquillas, com 27.000 habitantes, fica do lado equatoriano da Ponte Internacional, em frente ao Peru. Os cambistas, com suas malas repletas de dólares dos Estados Unidos e nuevos soles peruanos, trabalham junto à ponte em suas cadeiras de plástico dobráveis, trocando dinheiro para os mochileiros e outros viajantes que se dirigem para o sul. Os taxistas cobram tarifas exorbitantes pelo trajeto de um quilômetro e meio entre o posto de controle de imigrações e a fronteira.

Os desastres que assolaram o Equador na década de 1990 castigaram Huaquillas e as comunidades fronteiriças. Os conflitos armados entre o Equador e o Peru, o mais recente em 1995 pela posse de um território com supostos depósitos de ouro, urânio e petróleo, causaram a morte de civis e o êxodo de refugiados. Em seguida, em 1998 e 1999, as chuvas torrenciais do El Niño inundaram os canais e as fortes correntezas, destruíram centenas de casas, obrigando seus moradores a correr para lugares mais seguros levando consigo o que podiam carregar. Finalmente, em 2000, após a queda do preço do petróleo em todo o mundo e o aumento da dívida externa do Equador para quase 50% de seu orçamento nacional, o sistema bancário do país entrou em colapso. O número de equatorianos que viviam em condições de pobreza elevou-se de 3,9 milhões, ou 34% da população, para 9,1 milhões ou 71%. A maior parte do comércio de Huaquillas dependia dos clientes do Peru porque os produtos equatorianos custavam menos que os peruanos. No entanto, com o colapso dos bancos, perderam sua vantagem competitiva; até os clientes equatorianos estavam



*Lorjia Luz Morocho Coello abriu uma pastelaria e loja de alimentos internacionais com um crédito de FUNDAMYF*

atravessando a ponte para comprar mercadorias a preços mais acessíveis. Muitos homens abandonaram Huaquillas em busca de trabalho, deixando para trás um imenso número de mulheres como a única fonte de sustento de suas famílias.

Não obstante essas dificuldades, os residentes que permaneceram em Huaquillas demonstraram seu firme compromisso com a comunidade que também é seu lar. Como América Rueda, uma cidadã que enfrentou os tempos difíceis, eles não só queriam ficar em Huaquillas, como também transformá-la em um lugar melhor para viver. “Na guerra mais recente com o Peru, as pessoas fugiram desta área”, explica Rueda. “Tínhamos de escolher entre abandonar nossas casas e as propriedades que tínhamos levado uma vida inteira para conseguir, ou ficar. Optamos por não ir. Estávamos com medo. Não sabíamos se sobreviveríamos. Essa tensão, essa luta nos uniu para sempre, tanto que agora estamos aqui juntos lutando para melhorar nossa vida e a de nossas famílias”.

Com o tempo, Rueda e outras mulheres formaram o grupo Frente Democrático de Mujeres (FDM), dedicado à ação comunitária que adota soluções práticas para os problemas mais prementes de Huaquillas. A FDM recorreu à Fundación Mujer y Familia Andina (FUNDAMYF) em busca de ajuda para formular uma estratégia que melhorasse as suas condições de vida. A FUNDAMYF, um grupo de apoio de base com 10 anos de experiência em projetos de êxito, é conhecida por incentivar o diálogo sobre os direitos da mulher e por seus esforços para promover reformas jurídicas. Seus membros são economistas, sociólogos, antropólogos, engenheiros, educadores e advogados que prestam seus serviços gratuitamente a órgãos do governo local e grupos vizinhos que atendem às necessidades da população de baixa renda. A parce-



*Com seu empréstimo, Rossy Quintana ampliou seu salão de beleza.*

ria FDM-FUNDAMYF realizou seminários, workshops e fóruns para integrantes da FDM. Posteriormente, a FUNDAMYF ajudou a FDM a avaliar as necessidades da região, elaborar um plano de ação e buscar fundos.

O plano foi apresentado à IAF com a subsequente concessão de uma doação à FUNDAMYF em maio de 2000. O projeto que a FUNDAMYF executaria com fundos da IAF recebeu o nome de “Construindo um município vinculado ao desenvolvimento de base”. As atividades selecionaram 300 famílias de Huaquillas para receber serviços e capacitação. Os participantes aprenderam sobre liderança, capacidade de gestão, administração de empresas e utilização e administração de fundos de crédito. Por meio de estudos de diagnóstico determinaram as características e necessidades de sua comunidade. Mais tarde, em reuniões públicas, decidiram de que forma responder a essas necessidades e apresentaram propostas de solução ao governo municipal.



*Mireya Ordoñez adquiriu com seu empréstimo um boxe para vender seus produtos agrícolas no mercado.*



*A costureira Teresa Fernández é conhecida pela qualidade das roupas confeccionadas na loja que abriu com ajuda da FUNDAMYF.*

A doação concedida pela IAF à FUNDAMYF proporcionou o capital inicial de que a FDM necessitava para seu projeto principal: um fundo de poupança e crédito como alternativa aos bancos convencionais. Ao associar-se à FDM, uma mulher pode ter acesso ao capital inicial para abrir uma microempresa individual ou coletiva. A sócia solicitante apresenta sua idéia e demonstra sua viabilidade com base em amplo estudo do mercado que identifica pontos fortes potenciais, pontos fracos, oportunidades e obstáculos. Uma vez atendidos os requisitos exigidos para um empréstimo inicial de US\$100, a mulher assina um contrato formal que especifica as condições do empréstimo, o que deve ser referendado por duas outras sócias. Um empregado da FUNDAMYF trabalha com a prestatária para fixar o calendário de pagamentos. Os reembolsos semanais, quinzenais ou mensais podem ser efetuados no escritório ou no banco que administra a conta da FUNDAMYF. As prestatárias que investem com êxito e reembolsam o empréstimo inicial podem solicitar outro, de até US\$800. O total de empréstimos é, em média, US\$ 350 por solicitante. Ao se limitar o montante do crédito, reduz-se o risco para a prestatária e para a FUNDAMYF. Segundo esta, a taxa de reembolso de 96% deve-se ao fato de a fiscalização do sistema estar a cargo de todas as associadas prestatárias, um forte incentivo para o cumprimento das obrigações no prazo —de modo que seu próprio acesso ao crédito se mantenha e o ciclo de empréstimos continue disponível para as outras.

Katy Cornejo, sócia fundadora da FDM, é um bom exemplo do espírito empresarial que tem fomentado o sistema de crédito. Ela queria iniciar um negócio que atendesse a um nicho especializado de mercado, em vez de duplicar atividades já existentes. Depois de avaliar as necessidades e o mercado de sua comunidade, decidiu vender computadores novos e usados e peças. “Com meu primeiro empréstimo, comprei três computadores e alguns acessórios”, explica ela, “e depois convidei pessoas para verem o que eu tinha. Fiquei surpresa com a receptividade dos clientes do Peru e também de Huaquillas, entre eles instituições que necessitavam equipamentos e peças para seus programas de contabilidade. Parecia que mal havia vendido um computador, precisava repô-lo para manter uma boa rotatividade do inventário”.

Katy percebeu que podia expandir seu negócio para incluir consertos e montagem, mas para empreender essa nova iniciativa necessitaria de apoio adicional. Convidou então seu marido para trabalhar com ela e, dada a evidente viabilidade do negócio, ele deixou de lado seu ceticismo inicial e juntou-se à iniciativa. “Meu marido e eu fizemos alguns cursos básicos, mas principalmente aprendemos por nossa própria conta a montar computadores desde o início e a consertá-los”, explica ela. “Com isso, começamos a aumentar nossa receita”. Katy diversificou ainda mais seu negócio com um serviço de consultoria para os que compravam pela primeira vez, ajudando-os a identificar suas necessidades e orientando-os na compra de equipamentos mais acessíveis. Finalmente, ela e seu marido começaram a oferecer workshops sobre manutenção de computadores, proteção contra vírus e outros aspectos técnicos para proprietários de computadores.

Uma vez pago o empréstimo inicial, Katy recorreu novamente à FDM. “Esse segundo empréstimo mostrou realmente a meu marido que minha contribuição para o negócio era vital”, afirma ela. “Começou a entender que ele e eu tínhamos de ser sócios em condições de igualdade para que o negócio progredisse. Começou a tratar-me com mais respeito, o que aumentou minha autoconfiança. Como eu via nossa família beneficiando-se de dinheiro que eu tinha ajudado a ganhar, comecei a compreender meu valor como contribuinte para o meu sustento e de minha família. Toda mulher deveria assumir o desafio de montar o próprio negócio para uma vida melhor em casa e na sociedade”. Katy considera importante transmitir os conhecimentos adquiridos a outras mulheres e a seus filhos.

Mesmo uma pequena margem de lucro de um a quatro dólares por dia permite que a beneficiária de um empréstimo da FDM abasteça sua família e fortaleça sua autoestima. Além disso, essas mulheres adquiriram uma valori-

zação de seus direitos e uma expectativa de respeito. Por meio de um convênio com o banco local, as prestatárias depositam o pagamento de suas amortizações diretamente na conta da FDM. Isso torna possível a experiência de “conectar-se” ao sistema financeiro, uma conveniência que os empresários do setor formal não valorizam e um aspecto do intercâmbio econômico que infunde confiança.

Graças à doação da IAF à FUNDAMYF, a FDM já não necessita da assistência de um doador. Os pagamentos de juros por parte de suas mais de 900 sócias financiam o fundo de empréstimo e custeiam os salários de dois empregados. O pessoal e as sócias da FUNDAMYF atribuem esses resultados a diversos fatores:

- a capacidade das sócias de tirar proveito de sua experiência na administração de empresas informais;
- o interesse de chefes de família sem cônjuge em proporcionar o sustento de seus filhos;
- a compreensão, por parte das sócias, de que a mudança só é possível se elas a propiciarem;
- a consciência de que cada associada pode ser um elo em uma estreita rede de apoio e de que a união faz a força;
- a inclusão da família de cada associada em seu plano empresarial para assegurar o maior apoio possível;
- a capacitação permanente em matéria de desenvolvimento, administração e avaliação de projetos, sistemas básicos de contabilidade, fundos creditícios e bancos comunitários.

Este projeto é claramente um êxito. Devido à iniciativa e ao trabalho árduo de cada mulher, novas e diferentes empresas estão florescendo em Huaquillas: serviço de fotocópias, uma academia de exercícios aeróbicos, restaurantes, mercados, salões de beleza, lojas de confecção especializadas em roupa para batismo e em bandeiras, e lojas que vendem eletrodomésticos, produtos de beleza, caixas de primeiros socorros, gasolina e alimentos preparados. Também há confeitarias, oleiras, uma soldadora especializada em redes de segurança para residências e uma fotógrafa profissional. A FUNDAMYF trouxe oportunidades para Huaquillas. Ainda mais impressionante foi a mudança de atitude. Há um reconhecimento da capacidade e dedicação das sócias da FDM. Fazem palestras em eventos públicos e os candidatos políticos valorizam seu apoio. Demonstram para o prefeito e para os vereadores, a quem assessoram, a importância de ouvir seus eleitores quando os planos de desenvolvimento estão em fase de concepção — e que as realizações de curto prazo podem ser o indício do começo de uma mudança de longo prazo.

---

*Maria Eugenia Lima é Presidente de FDM. Marnie Schilken é Representante da IAF para o Equador.*

# ACEITAR O DESAFIO do HIV-SIDA

De Oscar Ruiz

*Isla Margarita, nas Antilhas Menores, situa-se a aproximadamente 22 quilômetros ao nordeste da Venezuela continental. Juntamente com as ilhas de Cubagua e Coche, pertence ao Estado de Nueva Esparta, que tem cerca de 300.000 habitantes. Um clima tropical e belas praias fazem de Margarita um destino turístico popular, mas não foi isso que despertou meu interesse.*

*Durante os dois anos em que trabalhei na Fundação Interamericana, tentei aprender o papel das pessoas deficientes na assistência ao desenvolvimento atualmente e o apoio da IAF à auto-ajuda que envolve tais indivíduos. Trabalhava especificamente com a carteira da Venezuela e descobri que, na realidade, eu era um exemplo do que estava buscando: atualmente, a IAF financia o Centro de Formación Popular Renaciendo Juntos (CEPOREJUN), cujo projeto em Isla Margarita atende a pessoas com HIV/AIDS, um grupo geralmente classificado como deficiente. Seu foco na capacitação para o trabalho e integração à força de trabalho distingue o CEPOREJUN da maioria das organizações que lidam com pessoas com HIV/AIDS, que habitualmente tratam de questões de saúde.*

*Quando soube que iria à Venezuela, marquei uma entrevista com Gerarda Fraga, fundadora e coordenadora geral do CEPOREJUN. Criminologista em virtude de seu título da Universidade Complutense de Madrid e assistente social por vocação até fundar o CEPOREJUN, havia dedicado sua vida profissional a ajudar mulheres e crianças de baixa renda da vizinhança de Caracas. Em 1998, sob sua orientação, a CEPOREJUN solicitou com êxito uma doação da IAF para assistência técnica, capacitação, crédito e outras tarefas de apoio para fortalecer famílias, microempresas e organizações no Estado de Falcón, no noroeste da Venezuela. Em 2001, uma segunda solicitação bem-sucedida resultou na concessão de US\$ 258.238 para treinamento profissionalizante e apoio empresarial para resi-*

*dentos desempregados e de baixa renda de Nueva Esparta que vivem com HIV/AIDS.*

## **Qual é a atitude com relação ao HIV em Isla Margarita?**

Ainda há muito preconceito e medo direcionado às pessoas com HIV em todos os setores sócio-econômicos da sociedade. Os margaritenhos que não têm informação sobre a doença começam a falar e, em seguida, os rumores explodem como barril de pólvora, o que afeta as empresas locais e, mais ainda, as pessoas com HIV. Devido ao medo do HIV, os que pensavam em comprar peixe, não o fazem; os turistas que planejavam visitar a ilha, não vêm. Esse temor é fundamentado na ignorância.

## **A AIDS está muito generalizada na Venezuela?**

Atualmente, o problema que se enfrenta ao tentar saber o número aproximado de pessoas com AIDS é que o governo não está coletando dados. As informações fornecidas pelo Hospital Luis Ortega, há dois anos, indicam que aqui, em Isla Margarita, pelo menos 600 pessoas sofrem de AIDS. Nós calculamos que esse número deve ser multiplicado por nove.

## **Como começou o CEPOREJUN?**

O CEPOREJUN foi constituído legalmente em 1993 e começamos a trabalhar em projetos de microempresas com gente jovem. Decidimos ir a Falcón porque nada estava sendo feito lá para desenvolver microempresas. Começamos como três indivíduos que trabalhavam e dormiam em uma habitação emprestada. As pessoas com quem trabalhávamos vendiam produtos de artesanato, raspados (cones com gelo moído e suco de fruta), pipoca e sabão. Posteriormente recebemos uma doação do

*Figuras de cerâmica feitas por um artista do CEPOREJUN.*



governo da Venezuela, depois da IAF e o CEPOREJUN começou a crescer.

### **Por que o CEPOREJUN se envolveu com portadores de HIV/AIDS?**

A idéia de trabalhar com pessoas portadoras de HIV surgiu quando regressei da Espanha, em 1987. Eu tinha uma pessoa amiga que conhecia alguém com HIV, chamado Frank García. Quando o conheci disse-me algo que jamais esquecerei: “Gerarda, o que nos mata não é a AIDS, mas sim a discriminação e a rejeição”. Frank não podia conseguir trabalho devido à sua doença e era tão pobre que não podia comprar remédios. Assim, decidimos desenvolver uma granja operada por pessoas HIV positivo, em colaboração com outras organizações. Frank, bem como outros artesãos que eram HIV positivo, a princípio não queria participar, mas terminou ajudando. O projeto fracassou porque a mentalidade naquela época era que as pessoas iriam morrer e, infelizmente, era o que normalmente acontecia. Quando o projeto fracassou, cada grupo foi para seu lado.

Então Frank morreu e eu queria fazer algo para ajudar as pessoas como ele, não porque o HIV/AIDS estivesse na moda, mas porque elas realmente necessitavam de ajuda. Nossa pesquisa mostrou que, dos 23 Estados da Venezuela, Nueva Esparta era o segundo em percentual de pessoas com HIV/AIDS e as mulheres casadas eram especialmente afetadas. Também descobrimos que só havia 10 organizações trabalhando nesse campo em toda a Venezuela e que só duas ou três eram sólidas.

Um recurso importante para nós foi Osvalda Pérez, coordenadora de doenças sexualmente transmissíveis do Hospital Luis Ortega, em Isla Margarita. Ela me disse que a maior necessidade das pessoas com HIV era dinheiro, que o motivo pelo qual estavam morrendo era que não tinham recursos para alimentar-se. Falei com nossa diretoria e decidimos nos arriscar a trabalhar com portadores de HIV. Depois que mudamos nosso escritório de Falcón para Margarita, começamos a fazer contatos para pedir ajuda financeira. Quando Audra [Jones, Representante da IAF para a Venezuela] nos visitou em 2001, entreguei-lhe uma proposta. Em junho ela voltou e me disse que estava interessada. Ficamos muito surpresos e felizes ao receber a notícia. Com a aprovação dos fundos, em setembro, o projeto para pessoas com HIV decolou.

### **Como se sentia trabalhando com esse grupo?**

Bem, as coisas começaram lentamente. Programávamos reuniões e só uma pessoa aparecia —ou nenhuma. Mesmo assim, tínhamos confiança no conceito, embora não estivéssemos seguros de nossa estratégia. Sabíamos como trabalhar com pescadores, crianças e mulheres, mas não com pessoas com HIV. Não nos demos conta da extensão do temor e da ignorância, nem de suas próprias preocupações. Finalmente, em vez do coordenador do hospital, outras pessoas com HIV passavam toda a manhã no hospital falando com os pacientes com HIV sobre sua experiência. Depois disso, houve um aumento da participação nas oficinas.

### **O que o CEPOREJUN oferece?**

Damos aulas de cerâmica, tapeçaria, construção, tecelagem e computação. Nossos beneficiários escolhem a área. Também oferecemos orientação trabalhista; ajudamos a melhorar a redação do currículo. Um importante aspecto do projeto foi convencer as empresas a empregar pessoas com HIV. Tem sido difícil, muito difícil. Temos de dizer ao nosso interlocutor que a pessoa que ele vai empregar é HIV positivo; se não o fizermos e o empregador descobrir a verdade, o empregado será despedido. Organizamos reuniões onde os membros ajudam uns aos outros no aspecto emocional. O projeto com os artesãos que são HIV positivo expandiu-se a tal ponto que agora temos artesãos que não têm o vírus colaborando em nossa organização. Estamos ensinando aptidões específicas para ajudá-los a vender seu trabalho na rua e no estúdio. A maioria especializa-se em argila; um grupo pequeno especializa-se em vidro, madeira e outros materiais. Também ajudamos com crédito, aproximadamente seis milhões de bolívares (cerca de US\$ 3.133) até agora.

### **Por que é tão difícil fazer que as pessoas com HIV freqüentem as oficinas?**

Penso que é difícil em todo o mundo, exceto talvez na África onde é mais “normal” ser HIV positivo e a rejeição é menor do que na América Latina. Na Venezuela, o temor à rejeição da família e dos amigos leva as pessoas a terem medo de dizer que são HIV positivo e a terem medo de participar. Quando anunciamos nossa escola, a resposta foi boa, mas as pessoas com HIV nos pediram para não fazê-lo de novo porque a publicidade faz as pessoas não-infectadas associarem a AIDS com as pessoas que freqüentavam a oficina. A pessoa que tem o vírus sente-se vulnerável.

### As pessoas com HIV recebem apoio da família?

A maioria dos portadores de HIV tem um membro da família que conhece a situação. Temos tido familiares que participam de nossos programas, ajudando-nos nas cooperativas. Enquanto outros simplesmente rejeitam a pessoa com HIV, esses familiares podem tornar-se superprotetores.

### Pode descrever seu programa?

Em artesanato em argila, criamos uma cooperativa que apóia nove oficinas. Também temos apoiado a consolidação de oficinas de trabalho em vidro e pintura em madeira. Nessas oficinas os artesãos aprendem a elaborar e criar produtos, aprendem técnicas de pintura e como usar o forno. Para completar a pontuação necessária para serem aprovados no curso, eles devem trabalhar pelo menos 40 horas. Eu diria que uma pessoa precisa de aproximadamente três meses para completar o programa, mas isso varia. Um sábado podemos ter 25 pessoas na oficina e na semana seguinte só duas. A pessoa com HIV que realmente quer algo, empenha-se e termina mais rápido. Outros vêm esporadicamente porque não se sentem bem. A maioria termina seus cursos e é aprovada.

### O que vocês conseguiram para as pessoas HIV positivo?

Há diversos empresários que, de outra maneira, não teriam tido êxito. Também temos famílias de pessoas portadoras de HIV que desenvolveram sólidas microempresas. Temos mais fontes de crédito, inclusive um órgão governamental, o que aqui, na Venezuela, não é fácil de conseguir. Criamos grupos de apoio. Também temos orgulho da cooperativa formada com portadores de HIV. Em tão pouco tempo o CEPOREJUN transformou-se em um centro de referência para eles e para as organizações que querem trabalhar com pessoas que têm HIV/AIDS. A imprensa já nos mencionou em dois artigos sobre alternativas para portadores de HIV. Acho que isso é bom.

Tivemos uma experiência negativa quando começamos. Alguém de uma associação vizinha nos denunciou ao Ministério de Saúde por trabalharmos com homossexuais e prostitutas, mas a denúncia não foi levada a sério, pois o Ministério de Saúde tem colaborado conosco e nos conhece bem. Sabemos que muitas pessoas continuam a discriminar. É muito difícil não nos afeiçoarmos às pessoas com quem trabalhamos e sabemos que alguns vão morrer e que sofreremos quando isso acontecer.



Artista do CEPOREJUN.

### Existem outras organizações na Venezuela que trabalham com inserção de pessoas com HIV no mercado de trabalho?

Que eu saiba, somos a única organização que trabalha com inserção no mercado de trabalho. Representantes de aproximadamente 18 organizações nos têm visitado para conhecer nossa experiência, mas eles se concentram em prevenção, medicina, biblioteca virtual sobre HIV/AIDS e saúde, no sentido de que têm uma clínica cujos serviços incluem um laboratório. Esperamos que, no futuro, outros continuem o que estamos fazendo.

### Qual é sua visão para o CEPOREJUN?

Embora, em teoria, a Constituição proteja igualmente todos os venezuelanos, meu principal objetivo seria pressionar o Ministério do Trabalho a redigir um projeto de lei declarando que as pessoas com HIV têm o mesmo direito ao trabalho que todos os demais. Também queremos multiplicar o número de organizações que trabalham com portadores de HIV mas, primeiro, temos de fortalecer a estrutura das organizações existentes. Para melhorar os serviços, queremos um sistema que coordene as diferentes organizações e eu creio que isso se pode conseguir. Também gostaríamos de divulgar nossa experiência internacionalmente, em especial em outros países latino-americanos e vender essa idéia para organizações que, por sua vez, venderiam a idéia como nós fizemos.

*Oscar Ruiz foi Assistente de Programas da IAF e agora estuda direito.*

# SERVICOS DE ÁGUA

## para as comunidades de Copán

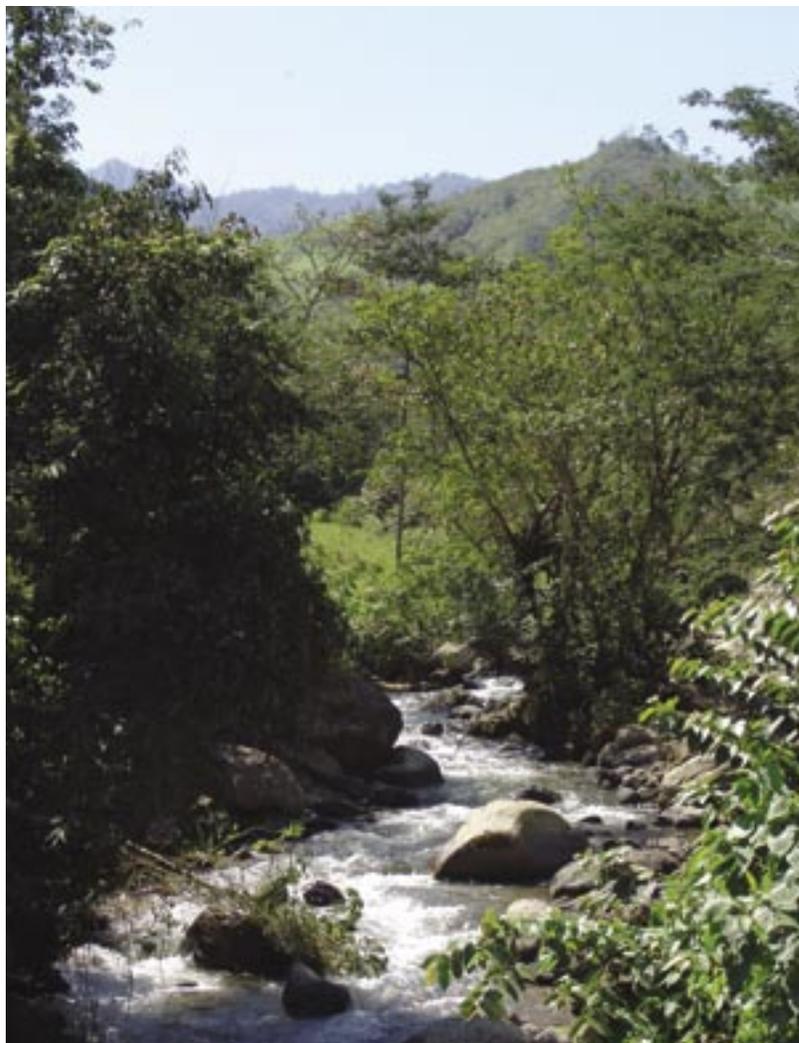
*De Fabiola Palma e Sean Sprague*

Fotos de Sean Sprague

Por intermédio de seu projeto mais recente, conhecido como Comunidades Organizadas por Municipio para el Agua Limpia (COMAL), o donatário hondurenho *Agua para el Pueblo* (APP) coordena as iniciativas de administração de recursos naturais, com ênfase especial na água para o consumo humano, saneamento rural e as microbacias de 25 comunidades Maya Chortí na bacia do rio Copán.

Todas as comunidades sofrem de superpopulação, degradação ambiental, alta incidência de doenças infecciosas, especialmente entre as crianças com menos de cinco anos, altas taxas de mortalidade materna, instalações escolares insuficientes e falta de oportunidades de emprego, entre outros problemas. O acesso à água potável é fundamental para a solução de todos esses problemas. A APP está trabalhando não só na infra-estrutura, mas também no fortalecimento das relações entre as comissões locais de abastecimento de água e outras organizações de base, para que possam chegar a um consenso sobre o uso sensato dos recursos hídricos e o monitoramento e mitigação da poluição.

A APP facilita a participação da comunidade na avaliação das microbacias e da qualidade da água; nas estratégias para a sustentabilidade; em seus planos de melhoria dos sistemas de água e saneamento; e na administração da infra-estrutura. Essas medidas tornam os residentes mais conscientes de como prevenir e corrigir problemas. Como as 25 comunidades têm investido financeiramente na infra-estrutura e os beneficiários estão contribuindo com sua mão-de-obra, a APP considera



que os serviços melhorados serão utilizados com mais eficiência. Para o futuro, a APP projeta um sistema de serviços abastecimento de água e saneamento que será mantido com os pagamentos dos usuários e que beneficiará até as comunidades mais marginalizadas.

---

*Fabiola Palma é verificadora de dados da IAF em Honduras. Sean Sprague é fotógrafo profissional cujas fotos vêm sendo publicadas em Desenvolvimento de Base desde 1989.*



*Agua Caliente é conhecida por suas fontes naturais que jorram água quente no rio próximo e na piscina para turistas. Apesar dessa surpreendente abundância de água, os moradores locais sofriam com um abastecimento de água irregular e sem segurança até que a APP começou a trabalhar. Com mão-de-obra fornecida pela comissão de água local, foi construído um impressionante tanque com 60.000 litros de capacidade em uma colina próxima à aldeia.*

*Honduras é um país montanhoso, de baixa densidade demográfica, onde não há escassez de água. O rio Copán corre ao longo do vale onde está situada Agua Caliente, uma aldeia de 150 casas com uma população de 775 habitantes. Embora o rio esteja levemente poluído pela lavagem de roupa e certo escoamento de produtos químicos, mantém-se relativamente limpo. Juntamente com a rica vegetação tropical, o rio faz parte da beleza natural que atrai os visitantes.*



*Um engenheiro da APP (com boné de beisebol) ensina à Comissão de Abastecimento de Água de Agua Caliente aspectos da manutenção, incluindo a quantidade correta de cloro para a desinfecção da água e como medir semanalmente o conteúdo de cloro na água. É cobrada uma pequena taxa de cada família para pagar os produtos químicos e o equipamento. O sistema foi projetado para durar pelo menos 20 anos.*



*Para as crianças de Agua Caliente, abrir a torneira de casa ainda é uma novidade.*

*Graças ao novo serviço de distribuição de água em Agua Caliente, esta família conta com um fornecimento constante de água potável acumulada num tanque de onde obtêm o necessário para lavar, cozinhar e beber.*



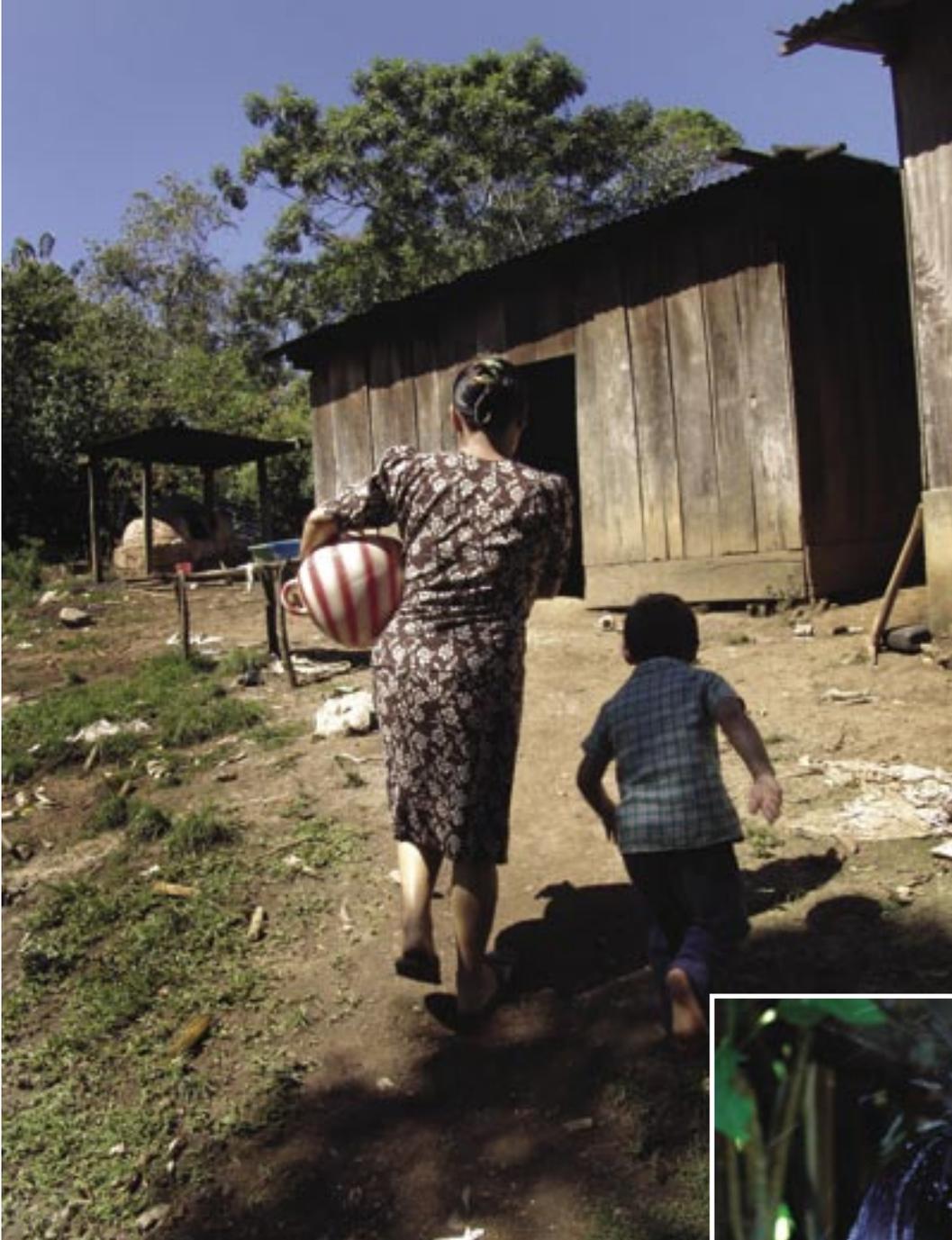
*O sistema recém-instalado que fornece água potável melhorou significativamente a saúde e a expectativa de vida dos moradores de Agua Caliente que antes eram propensos a doenças e parasitas transmitidos pela água. Também os livra da tensão de esperar pelo serviço irregular de um sistema antiquado e do penoso trabalho de transportar água por grandes distâncias de um poço ou manancial até suas casas.*



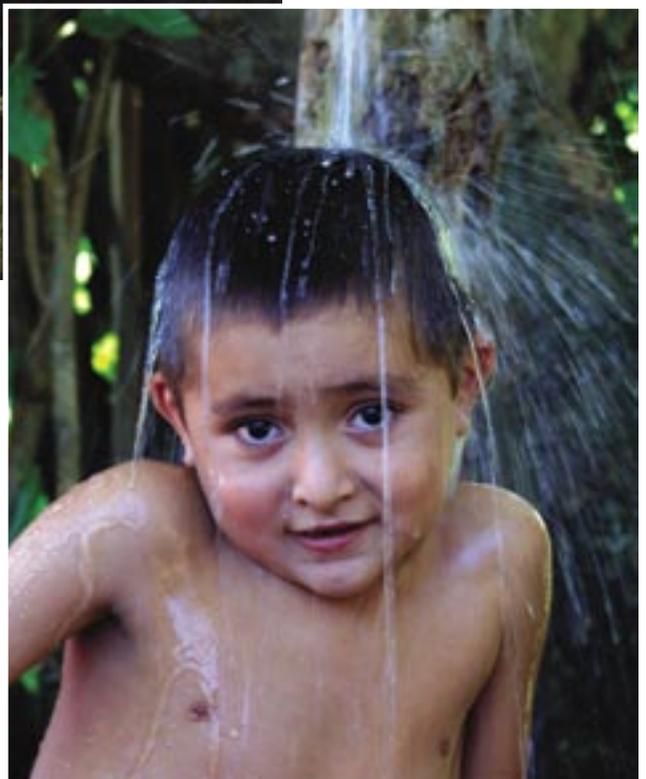
*Santa Rosita conta agora com um tanque semelhante ao de Agua Caliente, a cerca de 32 quilômetros de distância, que permite que esta mulher tire água de sua própria torneira, a apenas três metros de casa.*



*O engenheiro da APP utiliza um rotafolhas para explicar aos membros da Comissão de Abastecimento de Água de Santa Rosita a tecnologia utilizada para processar e fornecer água potável. Também proporciona informações sobre nutrição, cuidados preventivos de saúde, construção de latrinas e outros temas. Os membros da Comissão de Abastecimento de Água, todos camponeses sem terra, trabalham em uma fazenda próxima. O fazendeiro nunca lhes tinha proporcionado água potável e ficou feliz que a APP se prontificasse a construir o sistema para a comunidade.*



*Uma mulher e seu filho aproximam-se de sua casa em Los Arcos depois de uma árdua subida transportando água potável para a família do manancial do vale, trajeto que devem percorrer diversas vezes por dia. A APP está negociando com Los Arcos a instalação de um novo sistema de água potável, semelhante ao de Agua Caliente e Santa Rosita. Os camponeses de Los Arcos vivem em uma grande fazenda e trabalham por um ou dois dólares por dia.*



*Antonio desfruta de um banho, graças ao novo serviço de Agua Caliente.*

## Parcerias para empoderar as bases

Um mercado móvel para vendedores ambulantes em El Salvador, um programa de pagamentos por serviços ambientais no Equador e uma cooperativa de recicladores no Brasil parecem ter muito pouco em comum. Mas cada um desses projetos impulsionou a criação de uma relação de parceria plena entre o beneficiário da IAF que o lançou — a Fundación Redes, a Corporación para el Desarrollo de los Recursos Naturales Renovables (CEDERENA) e a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (ASMARE), respectivamente— e o governo local.

Representantes das três ONGs viajaram à cidade de Washington para trocar experiências e estabelecer contatos com 450 profissionais de desenvolvimento e funcionários públicos na primeira Conferência Internacional sobre Desenvolvimento Municipal, realizada de 16 a 18 de junho de 2004 e co-patrocinada pela IAF, Banco Mundial, Banco Alemão de Desenvolvimento, KfW e o Ministério de Cooperação e Desenvolvimento Econômico da Alemanha. A sessão intitulada “Poder, parcerias e formulação de decisões na comunidade: o papel das ONGs e das organizações de base como agentes do desenvolvimento municipal” enfatizou os esforços dos donatários da IAF para melhorar a governança e os serviços na respectiva comunidade.

Juan Martínez, diretor executivo da Fundación Redes, descreveu como a aliança de sua organização com o município e o setor público solucionou o problema do trânsito no distrito histórico de Mejicanos em San Salvador, com a transferência de pontos de ônibus e o oferecimento de outros locais de vendas aos vendedores ambulantes, inclusive um mercado móvel. A Fundación Redes já havia administrado um programa de microempresas nos departamentos de Chalatenango, Cabañas e Cuscatlán, de modo que se encontrava em boa posição para dirigir o projeto de um “mercado sobre rodas”, que os recursos recebidos da IAF ajudaram a consolidar. Agora, cerca de 100 vendedores ambulantes alternam-se entre seis lugares designados no mercado que dirigem graças ao treinamento oferecido pela REDES e seu programa de empréstimos que lhes permitiu comprar quiosques e equipamentos.

CEDERENA, uma rede de agrônomos, silvicultores, economistas, engenheiros e sociólogos, aplicou a doação recebida da IAF na criação de um modelo de conservação

de bacias hidrográficas de tecnologia simples que melhorou os serviços no município de *Pimampiro*. Segundo Robert Yaguache, Diretor Executivo da CEDERENA, o programa baseia-se em um fundo financiado por sobretaxas cobradas do consumo urbano de água e canalizado para pagamentos aos agricultores que conservam a capa florestal. Uma lei municipal formalizou o fundo, que é administrado por uma comissão formada pelo prefeito e diretor financeiro de *Pimampiro*, pelo chefe da Comissão Ambiental Municipal e por um representante da CEDERENA. O êxito do programa em reverter a degradação ambiental estimulou o compromisso político do município, o interesse dos agricultores em participar e a assistência técnica da CEDERENA. Uma segunda doação da IAF está financiando a ampliação do programa para mais 10 municípios.

Maria das Graças Marçal, reverenciada em Belo Horizonte como Dona Geralda, é a Coordenadora Geral e ex-Presidente da ASMARE; José Aparecido Gonçalves, Coordenador do Projeto Pastoral de Rua da Igreja Católica, refere-se a ela como uma lenda. Juntos contaram como Dona Geralda e outros catadores de lixo sem teto, após terem suas casas destruídas por escavadeiras em uma madrugada de agosto de 1988, uniram-se para fundar uma cooperativa de reciclagem e transformá-la em empresa modelo. Agora, 16 anos depois do brutal despejo, a ASMARE oferece serviços de saneamento à cidade de Belo Horizonte. Seus 250 membros recebem três vezes o salário mínimo, além de benefícios de saúde e educação e uma participação trimestral nos lucros anuais. Dona Geralda atribuiu o êxito ao dinamismo e à dedicação de seus membros, bem como ao momento favorável. No início da década de 1990, a cidade elegeu um prefeito simpático ao trabalho dos recicladores e com consciência do potencial que eles representavam.

Também estiveram presentes, representando os donatários da IAF na conferência, Sérgio Gregório Baiere, do Centro de Assessoria e Estudos Urbanos (CIDADE) de Porto Alegre, Brasil, e Gerardo Bacalini da Federación de Asociaciones Centros Educativos para La Producción Total (FACEPT), uma rede de 21 escolas rurais da província de Buenos Aires, Argentina. Ambos fizeram apresentações ao Diálogo Interamericano, à Embaixada do Equador e à Força-Tarefa da Sociedade Civil da Fundação Esquel. —*Gabriela Boyer, Representante da IAF*

Para obter mais informações sobre a Conferência Internacional de Desenvolvimento Municipal, visite



Anthony Bebbington, à esquerda, da Universidade de Manchester, e Aldo Panfichi, da Universidade Católica do Peru.

<http://www1.worldbank.org/sp/ldconference/index.asp>. O trabalho da ASMARE está em “Recicladores em marcha”, *Desenvolvimento de Base*, 2004 e no artigo de Judith Morrison intitulado “Uma cidade e seus catadores de lixo: do despejo à confiança”, *Desenvolvimento de Base*, 2002. Os projetos de CEDERENA estão descritos no artigo de Robert Yaguache intitulado “O preço da preservação florestal e pastos”, *Desenvolvimento de Base*, 2003. O artigo de Paula Durbin intitulado “A IAF na Argentina”, também no número de 2003 da revista, inclui uma seção sobre a FACEPT.

## Espaços locais e ação civil

A pesquisa financiada pela IAF e realizada pela Fundación Nacional Superior de la Pobreza, em Santiago, foi o tema tratado de 8 a 10 de março em “Governança local e a criação de espaços locais para a ação civil”, um seminário dividido entre a Faculdade de Relações Públicas Lyndon

Baines Johnson, Austin, e o Woodrow Wilson International Center for Scholars, de Washington. A pesquisa foi coordenada por Gonzalo de la Maza, sociólogo chileno, e por Rodrigo Villar, antropólogo colombiano. A Fundação Interamericana, o Wilson Center e a Universidade do Texas em Austin co-patrocinaram o seminário.

Aldo Panfichi, da Universidade Católica do Peru; Cristina Filgueiras, da Universidade Católica de Minas Gerais; e Anthony Bebbington, da Universidade de Manchester examinaram exemplos específicos de novos espaços públicos para a participação do cidadão. Panfichi falou sobre as mesas de concertação em Puno, Peru, comentando que permitem ouvir as opiniões de um maior número de pessoas, mas complicam a formulação de políticas. Filgueiras detalhou como os membros da ASMARE, a cooperativa de reciclagem de lixo de Belo Horizonte financiada por uma doação da IAF, mencionada acima, participaram de um diálogo mutuamente benéfico com a cidade que propiciou aos recicladores um importante contrato. Beb-

bington comunicou suas conclusões a respeito de uma transferência de poder para a maioria indígena em Guamote, Equador, onde a IAF havia investido no Comité de Desarrollo Local de Guamote.

Gabriel Murrillo, da Universidade dos Andes de Bogotá; Andrew Selee, do Wilson Center; e Peter Ward e Bryan Roberts, da Universidade do Texas fizeram comentários. Uma publicação definitiva sobre a pesquisa, que deverá ocorrer no final do ano, também incluirá estudos de casos no Chile, Colômbia, Guatemala e México, realizados por Carlos Ochsenius, Fabio Velásquez, John Durston e Manuel Canto, respectivamente.

## Workshop sobre espaços públicos

A série de workshops intitulada “Projeto sobre descentralização, iniciativas locais e cidadania”, co-patrocinada pela IAF e pelo Wilson Center, terminou em 13 de maio com um ato na Universidade dos Andes, em Bogotá, que contou com a participação de personalidades entre as quais se destacaram dois ex-Prefeitos da cidade, Antanas Mockus e Enrique Peñalosa.

O grupo seletivo que os escutava no workshop “A redefinição do espaço público na Colômbia” incluiu cientistas políticos do México e dos EUA, bem como da Colômbia. “Sinto-me como um inseto rodeado de entomólogos”, comentou Mockus, que exerceu o cargo de 1995 a 1997 e de 2000 a 2003. Peñalosa exerceu o cargo entre os dois mandatos de Mockus.

Ambos são reconhecidos por terem transformado Bogotá em uma cidade muito mais segura e menos congestionada. Apesar de os dois serem candidatos à presidência em 2006, nenhum deles deixou de reconhecer as realizações do outro durante exposições animadas e que surpreendentemente se complementaram. Mockus, que emprega os termos *hardware* e *software* para referir-se à infra-estrutura e ao comportamento cívico, ressaltou a importância da cultura cidadã, ou *software*, para a melhoria da vida urbana. Peñalosa, cuja realização mais importante provavelmente seja o rápido sistema de ônibus de Bogotá, o *transmilenio*, baseado em uma reconfiguração do *hardware* existente



Enrique Peñalosa

de Bogotá, enfatizou o papel das obras públicas.

À medida que o workshop transcorria, o termo “espaço público” foi-se definindo claramente como as ruas, calçadas, pistas de bicicletas e parques que unem os residentes urbanos. Na sessão

vespertina, peritos das cidades mais importantes da Colômbia falaram da responsabilidade do governo com relação a esse espaço. Alejandro Echeverri, Diretor de Projetos Estratégicos de Medellín, falou sobre os cuidadosos planos de melhorias do Prefeito Sergio Fajardo, especialmente para o transporte. Hermann Alfonso, arquiteto, falou sobre a Corporación para el Espacio Público de Bucaramanga, que dirige. Fábio Velásquez, da Universidade do Vale, comparou o caso de Cali, onde o interesse pelo espaço público é mínimo.

O workshop de Bogotá também foi co-patrocinado pela Fundación Terpel da Colômbia. Eventos anteriores da série foram realizados de dezembro a março na Argentina, Bolívia, Guatemala e Brasil.



Gabriel Murrillo, da Universidade dos Andes, que dirigiu o workshop, com Antanas Mockus

## Infra-estrutura comunitária: antes e depois



*Entre as dezenas de projetos de infra-estrutura de serviço empreendidos em seis províncias panamenhas pelo Instituto Panameño de Desarrollo Humano y Municipal (IPADEHM), donatário da IAF em 2003, estão a nova ponte suspensa em Calobre, província de Veraguas, que substitui uma estrutura sobre o rio Las Guías que não se podia atravessar no inverno quando as chuvas torrenciais elevavam a água a níveis perigosos, e uma nova igreja no terreno ocupado por uma meia-água rústica na Comarca Ngöbe Buglé, um território indígena. Para cada projeto, o IPADEHM mobilizou o dobro do montante dos fundos que obteve com a doação da IAF. —John Reed, Representante da IAF*



Cortesia IPADEHM



## Afro-descendentes no México



AYANA JACKSON

“Tita”, da exposição de fotografias de Ayana Jackson intitulada *African by Legacy, Mexican by Birth* (Africano por herança, mexicano por nascimento).

Uma característica pouco conhecida da diversidade do México contemporâneo é uma concentração de afro-descendentes nas comunidades costeiras de Oaxaca, Guerrero e Veracruz. Para aumentar a conscientização pública a respeito das dificuldades enfrentadas pelos mexicanos afro-descendentes, a IAF co-patrocinou uma série de eventos em 11 e 12 de maio na cidade de Washington, DC, em colaboração com o Conselho Nacional *La Raza* (NCLR), a Consulta Interinstitucional sobre Raça na América Latina e o Instituto México do Woodrow Wilson International Center for Scholars.

Mais de 180 pessoas de órgãos públicos, organizações privadas e universidades assistiram a uma ou mais atividades – um número notável, considerando-se a pouca atenção pública que as questões afro-mexicanas recebem normalmente. Com manchete de primeira página “Discriminado y Casi Invisible,” o jornal *El Universal* da Cidade do México deu destaque ao painel do café da

manhã de abertura, que incluiu Sagrario Cruz-Carretero, da Universidade de Veracruz, Bobby Vaughn, da Universidade Notre Dame de Namur; e Jonatham Fox, antigo membro da IAF que atualmente leciona na Universidade da Califórnia em Santa Cruz. *Tiempos del Mundo*, um jornal da cidade de Washington dirigido aos leitores hispânicos, também noticiou a série.

Embora o governo mexicano oficialmente não colete dados sobre os afro-descendentes, Cruz-Carretero disse que, segundo cálculos, o grupo representa de 1% a 2% dos cerca de 100 milhões de habitantes do México. Falando novamente no fórum noturno da sede do NCLR na cidade de Washington, tanto ela quanto Vaughn destacaram o tratamento discriminatório em uma sociedade em que, disseram, ser negro é muitas vezes considerado uma característica física e não identidade étnica ou cultural. Observaram que os afro-mexicanos costumam viver nos estados mais pobres e caracterizam-se desproporcionalmente por baixa renda, acesso limitado à saúde, educação inadequada e outros indicadores sociais negativos. Enquanto os grupos indígenas mexicanos se organizaram para fazer valer seus direitos e exigir justiça social, ainda não surgiu um movimento social semelhante relacionado aos afro-descendentes. No entanto, alguns afro-mexicanos estão tentando aumentar a conscientização pública sobre seu patrimônio cultural e a discriminação racial.

Juntamente com a exposição e a recepção da noite, a IAF coordenou uma exposição de fotografias de Ayana Vellissia Jackson, que permaneceu aberta ao público no NCLR até o final de maio. Os documentários *Sangre Africana*, uma exploração do patrimônio africano do México dirigida por Roberto Olivares; e *La Raíz Olvidada*, um estudo histórico de Rafael Rebollar Corona, ambas exibidas na Faculdade de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins, ofereceram o tema para discussão no ato final da série.

As doações da IAF têm ampliado a conscientização social e cultural, bem como atividades econômicas viáveis em comunidades de afro-descendentes na América Latina e no Caribe. Recentes atividades de extensão no México têm incluído a divulgação de convites para apresentação de propostas, reuniões e workshops da IAF sobre planejamento comunitário e avaliação das necessidades em enclaves de afro-descendentes. —*Jill Wheeler, Representante da IAF*

## Homenageados e convidados

O governo equatoriano concedeu sua Medalha ao Mérito Institucional ao Movimiento Mi Cometa, donatário da IAF desde 2002, em reconhecimento a seus esforços em prol das crianças e jovens excluídos e marginalizados que residem nos arredores de Guasmo Sur, Guayaquil. Segundo Dana Hill, voluntária dos Estados Unidos que colabora com Mi Cometa, cerca de 425.000 pessoas vivem em Guasmo Sur que no inverno sofre inundações regulares e onde quase a metade da população ativa está desempregada. O grupo de base Movimiento Mi Cometa foi criado em 1990 por jovens que começaram a organizar a comunidade, rua por rua, para melhorar as casas e aumentar as oportunidades de emprego. “Os programas do Mi Cometa —sobre desenvolvimento da família, liderança de mulheres e jovens, microcrédito, comissões de vigilância da comunidade, saúde, habitação, atividades de estímulo a crianças e comunicações— pouco a pouco estão atingindo mais pessoas”, disse Hill.

O Mi Cometa foi convidado a representar o Equador no Congresso Profissional Íbero-Americano de Comunicação Empresarial e Cerimonial, realizado no Rio de Janeiro de 5 a 8 de abril de 2005. A delegada Karina Castro, encarregada das relações do Mi Cometa com a imprensa, falou sobre a experiência do grupo com a medição de resultados de uma campanha de comunicação e relações públicas. Alguns dias depois, César Cárdenas Ramírez falou no Congresso Internacional de Organizações que Trabalham com Meninos de Rua.

## Celebração indígena

Na madrugada de 21 de setembro, 45 indígenas latino-americanos patrocinados pela IAF, ocuparam seu lugar junto a outros grupos tribais para participar do Desfile das Nações Indígenas no National Mall da cidade de Washington, que precedeu a inauguração do Museu Nacional do Indígena Americano da Smithsonian Institution. Cerca de 20.000 pessoas participaram do desfile liderado pelo senador Ben Nighthorse Campbell e por Richard West, Diretor do Museu, ambos usando trajes típicos Cheyenne. Dirigiram-se ao pé da escadaria do Congresso dos Estados Unidos, onde foram realizadas as cerimônias. Mais tarde, os donatários da IAF apresentaram seus trabalhos de

PATRICK BRESLIN



*Salvador Huata, centro, comemorou seu aniversário durante o Festival dos Primeiros Americanos.*

artesanato e suas artes cênicas no Festival dos Primeiros Americanos, com duração de seis dias.

A presença dos donatários no evento coroou um longo e produtivo relacionamento entre a IAF e os povos indígenas da América. Os primeiros anos de operação da IAF na década de 1970 coincidiram com a insistência, por parte dos povos indígenas de todo o mundo, no respeito a seus direitos e sua plena inclusão na vida econômica e política. Nas últimas três décadas, seu movimento gerou vários enfoques inovadores para o desenvolvimento, muitas vezes com uma dimensão cultural, ao que a IAF tem prestado ajuda.



*Dançarinos de tesoura.*

Algumas das comunidades cujos esforços de auto-ajuda foram incentivados por doações da IAF estavam representadas nas festividades: os tecelões de Tarabuco and Jalq'a do sul da Bolívia participam de um programa lançado pela Fundación para la Investigación Antropológica y Etnodesarrollo (ASUR), que recebe apoio da IAF e cujo propósito é recuperar as tradições têxteis andinas. Os músicos e dançarinos de Taquile, Peru, confirmam a revitalização da cultura local por meio de um projeto financiado pela IAF que está estimulando o crescimento do ecoturismo na sua ilha. Com a ajuda da IAF, os Kunas, do território indígena do Panamá, assumiram a responsabilidade pela conservação dos recursos naturais em áreas florestais, projetos de mapeamento e museus comunitários e estão abrindo mercados para suas coloridas molas.

Entre os vários grupos apoiados pela IAF que estiveram presentes, figuraram os dançarinos de tesoura de Lima, os dançarinos Suyá do Brasil e os fabricantes de marimbas da Guatemala. Por outro lado, o Departamento de Estado dos EUA convidou as delegações de líderes indígenas de diversos países para assistir à inauguração do museu como parte de uma visita de 30 dias que os levou por todo esse país. Na delegação argentina estava Rosario Quispe, fundadora e Presidente da Warmi Sayajsunqo, uma associação de mulheres indígenas Coya que estão usando sua doação da IAF em um programa de micro-

crédito em povoados da região de Abra Pampa, Jujuy (ver *Desenvolvimento de Base* 2003).

Com seus cerca de 8.000 artefatos, o Museu Nacional do Indígena Americano reúne o diversificado legado cultural das populações indígenas de todo o continente. O edifício, uma estrutura de elegante desenho curvilíneo e presença monumental, já foi classificado como visita obrigatória em Washington. “Nunca vi nada como este museu”, comentou o violinista Sebastian Paitan Ccanto, que acompanhou os dançarinos de tesoura. “Como indígena sinto-me orgulhoso e muito feliz por estar aqui”.



*Rosario Quispe, fundadora e Presidente da Warmi Sayajsunqo, na sede da IAF.*

## Tecendo uma nova sociedade

O Instituto de Assuntos Culturais (ICA), fundado na década de 1970, é uma rede informal de organizações de 34 países preocupada com o fator humano do desenvolvimento global, segundo Richard Alton, coordenador da sexta edição da conferência internacional do ICA realizada de 15 a 21 de agosto de 2004 em Antigua, Guatemala. Desde 1984, os representantes das afiliadas do ICA e outras organizações reúnem-se a cada quatro anos para discutir os temas mais atuais. Em 2004, 220 profissionais de 25 países reuniram-se para “ouvir e analisar as estratégias de alcance global”, explicou Alton. “Essas conferências foram organizadas para dar maior impulso às pessoas”.

A IAF, Fundação Ford, CIVICUS, OXFAM, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o Centro de Formación de la Colaboración Española co-patrocinaram um evento na Guatemala organizado em sete “fios” (temas) ou grupos de trabalho, que variavam desde o desenvolvimento de jovens até o problema da AIDS. Dois “fios”, um sobre sistemas econômicos sustentáveis e o outro sobre criação de capital social, beneficiaram-se da experiência de ex-donatários da IAF e de representantes dos 80 projetos que atualmente fazem parte da carteira da IAF na América Central e no México. Miriam Brandão, Representante sênior da IAF, e Azucena Díaz García, Rosamaria Cruz, Rolando Gutiérrez e Roberto García, contratados do serviço de ligação local da IAF no México, Guatemala, El Salvador e Nicarágua, respectivamente, selecionaram os membros das mesas-redondas e coordenaram suas contribuições, bem como as visitas a projetos locais da IAF.

Os quatro donatários da IAF representados na mesa-redonda sobre desenvolvimento econômico sustentado, da qual foi moderador Roberto García, tinham empreendido projetos com um investimento de capital relativamente baixo que beneficiaram comunidades marginalizadas: Armando García Campos descreveu como a Asociación de Consultores para el Desarrollo de la Pequeña, Mediana y Microempresa (ACODEP), durante os 14 anos transcorridos desde que recebeu uma doação de US\$100.000 da IAF, aumentou sua carteira de empréstimo de 850 para 30.000 nicaraguenses e espera chegar aos 100.000; Benjamín Son Turnil explicou como a Asociación de Cooperación para el Desarrollo Rural de Occidente (CDRO) seguiu um modelo



PAULA DURBIN

*Participantes da mesa-redonda da IAF sobre capital social: da esquerda para a direita Joaquín Cajbón Uscap, Carlos Cáceres, Rosamaría Cruz, Julio Córdoba e Francisco Rodríguez.*



PAULA DURBIN

*Participantes da mesa-redonda da IAF sobre desenvolvimento econômico sustentado: de esquerda para a direita Roberto García, Franklin Montana, Benjamín Son Turnil, Armando García Campos, Representante sênior da IAF Miriam Brandão e Adolfo Sánchez.*

horizontal de formulação de decisões praticado pelos mais para melhorar as condições em Totonicapán, uma das regiões mais pobres da Guatemala; Adolfo Sánchez falou sobre como a Promotora de Productores y Empresarios Salvadoreños superou a incerteza dos agricultores quanto às vantagens da diversificação de culturas e ao trabalho conjunto. E Franklin Montano informou sobre o trabalho da Asociación de Organizaciones de Microfinanzas (ASOMI) com cerca de 80.000 microempresários salvadoreños de subsistência, em sua maioria mulheres.

O fio sobre capital social abordou um conceito mais complexo: os vínculos entre as pessoas que tornam possíveis as ações de cooperação. Rosamaría Cruz foi a moderadora do painel constituído por representantes de donatários da IAF: Carlos Cáceres da CODELSA falou sobre os esforços de sua organização para ativar todos os agentes econômicos. Francisco Rodríguez explicou como a Fundación para la Reconstrucción y el Desarrollo (REDES) trabalhou com os funcionários municipais e

vendedores ambulantes para criar as condições para um “mercado móvel” em San Salvador e sua administração pelos vendedores participantes. Joaquín Cajbón Uscap descreveu o apoio de sua comunidade ao Museu Rabinal Achi em Baja Verapaz, Guatemala, que é ao mesmo tempo um monumento à guerra civil, repositório do legado cultural e centro de capacitação. Sua fonte de inspiração foi o modelo de Oaxaca que Julio Córdoba, da Fundación Comunitaria Oaxaca, qualificou como um “processo de construção social” já copiado com êxito em 19 localidades. Ruth Hernández descreveu o projeto Camponês de Tlaxcala, México, onde uma comunidade determinada elaborou um plano para limpar seu reservatório de água, diversificar sua produção agrícola e reverter a degradação ambiental mediante a promoção da separação dos dejetos sólidos.

### Visitas a projetos

Muitos participantes relataram que os dois dias de visitas aos projetos bem-sucedidos de auto-ajuda na Guatemala foram o elemento mais instrutivo da conferência. A visita a OPCION, uma organização donatária da IAF de 2004 que treina agricultores indígenas de 90 organizações para trabalhar em conjunto com Aj Ticonel, seu parceiro comercial que compra seus produtos para vender para clientes nos EUA, destacou o aspecto de marketing do desenvolvimento. Para ver as operações da OPCION, um ônibus repleto de participantes da conferência fez um trajeto de duas horas e gastou mais 20 minutos percorrendo um caminho tortuoso até a fazenda de Hipólito Hernández. Ao abrigo da floresta de pinheiros, as terras de Hernández estavam repletas de abóboras de verão em flor. Hernández, antigo trabalhador diarista, atualmente emprega seis trabalhadores para ajudar a semear e colher culturas rotativas de ervilhas e vagens, bem como berinjelas, pimentões e abobrinhas. A OPCION coordena sua produção com a de outros agricultores que recebem capacitação semelhante, a fim de manter o fornecimento constante durante todo o ano para Aj Ticonel. Hernández, por sua vez, pode contar com pagamentos regulares, independentemente de qualquer superabundância no mercado em geral —e pode referir-se com orgulho às suas duas filhas, que completaram o ensino médio e trabalham em escritório.

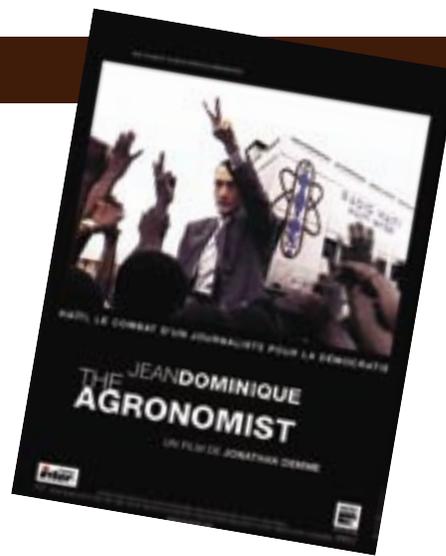
Na planta de processamento de Aj Ticonel, as mulheres supervisionam a qualidade dos produtos agrícolas e os

preparam para a exportação. Alberto Monterroso, Presidente da planta, reivindica para si o êxito de ter identificado uma base de clientes na costa leste dos EUA e na Califórnia. Para assegurar que as exigências sejam atendidas, criou turmas de alfabetização para seus empregados no local de trabalho. A operação é rápida e as hortaliças são exportadas imediatamente para assegurar uma frescura ótima. A repórter Celia W. Dugger fez uma ampla cobertura de Aj Ticonel em artigo publicado na edição de 28 de dezembro de 2004 do *The New York Times* que teve ampla circulação pela Internet. Dugger classificou Aj Ticonel como “uma história de êxito singular” que com US\$2,5 milhões de vendas em hortaliças em 2003 é a exceção ao título de seu artigo: “Cadeias gigantes de supermercados esmagam agricultores da América Central”. Ela atribuiu a “capacidade de beneficiar-se com o mercado internacional” de Aj Ticonel aos conhecimentos sobre negócios de Monterroso e à “sua disposição de sacrificar um alto salário para investir na planta e nos agricultores”.

Na ocasião da visita dos participantes da ICA em agosto, as hortaliças tinham sido colocadas em uma câmara fria enquanto Monterroso aguardava o sinal para enviá-las à Flórida, que havia sido devastada pelo furacão. A interrupção do que, em outras condições, seria uma bem executada coreografia, foi uma séria advertência de que até o mercado internacional é vulnerável aos fatores climáticos.



Em Aj Ticonel, ervilhas são preparadas para a exportação.

**The Agronomist (O agrônomo)***Dirigida por Jonathan Demme**Think Film; 2004**Disponível em amazon.com**Trilha sonora em inglês, francês e créole haitiano*

*The Agronomist* (O agrônomo), de Jonathan Demme, é uma visão do Haiti contemporâneo através da história de Jean L. Dominique, proprietário e operador da única estação de rádio independente do país. Usando uma montagem de filme e entrevistas gravadas em faixa de áudio, que começou a coletar em 1986, Demme narra o corajoso esforço de Dominique para aproximar um pouco o Haiti da democracia e da paz. *The Agronomist* tem a música do Haiti, seu riso e seu choro, sua beleza e seus bairros pobres. Oferece também uma vista rápida sobre uma história trágica —200 anos de liberdade negada marcados por ocupações estrangeiras, ditaduras, massacres, golpes de Estado e breves flertes com a democracia. Também confirma a importância de uma imprensa livre para uma sociedade democrática e para a justiça social.

Com esse pano de fundo, desenvolve-se a vida de Dominique. Nascido na elite haitiana, de pele clara e idioma francês, foi enviado à França para obter um diploma em agronomia. Após retornar para casa e empreender uma infrutífera campanha pela reforma agrária, Dominique comprou uma estação de rádio, a Rádio Haiti Inter e descobriu a importância de um meio de divulgação para o trabalho de base. Sua decisão de usar o créole haitiano nas transmissões deu ao povo acesso sem precedentes às informações e ao jornalismo profissional. Ao ganhar popularidade, a estação Haiti Inter atreveu-se a ir além, pedindo liberdade de imprensa em um país dominado pela repressão e violência política.

Demme mostra como, com a simples divulgação de notícias sobre ditadores depostos no exterior —Nicarágua e Irã, por exemplo— Dominique chamou a atenção para a situação do próprio Haiti, abrindo assim a porta para a discórdia. Decidido, apesar dos diversos atentados contra sua empresa e sua vida, Dominique, trabalhando com sua esposa, uma jornalista educada nos EUA e também filha da classe privilegiada do Haiti, continuou oferecendo uma alternativa à propaganda divulgada pelos meios

de comunicação haitianos. Finalmente, a audiência de créole da Haiti Inter transformou-se em um grave perigo para as autoridades e Dominique foi forçado a exilar-se. Quando finalmente regressou à sua pátria, seus entusiasmados admiradores foram a Port-au-Prince em uma monumental demonstração de boas-vindas.

Inicialmente partidário de Jean Bertrand Aristide, o sacerdote transformado em presidente, Dominique posteriormente questionou suas políticas e apresentou denúncias de corrupção durante uma entrevista ao vivo. Foi a primeira vez em que um líder político haitiano foi confrontado publicamente, frente à frente, por um meio de comunicação haitiano. Embora a entrevista tenha reafirmado o compromisso da Haiti Inter com a cobertura objetiva de notícias, prejudicou para sempre a situação de Dominique com o governo de Aristide. O filme, contudo, não se aprofunda no agravamento da relação, nem nas circunstâncias da violenta morte de Dominique, que foi assassinado a tiros em plena luz do dia, fato a que os desolados haitianos reagiram brindando-lhe um funeral de herói.

*The Agronomist* deixa o espectador com vontade de saber mais sobre esses detalhes que faltam, bem como sobre a esposa de Dominique, Michele, a quem apresenta como uma pessoa extraordinária. A prolongada e aparentemente estreita relação de Demme com o tema de seu filme tampouco é explorada, nem seu interesse pelo Haiti. Mas, em última análise, o filme é forte e inspirador e seu protagonista, que foi praticamente desconhecido fora do Haiti enquanto viveu, é devidamente reconhecido. *The Agronomist* efetivamente põe Dominique no panteão daqueles que morreram por insistir em dizer a verdade e presta tributo a seu legado, a Rádio Haiti Inter, ao jornalismo corajoso e ao povo haitiano. —Eduardo Rodríguez-Frias, Assistente de Programas da IAF



**Waiting for Rain: The Politics and Poetry of Drought in Northeast Brazil** (Esperando a chuva: política e poesia da seca no nordeste do Brasil)

Por *Nicholas Gabriel Arons*

*The University of Arizona*  
Press: Tucson, 2004

Disponível em inglês

Em *Waiting for Rain: The Politics and Poetry of Drought in Northeast Brazil*, o autor Nicholas Arons argumenta convincentemente que os devastadores efeitos de séculos de seca no nordeste brasileiro são resultado tanto da política quanto da natureza. Com uma descrição da história da seca que há muito tempo assola a vasta região, relata os repetidos fracassos do governo brasileiro em reconhecer ou encarar a magnitude da crise. Também defende que, devido à negativa oficial em assumir a responsabilidade ou agir, os custos econômicos e humanos da seca já excederam em muito o aceitável em qualquer país moderno.

Em seus primeiros capítulos, Arons explora a vida no nordeste, estendendo-se além do esperado desastre agrícola provocado pela simples falta de chuva, e investiga os concomitantes horrores humanos que testemunhou durante uma série de extensas visitas à região —desemprego, alcoolismo, analfabetismo, mortalidade infantil, desnutrição e extrema pobreza. O autor distancia seu livro sobre a seca brasileira da extensa literatura acadêmica sobre o tema, ao incorporar os singulares significados culturais e profundamente espirituais do nordeste. O uso da poesia, composta durante décadas para registrar a angústia dos habitantes do sertão, permite que os diversos temas relacionados com a seca sejam revelados nas palavras daqueles que a viveram.

Não é coincidência que o árido nordeste seja a região mais devastadoramente pobre do Brasil e o livro constantemente nos faz lembrar como a seca e a pobreza estão relacionadas. Arons é muito crítico dos gestos mecânicos do governo brasileiro quanto ao alívio da seca, que classifica como gestos que atendem aos interesses do próprio governo, mal planejados e destinados a beneficiar, se alguém, os ricos proprietários de terras. Menciona a mal

planejada solução da década de 1930, quando o governo desalojou pela força os nordestinos das áreas afetadas pela seca e o investimento de milhões de dólares, na década de 1950, em um experimento para fazer com que as nuvens produzissem chuva, enquanto outras nações optaram pela sensata e bem-sucedida ciência dos sistemas de irrigação.

Embora declare que não é um perito em Brasil, enriquece com êxito a temática da seca com sua experiência pessoal e a apresenta sem a interferência dos tradicionais métodos sócio-científicos, ou de estilos de relatos. Para quem desejar obter uma melhor compreensão sobre o Brasil, *Waiting for Rain* é uma excelente apresentação de uma das trágicas realidades da vida no nordeste. Ao terminarem o livro, os leitores terão compreendido a seca e a poesia que ela inspirou pela ótica nordestina.

É interessante indicar que quase todos os demais livros que tratam das características peculiares da região abordam amplamente a questão da raça. A indiferença quase total pelo assunto por parte de Arons é decididamente corajosa. —*Courtney Brown, Assistente de Programa da IAF*

**Key Issues in Development** (Questões fundamentais do desenvolvimento)

Por: *Damien Kingsbury, Joe Remenyi, John McKay e Janet Hunt*

*New York: Palgrave Macmillian Press, 2004*

Disponível em inglês

*Key Issues in Development* proporciona uma crítica introdução à teoria, prática e estudo do desenvolvimento. Os autores australianos Damien Kingsbury, Joe Remenyi, John McKay e Janet Hunt, todos profissionais do desenvolvimento e professores universitários, acreditam que o desenvolvimento pode ser mais efetivo se os que estão no campo estiverem cientes das tentativas anteriores de eliminar a pobreza absoluta. Vários estudos de caso comprovam sua conclusão: embora as tendências e abordagens tenham mudado desde os primeiros tempos da assistência internacional após a segunda guerra mundial, a vida das pessoas com menos recursos continua a mesma.

Os autores exploram a situação das pessoas de baixa renda em diversos capítulos, cada um dedicado a um tema considerado fundamental para compreender por que as condições nos países em desenvolvimento ainda

precisam melhorar: considerações econômicas, o impacto da ajuda internacional, a necessidade de desenvolvimento político e civil, o papel do gênero, a idéia de desenvolvimento como “modernização”, as teorias de subdesenvolvimento, variações regionais, o meio ambiente e o progresso comunitário. Remenyi, Diretor de Desenvolvimento Internacional e Comunitário da Universidade Deakin na Austrália, abre a discussão com uma definição de desenvolvimento enfocada na necessidade de tratar a fome, a habitação, a educação e os serviços básicos. Em seu capítulo, Kingsbury, que também conta com a participação de Deakin, ressalta a difícil situação das comunidades em desenvolvimento: para prosperar precisam atrair o capital estrangeiro, o que requer competição entre si.

McKay, diretor do Centro de Estudos Australianos de Cooperação Ásia-Pacífico, na Universidade Monash, examina por que alguns países prosperam na globalização, enquanto outros ficam estagnados ou tornam-se ainda mais pobres. Considera também as falácias implícitas nas teorias sobre modernização e dependência das décadas de 1950 e 1960. Hunt, do Royal Melbourne Institute of Technology (RMIT), questiona a natureza da ajuda externa e seus principais beneficiários. Ela também explora o impacto dos papéis do gênero e conclui que as mulheres, apesar dos recentes esforços, continuam sendo marginalizadas do processo de desenvolvimento. Embora apoiada em uma boa análise, a observação não é nova.

*Key Issues in Development* apresenta argumentos a favor do desenvolvimento como um processo constante de empoderamento. As políticas devem ser sensatas, sustenta o livro, e as pessoas adequadas devem ser envolvidas. —Christina Violeta Jones, estagiária da IAF em 2003



**Otros Amenazantes: Los nicaragüenses y la formación de identidades nacionales en Costa Rica** (Outras ameaças: Os nicaragüenses e a formação de identidades nacionais na Costa Rica)

De Carlos Sandoval García

Editorial de la Universidad de Costa Rica: San José, 2003

Ohio University Press:  
Athens, 2004

Disponível em espanhol e inglês

Em *Otros Amenazantes: Los nicaragüenses y la formación de identidades nacionales en Costa Rica*, o sociólogo Carlos Sandoval García explora o efeito dos estereótipos étnicos na interação humana. O livro concentra-se especificamente nas atitudes com relação aos cerca de 250.000 nicaragüenses que, a partir da década de 1980, fugiram da guerra e da pobreza para trabalhar em construção e agricultura na Costa Rica.

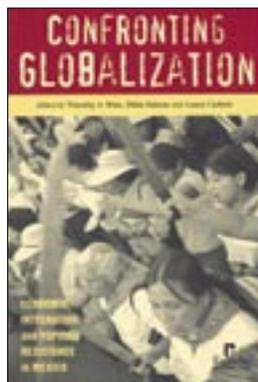
Segundo Sandoval García, as “práticas, imagens e rituais mediante os quais se constrói um sentimento de pertencer a uma nação” desenvolvem-se historicamente com o tempo. Atualmente, porém, ele vê os costarriquenhos começando a definir a si próprios em contraste com a sua percepção despersonalizada dos nicaragüenses. Os costarriquenhos, disse, vêem os nicaragüenses como, por exemplo, violentos e radicalmente revolucionários, características consideradas ameaças a supostos valores tradicionais costarriquenhos de não-violência e democracia representativa. Sandoval García vê um padrão de estereótipos perpetrado em editoriais de escritores que afirmam estar expondo as influências nicaragüenses que ameaçam a nação e confirmado nos relatos autobiográficos de crianças imigrantes que tentam compatibilizar as duas culturas.

Baseando-se, em parte, em análises dessas fontes, Sandoval García conclui que seus compatriotas reagem aos nicaragüenses de forma diferente da que reagem à presença de outros estrangeiros. Segundo ele, os costarriquenhos nativos não só se ressentem dos nicaragüenses por ocuparem um espaço precioso, mas fazem da população nicaragüense o bode expiatório para a queda do padrão de vida

na Costa Rica, que já foi o mais elevado da América Central e invejável sob quase todos os critérios. (Ele recomenda buscar a responsabilidade pela deterioração dos serviços públicos e da infra-estrutura, por exemplo, no governo, por ter adotado medidas de reforma econômica neoliberais). Além disso, acrescentou, a total ausência de debate tem permitido que as percepções errôneas persistam.

*Otros Amenazantes* desafia os costarriquenhos, e todos os que vivem em contextos com múltiplas etnias, a transcender o tradicional chamado à tolerância. Sandoval García sugere que os costarriquenhos reconheçam a diversidade de sua comunidade, expressem sua frustração por meio de discurso público e concentrem-se na individualidade de seus vizinhos imigrantes. Mediante esse compromisso, afirma, as sociedades tornam-se inclusivas e realistas. É encorajador saber que esse livro que ataca a discriminação tenha recebido o Prêmio Nacional de Monografia da Costa Rica. —Megan Moriarty, Assistente de Programas da IAF

**Confronting Globalization: Economic Integration and Popular Resistance in Mexico** (*Confrontando a globalização: integração econômica e resistência popular no México*)



Editado por Timothy A. Wise, Hilda Salazar e Laura Carlsen

Kumarian Press: Bloomfield, Conn., 2003

Disponível em inglês

Para bem ou para mal, o Tratado de Livre Comércio da América do Norte aumentou o fluxo de bens, serviços, idéias e pessoas entre os Estados Unidos, Canadá e México. Seu impacto é o foco de *Confronting Globalization: Economic Integration and Popular Resistance in Mexico*, uma coleção de 10 estudos. Eles exploram os problemas que a globalização causa para os pobres, mas também contêm exemplos de comunidades que se organizam em todo o país e além de suas fronteiras para superar esses desafios. Dois estudos que documentam as experiências de

companhias madeireiras dos Estados Unidos no Estado de Guerrero são ilustrativos.

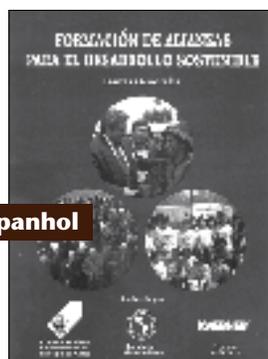
No primeiro, *Human Rights, Ecology, and Economic Integration: The Peasant Ecologists of Guerrero* (Direitos humanos, ecologia e integração econômica: os camponeses ecologistas de Guerrero), Enrique Cienfuegos e Laura Carlsen argumentam que as companhias multinacionais aproveitam-se do contexto político local para maximizar seus benefícios. Por exemplo, a Boise Corporation trabalhou com uma associação de ejidos (comunidades com título de propriedade coletivo) que, segundo se informou, estava controlada com mão de ferro por um cacique conhecido por sua disposição para permitir a destruição das florestas. Embora a Boise pagasse pela madeira preços mais altos do que os compradores locais, caciques corruptos controlavam os contratos com a empresa e só permitiam que os trabalhadores locais recebessem poucos benefícios. Finalmente, os protestos contra a degradação ambiental resultaram na polêmica prisão e suposta tortura de dois ativistas. Paradoxalmente, sua liberação foi obtida mediante campanhas pela Internet e alianças internacionais entre organizações não-governamentais, também características de um mundo mais globalizado.

Em *El Balcón, Guerrero: A Case Study of Globalization Benefiting a Forest Community* (El Balcón, Guerrero: um estudo de caso em que a globalização beneficia uma comunidade silvícola), David Barton Bray, Representante da IAF de 1986 a 1997, e Leticia Merino examinam um bem-sucedido empreendimento florestal comunitário e como ele obteve acesso ao mercado global. El Balcón teve sorte: havia recebido uma doação de terras e também tinha adquirido uma serraria. A comunidade *ejido* inicialmente lutou para administrar esses bens, mas finalmente contratou um profissional que impôs disciplina e começou a melhorar os resultados financeiros. O novo gerente excluiu a maioria dos residentes das operações, mas estes faziam a supervisão mediante um Conselho de Diretores. Quando a empresa se tornou rentável, os residentes foram recontratados; agora, 80% de seus empregados são *ejidos*. El Balcón também teve a sorte de seu maior cliente, a Westwood Forest Products, de Washington, praticar um estilo participativo que apóia extraordinariamente a comunidade. Seria bom que os autores se tivessem aprofundado no desenvolvimento de uma relação tão produtiva.

Outros estudos de caso em *Confronting Globalization* abordam a proteção do investidor, a propriedade intelectual, imigração e remessas, práticas trabalhistas nas maquiladoras e a agricultura. Um estudo documenta o trabalho de um donatário da IAF, o Coordenador Estatal de Productores de Café Oaxaca, que exporta café orgânico e café de comércio equitativo a preços acima dos de

mercado e proporciona uma variedade de serviços a seus membros. Um interessante complemento desse volume seria uma análise mais sistemática de como as comunidades pobres poderiam aproveitar o Tratado de Livre Comércio Centro-Americano, atualmente em debate, e o Tratado de Livre Comércio das Américas, em processo. —Karen Juckett, Assistente Executiva de IAF

## Publicações da IAF ainda disponíveis



Espanhol

As parcerias entre a sociedade civil, empresas e governo são um instrumento valioso do desenvolvimento e para isso *Formación de Alianzas Para el Desarrollo Sostenible* (Formação de Parcerias para o Desenvolvimento Sustentável) é um guia prático para os profissionais interessados em melhorar a qualidade de vida da população de baixa renda.

O livro conduz o leitor pelo processo de formação de parcerias, desde a etapa de planejamento até a criação da aliança e termina com a técnica para medir o impacto. Inclui também exemplos de verdadeiras alianças de trabalho em toda a América Latina e o Caribe.



Inglês

A recente explosão migratória para os Estados Unidos aumentou de forma notável as remessas para a América Latina e o Caribe, ao mesmo tempo em que a assistência oficial estava diminuindo, uma coincidência que transforma as remessas em tema de interesse para a comunidade do desenvolvimento. Em março de 2001 a IAF, em cooperação com o Banco Mundial e a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) das Nações Unidas, co-patrocinou em Washington a primeira conferência multilateral sobre o assunto. As apresentações sobre a possível canalização das remessas para projetos de desenvolvimento estão reunidas em *Approaches to Increasing the Productive Value of Remittances: Case Studies in Financial In-*

*novations and International Cooperative Community Ventures* (Enfoques para aumentar o valor produtivo das remessas: estudos de caso sobre inovações financeiras e empreendimentos internacionais de cooperativas comunitárias), sob a coordenação de Carlo Dade, ex-Representante da IAF.



Inglês

*Togetherness* (Trabalhando em Conjunto) de Beryl Levinger e Jean McLeod é uma análise das experiências de 12 parcerias —formadas entre ONGs, governos municipais e, em alguns casos, as empresas do setor privado— que trabalham no desenvolvimento de base em cinco países latino-americanos. Os autores examinam a terminologia, as etapas e os tipos de parcerias, bem como seus benefícios e seus ônus. As lições aprendidas com a pesquisa no local nem sempre são convencionais, mas encontram amplo apoio nos dados fornecidos por projetos em andamento.



Espanhol

Inglês

O Uruguai é uma sociedade urbanizada, mas a maioria dos projetos da IAF nesse país foi realizada na zona rural. No livro *The Small Farmer Sector in Uruguay: A Partnership in Development Cooperation* (O pequeno setor agrícola do Uruguai: uma parceria de cooperação para o desenvolvimento), publicado em 1989, Cynthia Ferrin, especialista em movimentos cooperativistas no Uruguai e Representante da IAF de 1974 a 1987, descreve como, por meio de esforços de auto-ajuda

e assistência externa, as cooperativas do campo enfrentaram os desafios do contexto econômico e político uruguaio do final do século XX.



Espanhol

Inglês

Em 1969, o Congresso dos EUA criou a IAF com a finalidade de atender às necessidades da população de base. Oito anos mais tarde, o pessoal

da IAF avaliou sua experiência com o desenvolvimento baseado na auto-ajuda e publicou *They Know How* (Eles sabem). O título faz alusão a outro livro intitulado *We Don't Know How* (Não sabemos), uma resenha anterior, sobre os fracassos da ajuda externa. O livro baseia-se na relação da IAF com 94 donatários para afirmar que a população de baixa renda organizada é quem mais sabe melhorar as condições de suas comunidades e que pode ser responsável por seus próprios projetos de auto-ajuda. A obra, um dos clássicos da literatura do desenvolvimento, foi reimpressa em 1991.



Espanhol

Inglês

Antes de ser suspenso em 2000, o Programa de Bolsas de Estudos da IAF para Doutorado em Universidades dos EUA concedia apoio financeiro aos estudantes em sua busca por tópicos cuja diversidade está refletida em *Inquiry at the Grassroots: An Inter-American Foundation Fellowship Reader* (Consulta na base: uma leitura das bolsas de estudos da Fundação Interamericana). Em

1993, Willian Glade, principal pesquisador do Centro Internacional Woodrow Wilson; Charles A. Reilly, Diretor de Estudos Temáticos da IAF; e Diane Bendahmane, Diretora Técnica de Serviços de Informação do Instituto Internacional de Ciência e Tecnologia, uniram forças para publicar essa coleção de relatórios sobre os diversos aspectos do desenvolvimento e alívio da pobreza.



ROGER BOWMAN

Gualberto Condori Beltrán em uma foto publicada em *Desenvolvimento de Base* 1988.



Espanhol

Inglês

A série de estudos *New Paths to Democratic Development in Latin America: The Rise of NGO-Municipal Collaboration* (Novos caminhos para o desenvolvimento democrático na América Latina: o surgimento da cooperação entre ONGs e municípios), editada por Charles A. Reilly, ex-Diretor de Pesquisas e Estudos Temáticos da IAF, examina a relação entre o governo e o terceiro

setor em diversos países. Embora os estudos tenham sido concluídos em 1990 e 1991, continuam a ser relevantes para o debate sobre quem deve prestar serviços sociais e como pagar por eles. O livro sustenta que 72% dos latino-americanos vivem em cidades. Para responder às necessidades desses moradores urbanos, a publicação vê as ONGs como instâncias de união, e não de oposição, aos governos municipais.

**Para obter um exemplar gratuito dessas publicações da IAF, envie seu pedido a [information@iaf.gov](mailto:information@iaf.gov).**

# Pioneiros do chocolate orgânico

— LUIS CRUZ MAMANI E GUALBERTO CONDORI BELTRÁN —

A comunidade de profissionais do desenvolvimento de base perdeu a dois de seus heróis com o falecimento de Luis Cruz Mamani acontecido em 21 de maio de 2003 e de Gualberto Condori Beltrán em 7 de fevereiro de 2005. Luis tinha 51 anos de idade e Gualberto rondava os 46. Ambos dedicaram suas vidas à população rural pobre da Bolívia. Eles serão particularmente lembrados entre os líderes mais dedicados e talentosos da Central Regional de Cooperativas Agropecuarias e Industriales El Ceibo, donatária da IAF e uma federação de cooperativas com 900 sócios das comunidades indígenas aimará, quêchua e mostem que é exemplo notável das iniciativas de autoajuda que se empreendem na América Latina.

Os dois, indígenas aimarás de origem pobre, chegaram aos llanos do este da Bolívia procedentes do altiplano ocidental em uma onda de migrantes que buscavam um futuro melhor. A princípio da década de 1970, ambos abriram suas terras de cultivo nas selvas tropicais do rincão da região amazônica da Bolívia conhecido como Alto Beni. Ambos haviam completado a escola secundária e Cruz tinha um diploma do instituto pedagógico local. Por meio de seu trabalho com as cooperativas, ambos puseram sua educação e seu talento ao serviço dos camponeses que lutavam por ganhar a vida.

A idéia de Luis e Gualberto era fundar uma empresa autonegociada por agricultores que reunisse os produtores locais do Alto Beni. Para isso estabeleceram El Ceibo e estiveram a cargo de sua direção por 20 anos, supervisionando e participando em programas de investigação, extensão agrícola, formulação de projetos, transporte, gestão comercial, contabilidade, comercialização e, com o tempo, exportação a mercados de comércio justo, de produtos orgânicos e outros. El Ceibo recebeu diversas doações da IAF durante suas primeiras etapas e os doadores da Europa Ocidental proporcionaram outras doações e empréstimos macios. Uma corrente de voluntários alemães colaborou com aqueles que se revezavam

nos principais cargos de El Ceibo, que tinha dirigentes estruturados em diversos níveis. Luis e Gualberto viram como o número de participantes aumentou de 12 a 38 cooperativas dispersas pelas montanhas da região e ao longo do Rio Beni.

El Ceibo incentivou os agricultores do Alto Beni a abandonar o modelo de monocultura —comum nos anos 70 nas zonas tropicais— bem como sua dependência de produtos químicos e de intermediários. Estas mudanças contribuíram à transformação dos sistemas de produção de cacau que eram até esse momento insustentáveis e ineficazes no mercado. Hoje, os sócios de El Ceibo são modelo de produção da agrosilvicultura

orgânica que não é prejudicial ao solo, aos rios, aos bosques e à diversidade biológica. Esta empresa, a primeira em produzir e exportar cacau orgânico e produtos de chocolate da América do Sul falante de espanhol, compra dois terços dos grãos de cacau da Bolívia. As que não são elabora-

das para fazer os 40 produtos diferentes que El Ceibo vende nos mercados de consumo local e internacional, são vendidas a outras empresas que em 2004 pagaram quase US\$2 milhões por elas.

Luis se tinha desempenhado mais recentemente como gerente de comercialização de El Ceibo, um posto que deixou em 1998. Durante sua gestão, Luis foi convidado a participar de uma conferência da Câmara de Representantes dos EUA, realizada no edifício Raiburn desse corpo legislativo, onde apresentou suas idéias sobre as estratégias eficazes aplicáveis ao desenvolvimento na América Latina e os desafios que enfrentam os pequenos produtores na era da globalização econômica.

Luis passou seus últimos anos de vida trabalhando com agricultores na pesquisa sobre plantas medicinais e aromáticas para outra inovadora empresa pluricomunitária. Sua viúva, Ana Maria Condori, prominente líder do desenvolvimento de base por mérito próprio e que conheceu a Luis no início da década de 70, está desenvolvendo agora uma promissora empresa com as comunidades



aimarás juntamente com sua filha, agrônoma de profissão.

A princípios da década de 1990, Gualberto recebeu uma bolsa de estudos de El Ceibo para cursar estudos de administração de empresa na universidade de San Andrés, em La Paz. Sua tese versou sobre El Ceibo como modelo de empresa social que combina conceitos da cultura ocidental e da cultura andina. Quase uma década mais tarde e seguindo seus passos, sua filha obteve o mesmo título na mesma universidade com o mesmo espírito idealista e com a mesma dedicação. Ao longo da primeira metade da década de 1990, Gualberto ocupou postos de liderança e consultoria em El Ceibo e em seguida foi mentor de líderes jovens. Como assessor oficial de CIOEC, a rede mais importante de associações produtoras da nação boliviana, compartilhou as lições aprendidas durante sua experiência em El Ceibo. Posteriormente proporcionou apoio técnico às associações cafeicultoras aimarás com o objetivo de ajudá-las a conseguir acesso a mercados de comércio justo e de produtos orgânicos no estrangeiro e a melhorar sua capacidade competitiva.

Em 1994, para comemorar seu 25º aniversário, a IAF convidou representantes de 16 projetos de base ao Festival Folclórico da Instituição Smithsonian. Gualberto foi um dos oito delegados de El Ceibo que participou em atividades interativas sobre cultura e desenvolvimento apresentadas pelos donatários da IAF durante este festival, que se realiza ao ar livre, e tomou parte como expositor em uma mesa redonda da conferência sobre desenvolvimento internacional realizada na Universidade de Chicago. Mais adiante viajamos juntos a Vermont para investigar a possibilidade de assinar um convênio com a empresa de gelados Ben and Jerry, cujo pessoal confeccionou deliciosas provas de sorvete utilizando o chocolate produzido por El Ceibo. Os fabricantes de todo o mundo reconhecem cada vez mais que as sementes de cacau do Alto Beni são das de mais sabor e líderes como Luis e Gualberto merecem este reconhecimento.

Este ano, a Instituição Smithsonian apresentou as realizações de El Ceibo como parte do programa de Culturas Culinárias-EUA. do Festival Folclórico. Ao pôr relevo o êxito comercial desta empresa comunitária e seu efeito positivo na selva tropical e outros recursos naturais, as imagens de Luis e Gualberto me voltaram à mente. Sua visão social e serviço vitalício deixaram um legado perdurável. —Kevin “Benito” Healy, representante da IAF para Bolívia e Colômbia e autor de *Chamas, Weavings and Organic Chocolate*.

*Luis Cruz Mamani em uma foto publicada em Desenvolvimento de Base 1988.*





---

[www.iaf.gov](http://www.iaf.gov)